



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Marília

Lourenço Chacon Jurado Filho

INSTABILIDADES DA LINGUAGEM:
DISCURSO, LÍNGUA E SUAS RELAÇÕES

Marília

2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Marília

Lourenço Chacon Jurado Filho

Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações

Texto apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de livre-docente em Linguística em Fonoaudiologia, junto à Faculdade de Filosofia e Ciências “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – Campus de Marília.

Disciplina: Linguística Geral.

Marília

2017

Chacon, Lourenço.
C431i Instabilidades da linguagem : discurso, língua e suas relações /
Lourenço Chacon Jurado Filho. – Marília, 2017.
185 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Livre-Docência - Lingüística em Fonoaudiologia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e
Ciências, Marília, 2017.

Bibliografia: f. 175-185.

1. Lingüística. 2. Fala. 3. Hesitação. 4. Parkinson, Doença de.
5. Crianças – Linguagem. 6. Ortografia. 7. Percepção da fala.
8. Fonoaudiologia. I. Título.

CDD 410

Lourenço Chacon Jurado Filho

Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações

Texto apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de livre-docente em Linguística em Fonoaudiologia, junto à Faculdade de Filosofia e Ciências “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – Campus de Marília.

Disciplina: Linguística Geral.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Célia Maria Giacheti – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Marília/SP

Profª Drª Leda Verdiani Tfouni – Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto/SP

Profª Drª Raquel Salek Fiad – Universidade de Campinas – UNICAMP – Campinas/SP

Profª Drª Rosana do Carmo Novaes Pinto – Universidade de Campinas – UNICAMP – Campinas/SP

Profª Drª Simone Aparecida Capellini – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Marília/SP

Profª Drª Ester Mirian Scarpa – Universidade de Campinas – UNICAMP – Campinas/SP (suplente)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho – Universidade Estadual Paulista – UNESP – São José do Rio Preto/SP (suplente)

Marília

2017

Agradecimentos

Os agradecimentos que faço aqui mostram uma pequena parte (talvez aquela que se apresente para mim como mais acessível) do inacessível das diferentes presenças na trajetória de reflexão descrita e desenvolvida no presente texto.

Mas antes dos agradecimentos a essas presenças, pelas diferentes e inestimáveis formas de apoio que recebi para o desenvolvimento de todo o processo de livre-docência, agradeço, primeiramente no plano pessoal, a: Sonia Maria Martins Guirado, Aparecida Tereza Dias, Mariana de Almeida Lourenço, Sandra Regina Bossa, Luiz Eduardo Galvani, Emerson Calora Perossi, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Larissa Cristina Berti, Larissa Maria Felipe, Carlos Aurélio Sobrinho, Gabriela de Oliveira Codinhoto, Diego Jesus Rosa Codinhoto e Anahi Rocha Silva. No plano profissional e pessoal, agradeço aos colegas servidores técnico-administrativos que, durante o período em que estavam em greve, mesmo assim, tudo fizeram para que as diferentes exigências de meu processo fossem cumpridas (e no prazo!): Ana Lúcia Bincoletto, Ana Paula Rodrigues, Aparecida de Moraes Sgorlon Trinca, Denise Gomes Martins, Eder Ludovico de Matos, Elizangela da Silva Ribeiro, Renato Geraldi, Rosemar Rosa de Carvalho Brena, Sérgio Adriano Giroto Marques, Sueli Esteves Quiquinato, Tatiana Cristina Amorim Zanini Fonseca, Tatiana Cristina Segatto, Telma Jaqueline Dias Silveira e Tiago Siqueira de Oliveira. Ainda no plano profissional e pessoal, agradeço, pelo apoio administrativo e pelo grande incentivo pessoal, meus colegas docentes do Departamento de Fonoaudiologia: Célia Maria Giacheti, Edson Luis Maistro, Eliana Maria Gradim Fabron, Luciana Pinato, Roberta Gonçalves da Silva, Sandra Regina

Gimeniz Paschoal, Simone Aparecida Capellini e Vitor Engrácia Valenti. Agradeço, por fim, todo apoio logístico e pessoal (muito frequentemente regado a sessões de cafezinhos, bolachas, pães e geleias) que recebi de minhas queridas orientandas Isabela de Oliveira Pizarini, Larissa Aparecida Paschoal e Suellen Vaz de Souza.

Feitos esses agradecimentos iniciais, passo a listar pessoas que, lado a lado com as fabulosas figuras que forneceram os alicerces principais das reflexões que aqui exporei – Authier-Revuz, Pêcheux e Tfouni –, compõem interlocuções fundamentais (mais-recentemente presentes ou sempre-já presentes) do desenvolvimento de minha trajetória: Ana Paula Nobre da Cunha, Ana Ruth Moresco Miranda, Cristiane Carneiro Capristano, Clélia Cândida de Abreu Spinardi Jubran (*in memoriam*), Elaine Cristina de Oliveira, Fabiana Cristina Komesu, Juliana Longo Bonatto de Freitas, Julyana Chaves Nascimento, Larissa Cristina Berti, Leda Verdiani Tfouni, Luciana Lessa Rodrigues, Luciani Ester Tenani, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Maria Cláudia Camargo de Freitas, Maria Helena Mira Mateus, Maria João dos Reis de Freitas, Raquel Salek Fiad, Roberta Cristina Rodrigues Vieira, Rosana do Carmo Novaes Pinto e Sanderléia Roberta Longhin.

Passo, a seguir, aos agradecimentos a todos os orientandos que tive até o presente momento – direta ou indiretamente presentes/mostrados neste texto de relato de minha trajetória de investigação. Listo-os na sequência temporal em que a interlocução com cada um deles se instituiu: Elaine Cristina de Oliveira, Julyana Chaves Nascimento, Camila Ribas Delecrode, Claudia Rossi Ferreira, Cristiane de Araujo, Renata Cano Ferreira Freitas, Caroline da Silva Barrozo, Eloá Francisco Drobina, Maria Cláudia Camargo de Freitas, Renata Pelloso Gelamo, Juliana de Souza Moraes Mori, Lilian Fátima Zaniboni, Luciana Lessa Rodrigues, Cristiane Carneiro Capristano,

Cristiane Regina Xavier Fonseca, Alessandra Carla Comar, Melodi Witt, Ísis Fernanda Vicente de Paula, Leni Sayuri Mizuta, Cláudia Mileide de Lima, Carlos Eduardo Borges Dias, Fernanda de Oliveira Costa, Manuela Beneti, Thaís Firmo Carvalho, Márcia Pereira Serra, Roberta Cristina Rodrigues Vieira, Daniele Maciel da Silva, Luana de Lima, Micheliny Cruz Reis, Maria Rosirene de Lima Pereira, Simone Sperança, Fernanda Domenegheti, Maira Camillo, Natália Faloni Coelho, Aline Simão do Amaral, Amanda Burgemeister, Monique Herrera Cardoso, Ymorian Vilela Zwarg, Juliana Longo Bonatto de Freitas, Karina Geraldo Baptista, Cristyane de Camargo Sampaio Villega, Milena Fraga, Suellen Vaz de Souza, Cristina Gonçalves de Melo, Jéssica Santos Cardoso Zaniboni, Tamires Soares Moreira, Thaís Rosa dos Santos, Akisnelen de Oliveira Torquette, Ana Cândida Schier Martins Lopes, Bianca de Carvalho Coelho, Isabela de Oliveira Pezarini, Larissa Aparecida Paschoal, Tamires de Andrade, Aparecido José Couto Soares e Aline Suelen Santos.

Mas antes desses meus orientandos, houve os primeiros alunos meus, do curso de Fonoaudiologia da UNESP, que se interessaram pelos estudos linguísticos sobre a linguagem antes mesmo que eu pudesse ter, formalmente, orientandos. Até hoje permanece, com a maioria desses meus ex-alunos (que, na prática, considero também como orientandos), uma forte interlocução. Com eles, fiz muitas e produtivas leituras sobre teorias linguísticas. Com eles, também, passei a ter meus primeiros contatos com as questões de linguagem que circulam no campo da Fonoaudiologia – sobretudo as de natureza clínica. O interesse desses meus ex-alunos pelos estudos linguísticos motivou-me, muito fortemente, a querer abordar essas questões (não só pelo seu potencial científico, mas, principalmente, pela paixão que me despertaram) e a buscar interpretações linguístico-discursivas para elas. Agradeço, então, e muito!, a esses meus

ex-alunos, listados também na sequência com que a interlocução com cada um se instituiu: Alessandra Carla Comar, Luciana Cláudia Leite Flosi, Alessandra Aparecida Nunes, Cristina Ide Fujinaga, Larissa Cristina Berti, Carla Alessandra Scaranello Domingues, Ana Paula Duca, Cristiane Marangon, Danielle Peres Toigo, Elisabete Giusti e Soraia Andrade de Lima.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – PCN, tópicos 1-7: grau de duração das pausas iniciais.....	29
Tabela 2 – PCN, tópicos 1-7: grau de duração das pausas internas	30
Tabela 3 – PJP, tópicos 1-15: grau de duração das pausas iniciais	30
Tabela 4 – PJP, tópicos 1-15: grau de duração das pausas internas	30
Tabela 5 – PCN, tópicos 1-7: distribuição das pausas não-preenchidas, preenchidas e mistas e sua duração média	31
Tabela 6 – PJP, tópicos 1-15: distribuição das pausas não-preenchidas, preenchidas e mistas e sua duração média	31
Tabela 7 – PCN, tópico 2: grau de duração das pausas iniciais	32
Tabela 8 – PCN, tópico 5: grau de duração das pausas iniciais	32
Tabela 9 – PCN, tópico 2: grau de duração das pausas internas	32
Tabela 10 – PCN, tópico 5: grau de duração das pausas internas	33
Tabela 11 – PJP, tópico 5: grau de duração das pausas iniciais	33
Tabela 12 – PJP, tópico 7: grau de duração das pausas iniciais	33
Tabela 13 – PJP, tópico 5: grau de duração das pausas internas	33
Tabela 14 – PJP, tópico 7: grau de duração das pausas internas	33
Tabela 15 – Distribuição e percentual das marcas de hesitação.....	99
Tabela 16 – Distribuição e quantidade dos pontos de hesitação	99
Tabela 17 – Distribuição numérica e percentual das marcas simples e das marcas combinadas	100
Tabela 18 –Acurácia perceptual-auditiva e ortográfica.....	117
Tabela 19 – Percepção-auditiva de contrastes entre as soantes nas crianças do 1º ano.....	123
Tabela 20 – Ortografia de contrastes entre as soantes nas crianças do 1º ano	123
Tabela 21 – Percepção-auditiva de contrastes entre as soantes nas crianças do 2º ano.....	124
Tabela 22 – Ortografia de contrastes entre as soantes nas crianças do 2º ano	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de acertos no 1º ano.....	117
Gráfico 2 – Percentual de erros no 1º ano	118
Gráfico 3 – Percentual de não-respostas no 1º ano	118
Gráfico 4 – Percentual de respostas não-interpretáveis no 1º ano.....	119
Gráfico 5 – Percentual de acertos no 2º ano.....	120
Gráfico 6 – Percentual de erros no 2º ano	120
Gráfico 7 – Percentual de não-respostas no 2º ano	121
Gráfico 8 – Percentual de respostas não-interpretáveis no 2º ano.....	121
Gráfico 9 – Erros de percepção-auditiva de acordo com as subclasses no 1º ano.....	125
Gráfico 10 – Erros de ortografia de acordo com as subclasses no 1º ano.....	125
Gráfico 11 – Erros de percepção-auditiva de acordo com as subclasses no 2º ano.....	126
Gráfico 12 – Erros de ortografia de acordo com as subclasses no 2º ano	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pares contrastivos de soantes	113
--	-----

SUMÁRIO

A título de introdução.....	11
O primeiro momento: a instabilidade do não-apropriado das pausas	16
O segundo momento: a instabilidade das hesitações	56
O terceiro momento: a instabilidade da língua.....	95
Palavras finais: de onde o instável e o que dizer de suas relações com o estável?.....	152
Passos futuros.....	166
Referências bibliográficas	168

A título de introdução

Venho de uma formação em linguística voltada (do início da graduação ao término do doutorado) ao que se pode considerar como o estável da linguagem. Durante a graduação, era o pensamento formalista/racionalista de Chomsky sobre a competência linguística que me encantava – de início, acerca de seu componente sintático; mais ao final, acerca do fonológico. No mestrado, vivi um deslocamento do foco de interesse do estável da linguagem: encantei-me pelas regularidades discursivas e, àquela época, releguei a planos de interesse secundário as regularidades formais. No doutorado, na busca de entender como o ritmo – enquanto característica fundamental (já que organizadora) da linguagem – se mostrava na enunciação escrita, cheguei a uma conciliação entre esses dois estatutos diferentes do estável da linguagem: o formal e o discursivo. É que passei a ver as regularidades formais (com destaque às fonológicas de natureza prosódica) sobretudo como marcas linguísticas de regularidades discursivas nesse tipo de enunciação.

Porém, com o término do doutorado, em 1996, outros aspectos da linguagem passaram a ocupar o primeiro plano de minha curiosidade e de meu interesse de investigação. Na prática, já vinha me deparando com eles desde 1991, quando passei a integrar o corpo docente do curso de Fonoaudiologia da FFC/UNESP, embora não me fosse possível enfrentá-los em razão de meu doutorado, ainda em desenvolvimento. Tratava-se daqueles aspectos considerados como dificuldades, desvios, problemas ou distúrbios de linguagem. A partir de 1996, já tendo concluído o doutorado, passei a estabelecer, com algum sucesso, diálogos, pontos de contato e – também – pontos de confronto entre o modo como a ciência linguística observa e constrói explicações para o fenômeno linguístico (independentemente de se desenvolver em contextos considerados

como de normalidade ou de patologia) e o modo como as ciências biomédicas tendem a recortar e a dar explicações para esse mesmo fenômeno (sobretudo em contextos tidos como patológicos). Voltei-me, então, para o que é considerado como irregular, alterado, não-adequado, não-padrão na linguagem, ou seja, para aquilo que nela evoca o instável. Não que o instável seja desconsiderado nos estudos linguísticos; ao contrário, desde sempre, nesses estudos, ele se mostra como um incômodo, que pode/deve ser descartado ou submetido a filtros (como nos estudos gerativistas), atribuído à variação e/ou à subjetividade, ou ainda, mais recentemente, a zonas opacas do próprio sistema linguístico.

Contrariamente, porém, a uma visão do instável como algo não-apropriado, ou a uma visão dele como o incômodo da regularidade, passei estes últimos 20 anos de minha trajetória de investigação tentando mostrar como ele é constitutivo da linguagem em todos os seus aspectos: “(...) [na] linguagem em ato, (...) [na] linguagem em estado nascente, [na] linguagem em dissolução.” (JAKOBSON, 1975, p. 34).

Essa trajetória, porém, não foi linear, como mostrarei a seguir. Com efeito, lidar com o instável foi (e têm sido) lidar preferencialmente com o insólito e, sobretudo, com os sucessivos e necessários deslocamentos para melhor compreender seu estatuto na linguagem. Como se verá, esses deslocamentos, além de uma dose de acaso, resultaram de análises de dados de pesquisas, de injunções profissionais, ou mesmo de percalços, cujos efeitos se materializaram em descobertas (e redescobertas) de objetos de investigação, mudanças de objetos e/ou de concepção teórico-metodológica de investigação, mudanças de grupos de sujeitos, dentre outras. Mas eles foram (e têm sido) constitutivos da trajetória que empreendi.

Na sistematização crítica que faço dessa trajetória, separo em três momentos a descrição de suas condições de produção. Esses momentos remetem aos três aspectos da

linguagem que mais investiguei até o presente: (1) a instabilidade do não-apropriado das pausas; (2) a instabilidade das hesitações; (3) a instabilidade da língua. A título de apresentação, exponho aqui, resumidamente, as características que vejo como essenciais de cada um desses momentos.

O primeiro deles pode ser caracterizado como o momento em que o caráter tido como não-apropriado das pausas na fala de sujeitos com Doença de Parkinson constituiu meu principal objeto de investigação do instável da linguagem. A marca linguística preferencial de detecção desse caráter das pausas foi a sua (oscilante) duração. Ser constitutivo da linguagem, porém, é uma percepção do instável que (re)afirmo hoje, o que equivale a dizer que não foi com essa percepção que o investiguei nesse primeiro momento. Como se verá, na construção teórica que fiz dele, o instável viria “de fora” da linguagem, ou seja, estaria na linguagem como algo que lhe seria exterior, e as marcas de instabilidade nela deixadas seriam descritíveis em função do que caracterizei como a linguagem em uso – “uso” entendido, nesse primeiro momento, como atividade conversacional.

Mesmo que, com esse olhar, minha trajetória tenha tido êxitos acadêmicos, não tardou, porém, que eu viesse a me incomodar com a base de sua construção. O incômodo com pilares dessa base (como a concepção de linguagem em uso enquanto atividade conversacional e das marcas linguísticas do objeto de investigação – as pausas – entendidas como interrupções da sequência temporal-gramatical da fala) acabou por ter efeitos fortemente inquietantes no desenvolvimento de minha pesquisa, provocando deslocamentos que fizeram emergir o que considero como o segundo momento de minha trajetória de investigação desses últimos 20 anos.

Nesse segundo momento, desloca-se o objeto de investigação, na medida em que o caráter não-apropriado das pausas, em si mesmo, não mais constitui esse objeto, mas,

sim, as hesitações. Reconfiguradas, no entanto, as pausas permanecem como marca linguística do objeto, embora vistas não mais como interrupções da sequência temporal-gramatical da fala, mas como uma (dentre várias outras) marcas de hesitação. Também se desloca minha concepção de linguagem em uso: de atividade conversacional, ela passa a ser entendida como discurso – com os sentidos preferenciais com que os estudos de orientação francesa o definem. E, fato que considero como o de maior importância nesse deslocamento, passo a ver o instável não mais como algo exterior à linguagem, mas como algo que lhe seria interior e constitutivo: o instável da linguagem, uma propriedade dela. Permanecem, contudo, os sujeitos (empíricos) de investigação, os parkinsonianos, mas vistos, enquanto sujeitos, no sentido discursivo que esse termo adquire, em razão do deslocamento epistemológico que marca o segundo momento de minha trajetória.

Injunções profissionais – sobretudo, mas não exclusivamente – levaram-me a um terceiro momento dessa trajetória. Foi quando comecei a me voltar não apenas para dados de fala (como as hesitações), mas, também, para dados que indiciam relações entre características da fala e características da escrita (conforme se mostram na ortografia ou nas segmentações não-convencionais de palavras). Foi, ademais, quando me voltei para a linguagem em constituição, e não mais para mudanças de condição de (seu) uso provocadas por uma patologia (no adulto).

Voltar-me para esses dados, no entanto, não se deu sem deslocamentos no plano epistemológico. Com efeito, não foram exatamente hesitações ou oscilações de escrita que se tornaram meus (novos) objetos de investigação. Hesitações e oscilações da escrita mostraram-se, na verdade, como diferentes formas do que vim a entender como instabilidades da própria língua – estas, sim, o novo objeto de investigação. Que fique claro, porém, já de partida, que não se trata de um “retorno” a uma língua que se

mostraria como autônoma ou não afetada, não constituída, pelo discurso, mas de uma língua que se caracterizaria, antes, como um dos *outros* constitutivos do discurso. Em outras palavras, o que fiz (e que continuo a fazer) foi justamente investigar como ela mesma, em sua autonomia relativa, como propõe Pêcheux, mobilizada e constituída pelo discurso, deixa marcas de sua forte presença (como um *outro*) no discurso.

É assim que hoje, e neste texto, (re)construo minha trajetória de investigação. Como se verá, os tópicos que, particularmente, considero como mais significativos dessa trajetória serão ilustrados por excertos de pesquisas que desenvolvi e que venho desenvolvendo como fruto de diálogos interiores ou de bem sucedidos diálogos com (ex)orientandos. Será a ocasião de expor com mais detalhes, bem como exemplificá-las, as características que, resumidamente, acabo de apresentar.

Por último, um esclarecimento quanto ao estatuto deste trabalho de livre-docência. Constituindo-se, pelo menos em parte, do retorno de trabalhos anteriores, não é, porém, ou portanto, uma simples compilação. Tampouco a descrição de minha trajetória de investigação é pura lembrança. Mais do isso, trata-se de extrair dessa trajetória, com o benefício do distanciamento, direção e sentido, ou, em outros termos, de defendê-la como uma tese, estatuto para o qual espero ter como aliado o tom narrativo que escolhi para dialogar com (meus) estados de leitura e histórias de possíveis leitores.

**O primeiro momento:
a instabilidade do não-apropriado das pausas**

Esse primeiro momento decorreu do acaso, ou melhor, de um encontro – constitutivo, fundamental e definitivo para toda a minha história de investigação após a obtenção do título de doutor. Em 1996, uma aluna me procurou para desenvolver uma pesquisa de iniciação científica. Era Elaine Cristina de Oliveira, hoje docente e pesquisadora do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia. Seu interesse: questões vocais de sujeitos acometidos pela Doença de Parkinson. Nada, portanto, relacionado ao conhecimento que eu tinha construído até aquele momento (sobre regularidades discursivas marcadas pelos aspectos rítmicos da escrita). Várias conversas foram necessárias até chegarmos a um ponto comum de interesse: dela, permaneceram os sujeitos; para mim, talvez pelas questões vocais, iluminou-se a prosódia, assunto que já tinha contemplado em minha tese de doutorado.

Em uma das leituras que fiz durante a condução desse trabalho (para mim totalmente novo) de orientação, chamou-me a atenção o fato de, dez anos antes, Robbins, Longemann e Kibshner (1986) já terem alertado que problemas de linguagem eram verificados em mais de 92% dos parkinsonianos. Busquei, então, conhecer esses problemas, bem como as explicações fornecidas para a sua ocorrência.

Duas surpresas aguardavam-me: (1) diferentemente do que ocorria com as chamadas afasias, nas revistas de linguística (nacionais e internacionais), não havia (e, ainda hoje, são bem poucos) trabalhos sobre os problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos; (2) praticamente só a literatura biomédica se encarregava de abordar esses problemas – e muito raramente com a participação de linguistas.

Passei, então, a ter contato com um sem-número de artigos produzidos por esse tipo de literatura (a maioria extraída de revistas internacionais), voltados para as questões de linguagem em parkinsonianos¹. Constatei que, de modo geral, desde os estudos mais antigos até os (então) mais recentes, o que a literatura chamava de problemas de linguagem dizia respeito, sobretudo, àqueles relacionados à esfera motora da produção da fala. Na verdade, eram destacados problemas que, de um ponto de vista linguístico – mas não-necessariamente biomédico –, se verificavam na produção de características prosódicas da fala (tais como intensidade e velocidade) e na produção de fonemas (vista, em seu aspecto físico, como “embaralhada”²). A explicação para esses dois grupos de problemas à época (e ainda hoje) é predominantemente a mesma: a dificuldade motora, característica da doença, atinge também a produção da fala, em seu aspecto físico.

No entanto, no contato com trabalhos produzidos no campo biomédico, chamou-me a atenção também uma outra característica da fala dos parkinsonianos bastante mencionada: dificuldades de memória. Eram, e ainda são, categorizadas como sendo de natureza cognitiva, embora de um ponto de vista linguístico muitas delas melhor pareceriam se deixar interpretar como dificuldades em aspectos semânticos da linguagem. Chamou-me, pois, a atenção a frequente referência a essas dificuldades justamente por não serem associadas à linguagem nos trabalhos que as mencionavam. Desse modo, os sujeitos parkinsonianos teriam, de um lado, dificuldades motoras (que se estenderiam à linguagem, mais especificamente à produção da fala) e, de outro, dificuldades cognitivas (que não teriam, pelo menos em princípio, relação com a

¹ As características de vários desses trabalhos serão expostas mais adiante.

² Tradução que fiz da palavra *blurred*, frequentemente usada nessa literatura para designar um aspecto da percepção desse tipo de fala, caracterizada como confusa, turva, às vezes, ininteligível, em contraste com a clareza, limpidez e inteligibilidade atribuídas à fala de sujeitos não acometidos por nenhum tipo de doença.

linguagem). E mais: com raríssimas exceções³, dificuldades motoras e dificuldades cognitivas não estariam em relação na descrição dos sintomas da doença – o que acarreta em ver como dicotomizados, na atividade linguística de sujeitos parkinsonianos, aspectos motores e aspectos simbólicos.

De minha parte, acredito que o fenômeno linguístico se caracteriza justamente pela integração entre elementos de diferentes naturezas, e não pela sua dissociação. Em um de meus trabalhos⁴, fiz referência a uma formulação seminal de Saussure (1979), fundamental para o percurso que fiz na investigação dos problemas de linguagem de parkinsonianos:

(...) admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a idéia, uma unidade complexa, fisiológica e mental. (op. cit., p. 16).

Assim, a inquietação que me moveu a trilhar (individualmente ou com meus orientandos) esse percurso foi a de buscar, cada vez mais, comprovações de que, na verdade, os problemas na produção de enunciados falados de sujeitos parkinsonianos não resultariam exclusivamente de suas dificuldades motoras, mas, sobretudo, de diferentes graus de integração dessa esfera da produção da fala com fatos provenientes de sua esfera simbólica. Isso porque, se se tratasse apenas de dificuldades motoras, os enunciados falados mostrariam, em qualquer ponto de sua produção, essa dificuldade. De fato, o que verifiquei foi uma flutuação dessa dificuldade motora na produção dos

³ Tomo como exceções trabalhos como os de Mayeux *et al* (1981), Growdon, Corkin e Rosen (1990), Pang *et al* (1990), Owen *et al* (1992) e Hayashi *et al* (1993), na medida em que, neles, são tematizadas relações entre problemas atribuídos ao que os autores entendem como cognição e desordens motoras na Doença de Parkinson. Em atualização bibliográfica feita em 2015, mais um estudo pôde ser incluído nessa lista de exceções. Trata-se de estudo no qual a chamada programação motora da fala é entendida como “processo de transformação de representações linguístico-simbólicas em um código motor” (SPENCER; ROGERS, 2005, p. 347).

⁴ Cf. Chacon (2002).

enunciados, que ocorria justamente porque, nos melhores e nos piores momentos de sua produção, detectavam-se relações entre a menor (ou maior) dificuldade motora e a menor (ou maior) dificuldade simbólica (ou cognitiva) envolvidas nos enunciados.

Mas com que dados cheguei a esses resultados? A resposta a essa questão supõe que eu especifique, um pouco mais, a visão que a literatura biomédica predominantemente constrói sobre as alterações de linguagem decorrentes da Doença de Parkinson. Conforme antecipei, ela enxerga, sobretudo, o que tais alterações revelam sobre os aspectos linguísticos mais imediatamente apreensíveis, em termos físicos, da linguagem: os prosódicos e os articulatórios da fala.

Dada a ênfase que essa mesma literatura coloca em tais aspectos, pensei em priorizar, como dados de pesquisa, justamente aqueles que, de um ponto de vista linguístico, embora de algum modo relacionados a questões prosódicas e articulatórias, eram pouco descritos/explicados por ela: as chamadas pausas inapropriadas e as chamadas disfluências. A propósito, o fragmento a seguir, extraído de publicação mais recente (de 2004), é bastante representativo de como essas pausas e hesitações são descritas na literatura biomédica:

Comportamentos de fala, tais como **pausas colocadas anormalmente**⁵, dificuldade de progressão do enunciado e dificuldade em iniciar a articulação são características de falantes com DP [Doença de Parkinson] e poderiam resultar de uma dificuldade em manter a programação motora da fala. Adicionalmente, a habilidade reduzida para mudar a programação motora da fala seria consistente com comportamentos da fala tais como dificuldade em parar uma resposta presente, **hesitações marcadas entre segmentos de movimento** e, ocasionalmente, inabilidade em mudar de um movimento para o outro. Estes comportamentos são realmente evidentes na fala de indivíduos com Doença de Parkinson.” (SPENCER; ROGERS, 2005, p. 348).

⁵ Grifos meus.

Em razão de meu interesse pelo aspecto simbólico das pausas, interessava-me saber o que se caracterizava como “pausas inapropriadas” (ou “pausas colocadas anormalmente”) e como “disfluências”. Perguntava-me: a que corresponderia, em termos linguísticos, o que (no interior e nos limites do recorte biomédico) se postula como um caráter “não-apropriado” das pausas? Perguntava-me ainda: o que se pode apreender, também em termos linguísticos, do caráter tido como embaralhado, confuso, indefinido das disfluências (na sua relação com dificuldades de produção de fonemas)? Levantei, então, duas hipóteses sobre a menor ênfase nesses aspectos físicos da fala. Talvez ela se devesse (ou se deva, ainda) a uma percepção difusa da natureza dessas alterações, bem como à falta de instrumental (teórico-metodológico?) para caracterizá-las apenas sob o prisma biomédico. Mas talvez ela se devesse também à (impensada) certeza quanto à (aparente) obviedade do estatuto do não-apropriado e do disfluyente, inadequação possivelmente detectada apenas pela intuição linguística de falante nativo (e, quem sabe, até mesmo por avaliação normativa); portanto, sem necessidade de se estabelecer com clareza o estatuto do que seria o não-apropriado e o disfluyente na fala de parkinsonianos. Aliás, as hipóteses que estão na base da literatura comentada, a saber: (i) a da percepção difusa das pausas inapropriadas e das disfluências; e (ii) a da certeza quanto à obviedade do estatuto do não-apropriado e do disfluyente; a meu ver, não se excluem...

Independentemente dessas hipóteses, a menor atenção às pausas e às disfluências já era motivo suficiente para que merecessem, de minha parte, atenção maior numa investigação de natureza linguística. Foi esta a razão principal de eu ter escolhido, de antemão, como dados de pesquisa, as ditas pausas inapropriadas e as chamadas disfluências na enunciação falada de sujeitos com Doença de Parkinson. Para tanto, a partir de como esses dois fenômenos eram vistos na literatura biomédica,

busquei ver como eles poderiam ser (re)interpretados, com maior cuidado e recurso de investigação, sob a ótica dos estudos linguísticos.

Essa busca foi inicialmente feita durante estágio de pós-doutorado que desenvolvi junto à *University of Florida*⁶, entre os anos de 1998 e 1999. Dado o período, não-longo, que poderia dispender a essa busca, deixei de lado – naquele momento – a investigação sobre as chamadas disfluências para centrar-me na investigação das pausas.

Já tinha conhecimento de que, na literatura biomédica, o funcionamento das pausas na fala de sujeitos com Doença de Parkinson é interpretado como inapropriado. Como, de um ponto de vista linguístico, pausas são elementos cruciais no estabelecimento de fronteiras prosódicas (dentre outros tipos de fronteiras, como as sintáticas, por exemplo), inicialmente procurei compreender como o componente prosódico da linguagem era interpretado pela literatura biomédica que se voltava para os problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos⁷.

Se, por um lado, considerei como louvável a preocupação dessa literatura com a prosódia na enunciação falada dos parkinsonianos, por outro lado, o modo como ela era abordada nesses trabalhos causava-me incomodo, pelo fato de os autores restringirem seu funcionamento, quase que exclusivamente, aos aspectos mais orgânicos da atividade verbal. Com essa restrição, perdiam-se, a meu ver, valiosas informações que um enfoque linguístico poderia fornecer para uma melhor compreensão desse fenômeno em

⁶ Esse estágio foi desenvolvido com apoio da FAPESP (Processo 1998/06966-2), sob a supervisão da Profa. Dra. Geralyn Schulz, estudiosa das dificuldades motoras da fala de sujeitos afetados pela Doença de Parkinson.

⁷ Durante o estágio, tive acesso totalmente facilitado a informações sobre características prosódicas da fala de parkinsonianos. Essas informações constavam de vários trabalhos aos quais tive acesso direto na biblioteca da *University of Florida*, como, por exemplo: Canter (1963); Darley, Aronson e Brown (1969); Critchley (1981); Kent (1982); Scott e Caird (1983, 1984a); Hofman e Streifler (1984); Darkins, Fromkin e Benson (1988); Blonder, Gur e Gur (1989); Hofman (1990); Pitcairn *et al* (1990); Caekebeke *et al* (1991); Le Dorze *et al* (1992); Baguný e Sandorrín (1992); Hird e Kirsner (1993); Shea *et al* (1993); e Ramig *et al* (1995).

parkinsonianos, na medida em que a distribuição rítmica⁸ dos muitos aspectos fonatórios da fala – bem como de outros aspectos, mais relacionados a sua continuidade – está na base da significação na enunciação falada⁹. Em outras palavras, variações padronizadas desses aspectos prosódicos estão estreitamente relacionadas à inteligibilidade da fala, além de fornecerem importantes pistas sobre a inserção sociocultural e sobre condições psicológicas dos sujeitos em sua atividade enunciativa falada. Portanto, é facilmente compreensível que inclusive autores não provenientes do campo dos estudos linguísticos se interessassem pelo modo como sujeitos com Doença de Parkinson expressavam e detectavam aspectos ligados à emotividade na atividade verbal, mesmo com dificuldades de fazer distinções prosódicas mais sutis em sua própria enunciação¹⁰.

Mas naquele momento (e mesmo atualmente) a grande maioria dos trabalhos sobre dificuldades e/ou melhora na utilização da prosódia por parte de parkinsonianos se concentrava nas variações que esses sujeitos conseguiam fazer em algumas de suas características fonatórias, como frequência e intensidade (que podem ser mais facilmente avaliadas por instrumentos de medida objetiva), ou em características mais ligadas ao encadeamento verbal, como velocidade de fala¹¹. Outras características prosódicas como as pausas, que também contribuem de modo decisivo para a organização e significação da enunciação falada, recebiam pouquíssima atenção na pesquisa sobre a atividade verbal de parkinsonianos.

No entanto – como pensava, e ainda penso –, o modo pelo qual a produção de um ato de linguagem se ajusta à sequência temporal da fala apresenta estreitos vínculos

⁸ Entendida aqui no sentido que lhe atribui Meschonnic (1982).

⁹ E mesmo na escrita, como atestam, por exemplo: Preston e Gardner (1967); Holden e MacGinitie (1972); Rowe (1974); Quirk *et al* (1985); Abaurre (1991a); Corrêa (1994); e Chacon (1998).

¹⁰ Por exemplo: Monrad-Krohn (1957); Scott e Caird (1984b); Pitcairn *et al* (1990); Benke, Bosch e Andree (1998); e Adolphs, Schul e Tranel (1998).

¹¹ A título de exemplo, e segundo revisão de literatura atualizada em 2015, destaco Gasparini, Diaféria e Behlau (2003), Ramig, Fox e Sapir (2004) e, ainda, Ferreira, Cielo e Trevisan (2009).

com “[...] onde e sob quais condições ocorrem pausas” (ROCHESTER, 1973, p. 51). Com efeito, de acordo com Cagliari (1992), as pausas têm papel aerodinâmico na atividade verbal, na medida em que se encontram na base da coordenação entre a respiração e a assinalação de limites linguísticos tais como os de sentenças, sintagmas, às vezes palavras, e mesmo sílabas, estas últimas em momentos nos quais certas palavras são emitidas sílaba por sílaba na enunciação. Cagliari destaca ainda que as pausas podem ser associadas à representação de atitudes do falante e à sinalização de mudanças semânticas na atividade verbal. Observe-se que, além de Cagliari, muitos outros autores enfatizam em seus trabalhos (alguns clássicos) a função das pausas no que categorizam como planejamento e organização da fala, bem como sua significação na percepção da fala, no reconhecimento de estados afetivos e cognitivos e na interação social construída pela enunciação falada¹².

Mesmo assim, na literatura biomédica, raros estudos se dedicavam a este elemento prosódico essencial da fala. À época, na medida do que pude obter como informação, além de alguns poucos autores que apenas fizeram alguma referência às pausas¹³, Canter e Van Lancker (1985) usaram o tempo total de pausa para medir como a cirurgia talâmica bilateral afetava a fala de um sujeito parkinsoniano. Esses pesquisadores basearam a medida que fizeram desse aspecto prosódico em gravações que designaram como “textos de fala”: (a) leitura oral de um pequeno texto; e (b) uma breve descrição que o sujeito fez de sua atividade profissional. Ludlow, Connor e Bassich (1987) observaram mudanças de duração de pausas numa comparação que fizeram entre a produção de sentenças em sujeitos com Doença de Parkinson e de

¹² Cf., por exemplo: Goldman-Eisler (1958a; 1958b; 1961); Mahl (1959); Tannenbaum, Williams e Hillier (1965); Levin e Silverman (1965); Siegman e Pope (1965); Boomer (1965); Henderson, Goldman-Eisler, e Skarbek (1965; 1966); Levin, Silverman e Ford (1967); Preston e Gardner (1967); Barik (1968); Reynolds e Paivio (1968); Taylor (1969); Lay e Paivio (1969); Pope *et al* (1970); Rochester (1973); Rowe (1974); Clemer (1980); Reich (1980); Marshall e Tompkins (1982); Scott e Caird (1984a); Bouhuys e Meulen (1984); Canter e Van Lancker (1985); e Iles *et al* (1988).

¹³ Referimo-nos mais especificamente a Critchley (1981); Barbosa (1989); Pitcairn *et al* (1990); e De Angelis (1995).

Huntington relativamente a sujeitos considerados como normais. Iles *et al* (1988), em sua proposta de caracterização linguística da atividade verbal de sujeitos com Doença de Parkinson, basearam-se no que designavam como amostras de fala, extraídas da leitura em voz alta de um pequeno texto, bem como do que chamaram de conversas espontâneas. As pausas – dentre outros aspectos da fala – foram utilizadas como parâmetro para se distinguirem, por um lado, a performance verbal de parkinsonianos quando comparados a sujeitos considerados normais e, por outro, essa performance em sujeitos com grau leve e moderado da doença. Por sua vez, por meio da repetição (dez vezes) da mesma sentença, em velocidade cada vez mais rápida do que a anterior, Volkman *et al* (1992) observaram dificuldades na organização temporal da fala em sujeitos com doenças no gânglio basal – incluindo Doença de Parkinson. A duração das pausas foi uma das medidas empregadas nesse estudo. Por meio dela, os autores estabeleceram distinções entre a performance desses sujeitos e, especialmente, a de sujeitos com afasia de Broca. Também Hammen, Yorkston e Minifie (1994) estudaram alterações temporais na atividade verbal de parkinsonianos usando pausas como um dos critérios de avaliação dessas alterações. A análise desses autores envolveu a manipulação de gravações de um trecho escrito de 132 palavras lido por sujeitos com Doença de Parkinson. Finalmente, Ramig *et al* (1995) incluíram a duração de pausas como medida secundária do controle da respiração e da velocidade de fala para confirmar a eficácia de duas formas de terapia fonoaudiológica para parkinsonianos: (a) respiração; e (b) voz e respiração. As pausas, nesse estudo, foram extraídas da leitura de um pequeno texto e de um monólogo com duração entre 25 a 30 segundos produzido pelos sujeitos com base em tópicos verbais de seu interesse.

Embora, como se vê, esses estudos lançassem (alguma) luz sobre funções das pausas na enunciação falada de parkinsonianos, a pesquisa sobre essas funções era

incipiente se comparada àquela já desenvolvida a respeito de outros tipos de enunciação falada, tanto em contextos considerados como normais, quanto em contextos considerados como patológicos. Além da pouca atenção a esse aspecto prosódico da enunciação falada de parkinsonianos, os estudos que lhe dedicavam atenção não o colocavam como tópico central de pesquisa. Mais ainda: minha revisão de literatura à época indicava que apenas Canter e Van Lancker (1985), Illes *et al* (1988) e Ramig *et al* (1995) baseavam, pelo menos em parte, suas análises em amostras do que designavam como conversa espontânea – na verdade, amostras de fala isolada, de poucos minutos, sobre algum tópico específico.

A meu ver, porém, a função das pausas na enunciação falada de sujeitos com Doença de Parkinson merecia – e merece – maior consideração. Como procurei mostrar, as pausas constituem um fenômeno complexo em qualquer tipo de enunciação falada, e essa complexidade parece aumentar na enunciação falada de parkinsonianos.

No entanto, tal complexidade não é facilmente mostrada em dados linguísticos como os que constituem a amostra principal de análise dos estudos biomédicos, já que, neles, o modo preferido de obtenção desses dados, como se viu, tem sido o de extraí-los, predominantemente, de tarefas metalinguísticas ou de repetições faladas e leitura de sentenças.

Embora, mesmo em tarefas verbais restritas como essas, os sujeitos parkinsonianos as desenvolvam com as chamadas pausas inapropriadas (até mesmo pela artificialidade das próprias tarefas), contrapondo-me a esse tipo de obtenção de dados, os dados de pesquisa que levei para análise em meu estágio junto à *University of Florida* foram extraídos de sessões semidirigidas de conversação, desenvolvidas o mais proximamente possível de situações reais de enunciação – já que entendia (e continuo a entender) que é na enunciação (em qualquer condição, patologizante ou não) que a

linguagem se organiza e, principalmente, mostra os recursos linguísticos de sua organização. Portanto, qualquer tipo de pesquisa (e, obviamente, também de avaliação clínica) das alterações linguísticas de sujeitos parkinsonianos deve, a meu ver, basear-se fundamentalmente na linguagem em uso.

Assim, o método de extração de dados que foi utilizado, ao mesmo tempo em que mantinha a possibilidade de que, na enunciação falada de parkinsonianos, as chamadas pausas inapropriadas pudessem ser resultantes de dificuldades motoras dos sujeitos, também possibilitava reunir evidências de que não resultavam apenas e exclusivamente dessas dificuldades, já que, na enunciação, muitos outros fatos (e, dentre eles, os de natureza cognitiva) concorrem coordenadamente para o desenrolar dessa atividade, determinando, pois, o funcionamento dessas pausas.

Como se vê, a metodologia contrapunha-se àquela predominantemente desenvolvida pelas ciências biomédicas para a extração de dados linguísticos de sujeitos parkinsonianos. Assim, pode ser considerada, em si mesma, como um primeiro (e, também, um dos principais) resultados da pesquisa.

Contudo, para verificar sua eficácia, ou não, desenvolvi, ainda em meu estágio de pós-doutorado, um estudo-piloto, que teve como dados pausas extraídas, conforme já disse, apenas de conversas semidirigidas de parkinsonianos. Numa primeira tentativa de entender pelo menos parte do complexo funcionamento dessas pausas, dediquei-me a um de seus possíveis (e fundamentais) parâmetros de análise: a duração. Como Metter e Hanson (1986) chamaram a atenção para a grande variabilidade de funcionamento dos diversos aspectos da fala de parkinsonianos, busquei ver se essa variabilidade se mostrava também na duração das pausas desses sujeitos.

Extraí os dados de gravações de dois sujeitos, PCN e PJP¹⁴, ambos do sexo masculino, que eram atendidos na antiga Clínica de Fonoaudiologia da UNESP/Marília. Ambos receberam diagnóstico neurológico de parkinsonianos e apresentavam grau moderado de comprometimento da doença. Eram destros, escolarizados e falantes nativos do português brasileiro. Nenhum deles apresentava perdas auditivas.

PCN tinha sessenta e dois (62) anos de idade, com tempo diagnosticado de doença de sete anos. PJP tinha setenta e quatro (74) anos de idade e oito anos de doença após o diagnóstico.

De várias gravações feitas com PCN e PJP, separei as duas que mostravam melhor condição (acústica e conversacional). Elas foram feitas na Clínica de Fonoaudiologia da UNESP/Marília, numa sala comum, sem tratamento acústico específico, já que a referida Clínica não contava com esse tipo de recurso à época do registro. Cada sessão de conversação gravada envolveu uma estagiária da Clínica e apenas um dos dois sujeitos. O registro foi feito num gravador Sony DAT, modelo TCD-D8, acoplado a um microfone Sony, modelo ECM-M2957. As conversas desenvolveram-se em torno de tópicos como suas ocupações diárias, seus familiares e suas viagens. Mas, com muita frequência, os sujeitos intercalavam esses tópicos com outros, sobretudo os problemas que a doença lhes causava.

O registro selecionado da atividade conversacional de PCN foi feito em 25 de agosto de 1998. PJP teve a sessão de conversação escolhida registrada em 31 de agosto do mesmo ano. Ambas as gravações ocorreram durante o processo terapêutico dos sujeitos. Para garantir mais igualdade de condições entre eles, as gravações foram feitas uma hora depois que tomaram o medicamento dopamina. O tempo total de gravação de

¹⁴ Nestas e nas demais siglas que surgirão, a letra inicial P abrevia a expressão “sujeito parkinsoniano”. As duas seguintes correspondem às iniciais do primeiro nome e do último sobrenome de cada sujeito.

PCN foi de 48 minutos e 54 segundos. Para PJP, esse tempo foi de 38 minutos e 27 segundos.

Uma vez que, espontaneamente, ambos enfatizavam sua condição de parkinsonianos, justamente os tópicos em que discorriam sobre essa sua condição foram selecionados como material para análise. PCN despendeu um tempo total de seis minutos e quarenta e dois segundos (6:42), distribuídos em sete tópicos conversacionais, falando sobre sua doença. Durante esse tempo, foram verificadas 130 pausas em sua fala. Por sua vez, PJP tematizou sua condição por catorze minutos e quarenta e sete segundos (14:47) de sua atividade verbal. Nesse período, foram verificadas 294 pausas, distribuídas em quinze diferentes tópicos conversacionais.

As pausas, no material, foram consideradas como “[...] interrupções da sequência temporal-gramatical de fala”, como propõem Illes *et al* (1988, p. 149). Algumas delas eram **não-preenchidas**, ou seja, silenciosas; outras **preenchidas**, já que suplementadas por material acústico – vocalizações ou ruídos – ligando duas porções de fala; outras, por fim, **mistas**, na medida em que foram verificadas, em sua composição, diferentes combinações entre silêncio e, especialmente, ruídos. As pausas mistas, em particular, ou apresentavam uma porção de silêncio seguida por algum tipo de ruído (**não-preenchidas + preenchidas**), ou o inverso (**preenchidas + não-preenchidas**), ou ainda qualquer outro tipo de combinação entre ruído e silêncio (**outras**), como, por exemplo: silêncio + ruído + silêncio; ruído + silêncio + ruído; etc.

Independentemente de sua duração, todas as ocorrências desses tipos de interrupções da cadeia temporal-gramatical – desde que vinculadas aos tópicos sobre os problemas com a doença – foram mensuradas objetivamente pelo equipamento *Kay Elemetrics Corp. CSL, Model 4300*, acoplado a um computador *Intel 5186*. Foram levadas em consideração no estudo 424 pausas produzidas pelos dois sujeitos durante o

desenvolvimento desses tópicos. Desse total, 351 (82,79%) estavam numa faixa de duração entre 0,20 e 1,99 segundos. Pensando em uma distribuição razoável da duração das pausas, dividi essa faixa em três subgrupos, para melhor reconhecimento do que eu poderia considerar como pausas breves, médias e longas. Desse modo, as pausas com duração entre 0,20 e 0,79 segundos foram consideradas como **breves**; com duração entre 0,80 e 1,39 como **médias**; e com duração entre 1,40 e 1,99 como **longas**. Uma vez que, do total de 424 pausas, 37 (8,76%) tiveram uma duração menor do que 0,20 segundos e 36 (8,49%) uma duração maior do que 2,00 segundos, as primeiras foram consideradas como **muito breves** (duração de até 0,19 segundos) e as últimas como **muito longas** (duração superior a 2,00 segundos). Em síntese, no estudo, a duração das pausas foi classificada da seguinte maneira: (a) muito breve (até 0,19 segundos); (b) breve (de 0,20 a 0,79 segundos); (c) média (de 0,80 a 1,39 segundos); (d) longa (de 1,40 a 1,99 segundos); e muito longa (acima de 2,00 segundos).

Além da classificação em termos de preenchimento (ou não) e de duração, as pausas foram ainda classificadas em termos da posição em que ocorreram nos enunciados dos sujeitos. Aquelas que caracterizavam um tempo antes de o sujeito começar o enunciado foram entendidas como pausas **iniciais**; aquelas que interrompiam o desenvolvimento do enunciado, como **internas**.

Seguem-se os principais resultados desse estudo-piloto.

As Tabelas 1-4 mostram a duração das pausas de PCN e de PJP, juntamente com a posição em que elas ocorreram nos enunciados dos sujeitos:

Tabela 1 – PCN, tópicos 1-7: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
01/60	05/60	11/60	37/60	06/60	Freq.
01,66	08,33	18,33	61,66	10,00	% do total
2,24700	1,55000	1,08100	0,47480	0,11840	Média
0,00000	0,19180	0,19900	0,16260	0,05005	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 2 – PCN, tópicos 1-7: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
05/70	11/70	21/70	26/70	07/70	Freq.
07,14	15,71	30,00	37,14	10,00	% do total
2,36400	1,56200	1,04800	0,49410	0,11870	Média
0,31320	0,19310	0,14930	0,15890	0,04190	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 3 – PJP, tópicos 1-15: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
11/84	06/84	26/84	32/84	09/84	Freq.
13,09	07,14	30,95	38,09	10,71	% do total
2,37400	1,58000	1,01900	0,50370	0,14380	Média
0,38820	0,14600	0,17700	0,18880	0,03357	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 4 – PJP, tópicos 1-15: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
19/210	32/210	55/210	89/210	15/210	Freq.
09,04	15,23	26,19	42,38	07,14	% do total
2,51000	1,65900	1,10800	0,51250	0,14140	Média
0,47790	0,17210	0,15450	0,17470	0,04080	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Como se pode observar, ocorreu grande variabilidade na duração das pausas, tanto inter quanto intra-sujeitos. Com exceção das pausas internas de duração média, PJP apresentou duração média maior do que PCN em todos os demais tipos de pausa. Essa diferença se torna mais clara quando se busca onde esses valores se concentraram mais. Além de apresentar duração média maior, PJP teve um percentual mais baixo de pausas com menor duração e um percentual mais alto de pausas com maior duração do que PCN. Com efeito, enquanto PCN apresentou um total de 9,99% de pausas muito breves, 73,07% de pausas breves e médias e 16,90% de pausas longas e muito longas, PJP apresentou um total de, respectivamente, 8,16%, 68,69% e 23,12%.

Outro fato a ser considerado diz respeito à relação entre a duração e os diversos tipos de preenchimento (ou não) das pausas. As tabelas 5 e 6 mostram informações sobre essa relação, tanto para PCN quanto para PJP:

Tabela 5 – PCN, tópicos 1-7: distribuição das pausas não-preenchidas, preenchidas e mistas e sua duração média

Mistas			Preenchidas	Não-preench	
Outras	Preench/n-pr	N-pr/preench			
01/130	02/130	06/130	11/130	110/130	Freq.
00,76	01,53	04,61	08,46	84,61	% do total
0,61420	1,06800	0,89850	0,71660	0,95960	Média
0,00000	0,87800	0,93410	0,53880	1,65300	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 6 – PJP, tópicos 1-15: distribuição das pausas não-preenchidas, preenchidas e mistas e sua duração média

Mistas			Preenchidas	Não-preench	
Outras	Preench/n-pr	N-pr/preench			
32/294	07/294	46/294	35/294	174/294	Freq.
10,88	02,38	15,64	11,90	59,18	% do total
1,45300	0,95900	1,22000	0,57760	0,91570	Média
0,71930	0,53280	0,77130	0,40270	0,65170	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Verifica-se que ambos os sujeitos tiveram uma duração média maior nas pausas **não-preenchidas** do que nas **preenchidas** – com PJP apresentando duração média ainda maior do que PCN. No entanto, em relação às pausas **mistas**, houve uma diferença: enquanto PCN apresentou duração um pouco maior nas pausas **preenchidas/não-preenchidas**, PJP apresentou duração maior nas pausas **não-preenchidas/preenchidas** e **outras**. Portanto, embora tenha havido similaridade no fato de que, para ambos os sujeitos, as pausas não-preenchidas tiveram maior duração do que a das preenchidas, a duração média das pausas mistas, comparando-se os dois sujeitos, mostrou grande variabilidade.

O que dizer sobre esse conjunto de resultados?

Segundo Critchley (1981), o processo de formulação e produção da fala em sujeitos com Doença de Parkinson é organizado assimetricamente no nível talâmico. Certamente essa característica geral da enunciação falada dos parkinsonianos pode estar na base da grande variabilidade das características da fala desses sujeitos – tal como observada por Metter e Hanson (1986) – e o estudo-piloto aqui em relato reforçou as

ideias desses autores. No entanto, fatores de natureza linguística puderam ser considerados como igualmente importantes e relacionados à variabilidade na duração de pausas na enunciação de parkinsonianos.

Um desses fatores linguísticos diz respeito à grande abrangência da faixa de duração das pausas numa mesma atividade conversacional. Com efeito, essa faixa se estendeu de menos de 0,20 segundos para os dois sujeitos até 2,79 para PCN e 3,99 para PJP. Portanto, na enunciação falada dos dois sujeitos coexistiram pausas de duração muito longa e pausas de duração bastante reduzida.

Outro fator linguístico envolvido nessa variabilidade diz respeito à natureza do tópico mobilizado na enunciação. Conforme se verá, com base nos dados expostos nas tabelas 7 a 14, a seguir, ambos os sujeitos apresentaram variabilidade na duração de suas pausas em função do tópico em desenvolvimento na conversação:

Tabela 7 – PCN, tópico 2: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
-	-	02/06	01/06	03/06	Freq.
-	-	33,33	16,66	50,00	% do total
-	-	1,19900	0,40616	0,10610	Média
-	-	0,10040	-	0,03601	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 8 – PCN, tópico 5: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
01/11	02/11	-	08/11	-	Freq.
09,09	18,18	-	72,72	-	% do total
2,24744	1,41700	-	0,43670	-	Média
-	0,02000	-	0,14590	-	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 9 – PCN, tópico 2: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
02/13	02/13	01/13	08/13	-	Freq.
15,38	15,38	07,69	61,53	-	% do total
2,41100	1,54800	1,18128	0,50040	-	Média
0,53680	0,19930	-	0,14490	-	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 10 – PCN, tópico 5: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
-	02/10	04/10	04/10	-	Freq.
-	20,00	40,00	40,00	-	% do total
-	1,43400	0,96580	0,55130	-	Média
-	0,00260	0,13170	0,21730	-	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 11 – PJP, tópico 5: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
-	-	01/08	05/08	02/08	Freq.
-	-	12,50	62,50	25,00	% do total
-	-	0,97528	0,50780	0,14220	Média
-	-	-	0,20830	0,06313	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 12 – PJP, tópico 7: grau de duração das pausas iniciais

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
04/10	01/10	02/10	03/10	-	Freq.
40,00	10,00	20,00	30,00	-	% do total
2,41800	1,47988	0,88120	0,69310	-	Média
0,26350	-	0,09108	0,06295	-	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 13 – PJP, tópico 5: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
03/28	03/28	06/28	15/28	01/28	Freq.
10,71	10,71	21,42	53,57	03,57	% do total
2,36100	1,77000	1,07300	0,54410	0,18824	Média
0,19200	0,29800	0,17770	0,16860	-	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

Tabela 14 – PJP, tópico 7: grau de duração das pausas internas

Muito longas (mais de 2,00 seg)	Longas (1,40 – 1,99 seg)	Médias (0,80 – 1,30 seg)	Breves (0,20 – 0,79 seg)	Muito breves (até 0,19 seg)	
01/09	-	-	06/09	02/09	Freq.
11,11	-	-	66,66	22,22	% do total
2,12260	-	-	0,43140	0,09540	Média
-	-	-	0,20400	0,02400	Dp

Fonte: CHACON; SCHULZ, 2000.

De um ponto de vista linguístico, essa variabilidade estaria relacionada ao que está em consideração no tópico mobilizado durante a conversação e/ou à menor ou à maior dificuldade do sujeito em desenvolvê-lo durante essa atividade. No entanto, a

variabilidade na produção de diferentes tópicos certamente deveria ser relacionada – dentre outros fatores – também à ansiedade, fato para o qual alerta Mahl (1959), que detectou seus efeitos especialmente em tópicos que apresentam predomínio de pausas de maior duração.

Ainda outro fator linguístico (além do tópico) diretamente relacionado à variabilidade diz respeito ao preenchimento, ou não, das pausas. Os valores expostos nas tabelas 5 e 6 mostram que ambos os sujeitos tiveram valores mais altos nas pausas não-preenchidas do que nas preenchidas. Segundo Preston e Gardner (1967), pausas preenchidas e pausas breves, embora diferentes em sua natureza, podem desempenhar funções semelhantes na fala. Assim, as diferenças de valores entre os dois sujeitos podem servir como um argumento de reforço a essa ideia de que pausas preenchidas são, de algum modo, equivalentes a pausas breves. Ainda outro fato relacionado ao preenchimento das pausas diz respeito à sua natureza acústica. Muitas das pausas preenchidas de ambos os sujeitos assemelhavam-se a sílabas de duração reduzida ligando duas palavras na sequência temporal de sua fala. Assim, os dados confirmam relatos de “sílabas reduzidas estranhas entre palavras” (PICKETT *et al*, 1998, p. 177), cuja presença na fala de parkinsonianos é atribuída, por esses autores, à “[...] falta de controle subglotal e laríngeo com respeito a configurações supra laríngeas” (id. *ibid.*) muitas vezes verificada nesses sujeitos.

Em acréscimo à tematização desses fatores linguísticos mais gerais envolvidos na variabilidade de duração de pausas, outros fatores linguísticos, mais especificamente ligados à **relação** – observada nos dois sujeitos – **entre pausas de maior e menor duração**, foram levados em consideração. Um desses fatores diz respeito à fluência na fala.

De acordo com Levin e Silverman (1965) e Levin, Silverman e Ford (1967), as pausas maiores na fala podem indicar que alguma organização cognitiva está ocorrendo nesses pontos da atividade verbal. Mas elas poderiam também ser associadas a estados motivacionais ou emocionais relacionados à dificuldade dos sujeitos de desenvolver a atividade enunciativa. Sobre a ação desses estados na fala, Lay e Paivio (1969) apontam o aumento de duração das pausas (especialmente as não-preenchidas) como pista da ansiedade produzida pela dificuldade de desenvolvimento da atividade verbal. Também Levin, Silverman e Ford (1967) destacam o fato de que a extensão das pausas (especialmente a das não-preenchidas) pode ser associada a uma situação de fala sob *stress*. Conseqüentemente, dificuldades de organização cognitiva combinadas com *stress* podem resultar em períodos mais disfluentes da fala, marcados pelo predomínio de pausas longas, especialmente no interior de constituintes.

Momentos de disfluência associados a pausas mais longas – ligados a momentos de dificuldades cognitivas e/ou talvez a *stress* – ocorreram no material de análise, como se pode verificar nos exemplos que se seguem. Nesses exemplos: três pontos em sucessão (...) assinalam uma pausa; um número (x) entre parênteses indica sua duração em segundos; (:) ou (::) designam um menor ou maior alongamento de duração de uma vogal; e uma barra oblíqua (/) remete a interrupções de palavras¹⁵:

PCN não ... (2.03192) é o:: ... (1.18128) versabelo momentan/... (1.68864) momentâneo ... (0.44696) é só ... (1.40672) é o ... (0.51044) versabelo (2.79104) não sei o nome dele (0.61944) e-esporá/ (0.55672) esporádico

PJP não porque:: ... (1.06964) começou esse problema de:: ... (3.99292) Parkinson ... (1.11728) Síndrome de Parkinson diz que é o n-nome correto ... (2.11356) e: desde então eu não ... (1.28956) não gosto de sa/sair na rua

Inversamente, de acordo com Levin, Silverman e Ford (1967), pausas mais breves podem ser relacionadas a trechos mais fluentes de fala. Nesse tipo de situação,

¹⁵ Este e os demais fragmentos foram transcritos de acordo com normas de Pretti e Urbano (1998).

essas pausas estariam ligadas, predominantemente, a retomadas do fluxo aéreo e, desse modo, “[...] poderiam servir como uma óbvia e necessária função fisiológica” (LEVIN; SILVERMAN, 1965, p. 68). Devido à doença, os sujeitos deste estudo – especialmente PJP – não poderiam ser considerados como fluentes. No entanto, seus períodos menos disfluentes de fala apresentam fatos mais próximos do que sugerem Levin e Silverman, já que foram marcados por pausas mais longas apenas no final de sentenças e, quando estas ocorriam no interior de constituintes, tiveram menor duração:

PCN tá aparecendo ... (1.16640) acho que tem que eu co:nheço un-un-uns ... (0.06084) quatro ou cinco ... (2.54916) se fosse bastante a gente fazia aí organizava uma: ... (0.47408) sucursal aqui mas ... (0.46656) não tem

PJP eu nu-num tenho assim ... (0.86384) prazer de ir ... (0.39664) por causa da minha situação né? ... (1.13248) chega lá eles não podem tá dando uma atenção que eles querem dar porque ... (0.61792) todos lá ... (0.25880) trabalha

Entretanto, em momentos nos quais os sujeitos apresentaram maior disfluência, também pude observar pausas breves. Destacarei dois tipos de contextos nos quais as pausas breves ocorreram nesses momentos. O primeiro deles diz respeito às situações de palilalia ou autoecolalia, ou seja, situações nas quais se verifica “[...] uma tendência compulsiva à propulsão psicomotora manifestar-se na fala acelerada” (CRITCHLEY, 1981, p. 754). Por exemplo: “e-esporá ... (0.55672) esporádico” (PCN); “cance ... (0.51820) cancelar” (PJP). Além disso, ambos os sujeitos apresentaram pausas breves entre o primeiro som de uma palavra e sua emissão completa, por exemplo: “f ... (0.47196) fisioterapia” (PCN) and “v ... (0.52068) vista” (PJP). Embora dificuldades motoras de articulação pareçam ser mais evidentes nesses exemplos, sua associação com problemas de memória não deveria ser descartada, uma vez que essas experimentações poderiam agir como pistas para recuperar aspectos fonológicos e/ou semânticos das palavras a serem emitidas (LURIA, 1972).

Um segundo contexto no qual ocorreram pausas breves em disfluências foi aquele antes de palavras iniciadas por consoantes oclusivas – como [p] e [k] para PCN e [t], [d] e [k] para PJP. Pausas breves nesse contexto poderiam ser vistas como índices de dificuldades articulatórias da doença envolvendo os movimentos da língua e dos lábios (CRITCHLEY, 1981), fato também observado por Kent (1982) em parkinsonianos e caracterizado por este autor como “má articulação plosiva”.

Outro fato linguístico envolvido na relação entre pausas de maior e menor duração na enunciação falada de parkinsonianos é o aspecto semântico de palavras que sucediam pausas em momentos de seleção de palavras, interpretados pela literatura biomédica como déficits de reconhecimento (TWEEDY; LANGER; MCDOWELL, 1982). De acordo com Critchley (1981, p. 751), efeitos do medicamento dopamina não apenas influenciam a ação dos mecanismos prosódicos na fala como também “[...] podem afetar a habilidade de encontrar palavras”. De fato, pude observar dificuldades de seleção de palavras na enunciação dos dois sujeitos. A variação na duração das pausas que ocorreram nesses momentos poderia ser relacionada, por exemplo, à natureza mais concreta ou mais abstrata do significado das palavras a serem enunciadas. As pausas que precederam palavras com significado mais concreto tiveram duração média de 0.71590 segundos ($dp = 0.55628$; $n = 14$) para PCN e 0.75467 segundos ($dp = 0.71736$; $n = 30$) para PJP. Por outro lado, precedendo palavras de significado mais abstrato, as pausas tiveram duração média de 0.95704 ($dp = 0.44733$; $n = 10$) para PCN e 0.88690 ($dp = 0.53004$; $n = 30$) para PJP. Em síntese, em momentos de seleção de palavras, as pausas tenderam a ter maior duração diante daquelas com significado mais abstrato. Essa tendência confirma estudos desenvolvidos, por exemplo, por Goldman-Eisler (1961) e por Reynolds e Paivio (1968).

Ainda a esse respeito, um fato adicional chamou-me a atenção: ambos os sujeitos tiveram dificuldades na seleção de palavras que apresentavam o traço semântico “tempo” em sua enunciação. Nessas situações, de modo geral, os sujeitos fizeram uma pausa antes de se referirem a um período de tempo designado por anos, dias da semana ou horas. O que é digno de nota é que as pausas que ocorreram nesses momentos nunca tiveram duração menor do que 0.92496 segundos: a duração média das pausas de PCN foi de 1.17960 segundos ($dp = 0.22703$; $n = 3$) enquanto que a de PJP foi de 1.07893 ($dp = 0.24418$; $n = 3$). Os dados que observei a esse respeito obviamente são insuficientes para uma generalização – mesmo porque, no mínimo, se deveria produzir um estudo comparativo entre parkinsonianos e não-parkinsonianos com características de gênero, idade e escolaridade equivalentes para se saber até que ponto as dificuldades que encontrei dizem, mesmo, respeito à condição de parkinsoniano ou a outra(s) dessas condições. Feita a ressalva, os resultados a que cheguei sobre o traço semântico “tempo” na enunciação de parkinsonianos podem ao menos sugerir estudos posteriores sobre possíveis relações entre esse traço e o próprio estabelecimento do eixo enunciativo em sujeitos com Doença de Parkinson.

Outro fato linguístico envolvido na relação entre pausas de maior e menor duração na enunciação falada dos dois sujeitos diz respeito a dois processos conversacionais típicos. O primeiro desses processos é a autocorreção. Nesse processo, os sujeitos detiveram-se em algumas palavras ou em partes de sua enunciação sentidas como rejeitadas e as mudaram. Para os dois sujeitos, a autocorreção foi preferencialmente semântica – ou seja, ambos substituíram uma palavra ou uma expressão por outras de sentido equivalente – embora PJP algumas vezes tenha se detido em palavras com similaridades fonológicas, mas com significados distintos: “encaminhando” por “eu caminhando” e “serviço” por “exercício”. Frequentemente eles

fizeram uma pausa logo após terem enunciado o que rejeitaram, em seguida enunciaram o que sentiram como desejado e, após, fizeram nova pausa. Para ambos os sujeitos, a primeira dessas duas pausas foi menor do que a segunda: PCN apresentou duração média de 1.09670 segundos ($dp = 0.64613$; $n = 6$) para a primeira pausa e 1.27804 ($dp = 0.84901$; $n = 6$) para a segunda, enquanto PJP apresentou, respectivamente, a duração de 0.59212 segundos ($dp = 0.62045$; $n = 16$) e 1.17085 ($dp = 0.66046$; $n = 16$). Ressalte-se, porém, que, como PCN teve, com muito mais frequência, enunciados de extensão menor do que PJP, muita informação sobre seus processos de autocorreção foi perdida, já que muitas de suas segundas pausas coincidiram com o final de seus enunciados. Além disso, dos seus 6 dados coletados, 3 foram extraídos do mesmo tópico, exatamente um tópico em que PCN apresentou enunciados mais desorganizados e disfluentes. Contudo, pelo menos sua tendência a ter pausas de maior duração depois da palavra ou estrutura corrigida – bastante pronunciada em PJP – foi mantida. Mais uma vez, porém, esse resultado merece maior investigação, baseada em trabalhos comparativos entre sujeitos parkinsonianos e sujeitos sem lesão neurológica.

Há que se destacar que Marshall e Tompkins (1982) fazem referências a autocorreções verbais delimitadas por pausas em sujeitos com problemas neurológicos – particularmente sujeitos afásicos. De acordo com esses autores, tais processos de autocorreção sugerem que mesmo sujeitos com problemas neurológicos mantêm “[...] um grau residual de consciência da inadequação de muitas de suas respostas erradas” (p. 301). Na pesquisa que desenvolveram, esses autores notaram que os processos de autocorreção foram marcados também por comentários como “vamos ver” ou “espera um minuto”. Nesse aspecto, os sujeitos que investiguei não exibiram a tendência a fazer comentários. Apenas em PCN, e numa única ocasião, verifiquei tal recurso (“eu não sei o nome dele”). Uma vez que em ambos os sujeitos não encontrei comentários (além das

pausas) em seus processos de autocorreção, a ausência desse recurso pode sugerir que o tipo de doença seria um aspecto a ser levado em conta para a explicação desse mecanismo verbal. Também, num grupo de parkinsonianos em que os sujeitos apresentassem maior ou menor grau de comprometimento verbal, o grau de severidade da doença deveria ser levado em consideração quando se tematizassem os processos de autocorreção verbal.

O segundo processo conversacional ligado à correção entre pausas de maior e menor duração é o que se poderia caracterizar como hesitação/confirmação. Nesse processo, os sujeitos primeiramente hesitaram antes de dizer algo, em seguida seu interlocutor solicitou deles uma confirmação e, finalmente, eles confirmaram o que vinham dizendo. Diferentemente do que se verificou nas autocorreções, os processos de hesitação/confirmação foram delimitados por uma pausa mais longa marcando a hesitação e uma pausa mais breve (ou mesmo a ausência de pausas) antes da confirmação. Por exemplo:

PCN ... (1.15288) diminuiu o-o remédio

DDF¹⁶ diminuiu?

PCN ... (0.35056) é

DDF cansava a perna do senhor?

PJP ... (1.74752) não, não cansava

DDF não?

PJP ... (0.73412) não cansava não

Nesses processos, PCN apresentou uma duração média de 0.77632 segundos (dp = 0.63767; n = 12) para a primeira pausa e 0.22850 (dp = 0.18742; n = 12) para a segunda; PJP apresentou, respectivamente, 0.89123 segundos (dp = 0.50530; n = 13) e 0.44803 (dp = 0.43045; n = 13) de duração média. Esses dados sugerem que confirmar é um processo mais fácil para os sujeitos, especialmente porque, nesse tipo de situação, o

¹⁶ Nestas e nas demais siglas que surgirão, a letra inicial D abrevia a palavra “documentadora”. As duas seguintes correspondem às iniciais do primeiro nome e do último sobrenome de cada documentadora.

interlocutor recupera para eles parte do que tinham acabado de enunciar. Entretanto, deveria também ser levado em consideração o fato de que os sujeitos talvez tenham feito as confirmações não porque eles realmente tenham entendido o que lhes foi solicitado mas porque tenham reconhecido uma estrutura linguística típica de confirmação.

Um último fator linguístico envolvido na relação entre pausas de maior e menor duração será considerado. Este fator diz respeito a finais suspensivos ou descendentes das porções de fala dos sujeitos. Ambos combinaram entonação suspensiva e pausas mais curtas para marcarem uma porção não-conclusiva da conversação, bem como entonação descendente e pausas mais longas para marcarem o final de uma sentença, tanto no interior quanto no término do enunciado. PCN apresentou duração média de 0.68729 segundos ($dp = 0.39920$; $n = 30$) na primeira situação e 1.24027 ($dp = 0.55037$; $n = 27$) na segunda, enquanto PJP apresentou, respectivamente, os seguintes valores: 0.83420 segundos ($dp = 0.49991$; $n = 70$) e 1.33392 ($dp = 0.66164$; $n = 80$). Esses dados indicam que, embora a Doença de Parkinson traga prejuízos para as informações semânticas veiculadas pela prosódia, os dois sujeitos preservam pelo menos parte de sua capacidade de levar seus interlocutores em conta e assinalar-lhes variações de sentido produzidas por aspectos prosódicos da fala, como entonação e pausas. Com efeito, mesmo com suas limitações, os sujeitos ainda se mostraram capazes de produzir no ouvinte a sensação de continuidade da enunciação (por meio de entonação suspensiva e pausas mais curtas) ou de seu término (por meio de entonação descendente e pausas mais longas).

Em acréscimo às observações feitas sobre a variabilidade na duração das pausas e sobre os fatores linguísticos envolvidos na relação entre pausas de maior e menor duração, serão expostas diferenças inter-sujeitos relativas à variabilidade na duração das

pausas que detectei em seus enunciados. As tabelas 1-4 indicaram que PJP teve pausas mais longas do que PCN em todas as faixas de duração, exceto a das pausas internas de duração média. Esse fato sugere maior hesitação ou latência em sua atividade verbal. É certo que ambos os sujeitos apresentavam dificuldades de memória – os próprios sujeitos fazem menção a essas dificuldades – e tais dificuldades possivelmente tenham interferido na duração de suas pausas. Durante as sessões de gravação, PCN, por exemplo, depois de uma pausa muito longa de 2.79104 segundos, observou: “não sei o nome dele”. Por sua vez, depois de duas pausas muito longas de 2.53408 e 2.58844 segundos, PJP observou, respectivamente: “mesmo porque-e D. eu tô tô com a memória muito ruim viu?” e “só que preciso tá com a relação [*dos exercícios*] na mão porque se não ...”¹⁷. Contudo, segundo observações que fiz ao acompanhar a fonoaudióloga responsável pela terapia de ambos os sujeitos, PJP mostrou evidências mais significativas de perda de memória em comparação com PCN. Ademais, sua segunda observação sobre perda de memória mencionada acima ocorreu exatamente num tópico em que ele iniciou 5 enunciados com pausas longas e muito longas (respectivamente: 2.62508, 2.03296, 2.47820, 1.47988 e 2.53408 segundos). Também, ao iniciar enunciados, várias vezes PJP necessitou alguma forma de retomada ou esclarecimento sobre o que lhe havia sido dito para que pudesse continuar o processo enunciativo – e nesses momentos pude observar pausas relacionadas a essas retomadas ou esclarecimentos. Por exemplo:

DDF e a igreja o senhor não vai?

PJP ... (0,54684) na igreja?

DDF é cantar uns salmos lá

PJP ... (0,52336) é não eu não tenho ido

¹⁷ A propósito, a menção que PJP faz ao suporte que a escrita lhe dava me remete a Luria (1988) e seus experimentos sobre o papel da escrita como auxiliar da memória em crianças de 4-5 anos.

DDF o senhor tem engasgado?

PJP ... (1,32600) como?

DDF o senhor tá tendo assim tosse durante a alimentação?

PJP ... (1,51556) não

Portanto, nesse tipo de situação, a duração média maior nas pausas poderia funcionar como elemento para investigações posteriores sobre perda de memória em parkinsonianos.

No entanto, outros fatos, desta feita relacionados à maior duração das pausas iniciais para PJP em relação a PCN, deveriam ser levados em consideração. As tabelas 1 e 3 mostram que PCN teve um total de 71,66% de suas pausas iniciais categorizadas como muito breves ou breves. Nessas mesmas faixas de duração, PJP teve 48,80% de suas pausas iniciais. Esse dado sugere que PJP combina maior tempo de reação à atividade verbal de seu interlocutor com latência precedendo sua própria enunciação, possivelmente porque “[...] latências e hesitações refletem a quantidade de conceptualização para a produção de sentenças” (TAYLOR, 1969, p. 170).

Ainda a esse respeito, uma vez que “[...] produzir sentenças em diferentes taxas de elocução requer planificação e controle de velocidade de movimentos durante muitas sílabas” (LUDLOW; CONNOR; BASSICH, 1987, p. 196) e considerando que para os parkinsonianos “[...] na iniciação da fala pode ser necessário grande esforço físico para relaxar a rigidez da musculatura fonatória e articulatória” (CRITCHLEY, 1981, p. 753), a maior duração das pausas iniciais de PJP pode também sugerir que problemas motores relacionados à fala estejam envolvidos nesse processo. A propósito, outro fato possivelmente relacionado a essa sua maior dificuldade para iniciar os enunciados seria seus frequentes problemas para iniciar a marcha, contrariamente a PCN, que apresentava essa dificuldade com frequência muito menor. Consequentemente, o fato de que PJP apresentasse problemas para iniciar a fala combinado com seus problemas para iniciar a marcha e, inversamente, o fato de que PCN apresentasse essa combinação com

muito menos intensidade poderia fornecer suporte à visão de que, pelo menos para alguns parkinsonianos, “[...] a fala e os sistemas esquelotomotores partilham controle neural comum, a despeito de diferenças biomecânicas fundamentais” (VOLKMANN *et al*, 1992, p. 386). Ainda outro fato linguístico a respeito das diferenças entre PCN e PJP relativamente à variabilidade na duração das pausas deveria ser considerado. Os dados expostos nas tabelas 5 e 6 mostram grande variabilidade de duração média das pausas mistas entre os dois sujeitos. Embora os valores para as pausas preenchidas/não-preenchidas sejam próximos para ambos, nas pausas mistas, eles são maiores para PJP. Deve-se levar em conta que as pausas mistas desse sujeito frequentemente combinavam partes de silêncio com ruídos que evocavam problemas de deglutição e/ou algum tipo de perda de controle da respiração – fato que aconteceu com muito menos frequência com PCN. A princípio, a grande maioria das pausas mistas que ocorreram durante a atividade enunciativa de PJP – muitas vezes no interior de constituintes – poderia ser atribuída exclusivamente a problemas de deglutição ou de respiração. Entretanto, como o próprio ato de enunciar pela fala pode significar uma situação estressante (tanto no sentido físico quanto no psicológico) para muitos parkinsonianos e, também, como “[...] a frequência da respiração parece estar relacionada ao envolvimento emocional” (HENDERSON; GOLDMAN-EISLER; SKARBEK, 1965, p. 237), um melhor entendimento sobre as pausas mistas na Doença de Parkinson deveria necessariamente levar em conta diferentes maneiras pelas quais os aspectos linguísticos, fisiológicos e psicológicos dos sujeitos parkinsonianos podem ser combinados e detectados em sua enunciação.

Acrescentarei uma informação de natureza complementar – mas não menos importante – sobre as pausas na enunciação de PCN e de PJP, embora não-especificamente relacionada a sua duração. No decorrer das sessões de gravação,

quando PCN enunciou pela primeira vez a palavra “Parkinson”, ele a repetiu e fez uma pausa entre as duas emissões da palavra. De modo mais pronunciado, PJP teve sua pausa mais longa (3,99292 segundos) no interior de um constituinte no qual a palavra “Parkinson” foi emitida pela primeira vez em sua enunciação. Além disso, nas outras três vezes em que PJP emitiu essa palavra na sessão de gravação: (a) ele fez uma pausa de 2,11356 segundos após ter dito “Parkinson”; (b) ele repetiu a primeira sílaba da palavra e separou a repetição da emissão completa por meio de uma pausa de 0,65104 segundos; e (c) ele rejeitou selecionar a palavra “Parkinson” na sentença “eu não descuido do ... (1.46132) desse assunto”. Por conseguinte, as pausas na atividade verbal de parkinsonianos podem também funcionar como pistas de como os sujeitos estão psicologicamente envolvidos com a doença e como “imprimem” esse envolvimento em sua enunciação.

Foram esses os principais resultados a que cheguei no estudo-piloto desenvolvido em meu estágio de pós-doutorado na *University of Florida*. Obviamente, dado seu caráter, os vários resultados que descrevi se caracterizaram, para mim, principalmente como direções possíveis para uma investigação mais aprofundada sobre o funcionamento das pausas na enunciação falada de parkinsonianos. Mas, além de direções, eles possibilitaram o levantamento de diversas questões. Com efeito:

(1) a maior, ou menor, dificuldade de iniciar movimentos que observei, respectivamente, em PJP e em PCN referendaria a afirmação de que “[...] a fala e os sistemas esquelotomotores partilham controle neural comum, a despeito de diferenças biomecânicas fundamentais” (VOLKMANN *et al*, 1992, p. 386), ou seria apenas coincidência o fato de ambos os sujeitos apresentá-la tanto em relação à enunciação falada quanto em relação à marcha?;

- (2) mais especificamente em relação à enunciação falada, uma possível dificuldade de iniciá-la seria (como postulam trabalhos sobre a Doença de Parkinson) decorrente exclusivamente de dificuldades motoras ou de dificuldades de uma integração de atividades motoras e simbólicas (cognitivas) ligadas à linguagem?;
- (3) uma vez que os fatos que observei no funcionamento das pausas dos sujeitos parkinsonianos podem, em princípio, ser observados também em sujeitos sem lesões neurológicas, em que medida esse funcionamento tornaria próximos, ou distantes, sujeitos com essa diferença de condição para a enunciação falada?; finalmente,
- (4) o funcionamento que descrevi no estudo-piloto se manteria ou se modificaria nos mesmos sujeitos após um intervalo significativo de tempo?

Com relação à primeira questão, dada a dificuldade que tive de acesso a informações fundamentais para investigá-la, não pude fornecer respostas para ela. Para respondê-la, precisaria de informações sobre a atividade motora global de um grande número de parkinsonianos. No entanto, para obtê-las, precisaria ter contado com o apoio não só de profissionais que se ocupam da linguagem, mas, ainda, de profissionais de outros campos do conhecimento, especialmente das áreas clínicas – apoio que se mostrou muito difícil e, mesmo, impossível de se obter nas diversas tentativas que fiz de acesso a tais informações.

Com relação à segunda questão, vou respondê-la parcialmente neste momento, uma vez que uma resposta mais completa depende de considerações que farei a propósito das outras duas questões. Para o momento, limito-me a dizer que, em razão da curiosidade de saber se a dificuldade de iniciar a enunciação falada resultava apenas de fatores de ordem motora ou de sua integração com fatores de ordem cognitiva em relação à linguagem, passei a investigar o funcionamento das pausas que ocorriam

justamente no início de enunciados, pelo fato de ter observado (tanto na escuta dos dados, quanto em situações de terapia com os sujeitos) que nesse momento da enunciação, além de questões motoras, também questões cognitivas (cuja base, mais tarde, vim a entender como de natureza discursiva) estavam em ação na porção do enunciado que se seguia a uma pausa.

Com relação à terceira questão, para investigar até que ponto os funcionamentos das pausas que observei nos dois sujeitos parkinsonianos se aproximavam ou se distanciavam daqueles de sujeitos sem lesões neurológicas, cheguei à resposta que buscava no trabalho que Zaniboni (2002) desenvolveu sob minha orientação.

Nesse trabalho, a autora analisou as pausas iniciais de enunciados verificadas em registros de conversação de PCN e de PJP, bem como as pausas iniciais extraídas de duas sessões de conversação de dois outros sujeitos sem lesão neurológica (uma sessão com cada um desses sujeitos). Para a seleção desses dois últimos sujeitos, a autora procurou estabelecer, na medida do possível, correspondências entre eles e os parkinsonianos no que se refere às variáveis sexo, idade, grau de escolaridade e atividade profissional.

Como resultados da comparação, Zaniboni (2002) verificou que essas pausas:

- ocorreram em maior número na enunciação dos parkinsonianos do que na dos não-parkinsonianos;
- tiveram duração média maior nos parkinsonianos do que nos não-parkinsonianos;
- apresentaram-se como silenciosas, preenchidas e mistas nos parkinsonianos e apenas como silenciosas nos não-parkinsonianos;
- mantiveram fortes vínculos com todo o processo da enunciação tanto nos parkinsonianos quanto nos não-parkinsonianos, embora de modo particular em cada um desses dois grupos de sujeitos.

Dentre outras particularidades, a diferença entre os dois grupos, no que se refere ao vínculo entre pausas iniciais e enunciação, mostrou-se mais acentuada em situações enunciativas que exigiram maior grau de elaboração do enunciado, tais como aquelas baseadas no par dialógico “pedido de informação/forma aberta”. A presença de “forma aberta” mobilizou nos parkinsonianos uma incidência significativamente maior de pausas iniciais do que nos não-parkinsonianos. Além disso, Zaniboni (2002) observou, nos parkinsonianos, grande incidência de pausas preenchidas e mistas nesses momentos, em sua maioria com duração acima de 1,0 segundo – o que sugere que esses sujeitos talvez tenham disfarçado momentos de dificuldade na produção de seus enunciados (tanto em seu aspecto motor quanto em seu aspecto cognitivo) na tentativa de garantirem a continuidade de seus processos enunciativos.

Distanciamentos e aproximações puderam, pois, ser estabelecidos em relação ao funcionamento das pausas iniciais de enunciados nos parkinsonianos e nos não-parkinsonianos. Com efeito, a maior presença de pausas, bem como sua maior duração e o seu preenchimento, podem produzir na enunciação falada dos parkinsonianos um efeito de retardamento, quando essa atividade é comparada à dos não-parkinsonianos. Por um lado, esse retardamento pode ser entendido, segundo Zaniboni (2002), como um processo alternativo de enunciação ao qual os parkinsonianos recorrem na tentativa de manter a efetividade de sua atividade dialógica, fato que os distingue dos não-parkinsonianos. No entanto, por outro lado, independentemente de sua condição de parkinsonianos, esses sujeitos, assim como ocorreu com os não-parkinsonianos, não mais fizeram mais do que se servirem de recursos fornecidos pela própria linguagem, fato que aproxima os dois grupos de sujeitos.

Por fim, respostas à quarta questão – investigar se o modo como as pausas iniciais de enunciados se modificava após um intervalo significativo de tempo – foram

fornecidas em trabalho desenvolvido por Oliveira (2003), também sob minha orientação. Nesse trabalho, a autora analisou o funcionamento dessas pausas em quatro registros de conversa de PCN e de PJP (dois de cada), feitos com um intervalo de tempo de um ano e oito meses.

Feito o levantamento das pausas iniciais de enunciados nesses quatro registros dos dois sujeitos parkinsonianos, a autora examinou suas características acústicas de duração e de preenchimento para, em seguida, relacionar essas características das pausas com o desenvolvimento dos enunciados que elas iniciavam. Da primeira para segunda gravação, Oliveira (2003) verificou que os dois sujeitos apresentaram:

- de modo geral, maior percentual de pausas médias e longas em sua atividade conversacional;
- também de modo geral, diminuição no percentual de suas pausas silenciosas e aumento no percentual de suas pausas preenchidas e mistas;
- de modo específico, diminuição de pausas breves antes de enunciados desenvolvidos e um aumento de pausas médias e longas antecedendo esse mesmo tipo de enunciado;
- também de modo específico, aumento de pausas silenciosas antes de enunciados não-desenvolvidos;
- ainda de modo específico, diminuição de pausas silenciosas antes de enunciados desenvolvidos e aumento de pausas preenchidas e mistas antecedendo esse mesmo tipo de enunciado.

Esses resultados permitiram à autora não só verificar que o modo de funcionamento das pausas nos mesmos sujeitos apresentou modificações num intervalo significativo de tempo, mas também que essas modificações podiam indiciar alterações da linguagem decorrentes da progressão da doença. Tais modificações sugeriram, para

Oliveira (2003), que não só a presença de pausa, mas especialmente suas características de duração e de preenchimento, seriam de fundamental importância (ou talvez, mesmo, aspectos imprescindíveis) para que os sujeitos pudessem produzir seus enunciados com a progressão da doença.

Os resultados a que chegaram Zaniboni (2002) e Oliveira (2003) possibilitam, então, complementar a resposta que não forneci integralmente à segunda questão.

Assim, com relação à dificuldade de iniciar enunciados falados, diferentemente do que postulavam os trabalhos sobre a doença de Parkinson a que tive acesso, os resultados acima mostrados sugerem que ela não decorreria de dificuldades motoras consideradas isoladamente, mas sim de dificuldades na integração entre aspectos motores e cognitivos ligados ao exercício da linguagem. Com efeito, em relação a sujeitos não-parkinsonianos, os sujeitos parkinsonianos apresentaram, por exemplo, não somente maior presença de pausas como, ainda, pausas de maior duração e com presença de preenchimento para iniciarem enunciados baseados no par dialógico “pedido de informação/forma aberta”. Além disso, os mesmos sujeitos parkinsonianos, com a progressão da doença, passaram a apresentar maior presença de pausas longas e com preenchimento no início de enunciados desenvolvidos, ou seja, enunciados que exigiam processos verbais mais elaborados, ficando circunscritas as pausas mais breves e silenciosas praticamente ao início de enunciados não-desenvolvidos.

Trata-se, pois, de bons indícios de que não se podem dissociar os aspectos motores dos aspectos cognitivos (como faz a literatura dominante sobre a Doença de Parkinson) se se quiser uma explicação mais convincente dos problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos.

* * *

Algumas palavras finais devem ser ditas a propósito desse conjunto de resultados. Talvez o maior sentido deles para minha trajetória de investigação tenha sido a construção de um olhar: chegar a eles sob uma perspectiva de relações e não de dicotomizações (COUDRY, 2002), atento às várias faces em correspondência (acústica, fisiológica, psíquica, individual, social) detectadas por Saussure (1979) no fenômeno linguístico.

Também acredito que ter chegado a esses resultados foi possível, sobretudo, pelo fato de os dados analisados terem sido extraídos de entrevistas semidirigidas. Como essas entrevistas se aproximaram bastante de situações reais de conversação, processos mais elaborados da produção verbal não detectados e/ou não explorados pela literatura biomédica emergiram largamente no material de análise e puderam, portanto, ser trazidos à luz. Desse modo, conforme antecipei, a própria metodologia se mostrou como um ganho científico na investigação das questões de linguagem de sujeitos parkinsonianos.

Quanto ao objeto de investigação – o caráter não-apropriado das pausas –, cheguei a uma (primeira) tentativa de interpretação de seu funcionamento. O que a literatura biomédica interpreta como **pausas colocadas anormalmente** na fala de sujeitos com Doença de Parkinson, decorreria, numa visão linguística, de um processo alternativo de enunciação (resultante da condição de parkinsoniano). Nesse processo, longe de se configurar como casual, aleatória, não-apropriada, a instabilidade das pausas ou (1) mascarava regularidades linguístico-textuais (já que suas diferenças de duração estruturalmente distinguem: mudanças de tópicos conversacionais; aspectos semânticos mais, e menos, abstratos de palavras; mecanismos de autocorreção; estratégias de hesitação/confirmação; finais suspensivos e descendentes de enunciados) ou (2) denunciava seu caráter hesitativo (mostrado nos momentos mais disfluentes da

produção dos enunciados). Podia ser atribuída, ainda, a fatores de ordem interna dos parkinsonianos que produzem seus efeitos no ato enunciativo e/ou, por extensão, no processo conversacional – como, por exemplo: ansiedade; estados motivacionais ou emocionais relacionados à dificuldade dos sujeitos de desenvolver a atividade enunciativa; situação de fala sob *stress*; dificuldades de organização cognitiva combinadas com *stress*; dificuldades de memória; dificuldades no controle de movimentos envolvidos na produção física da fala; ou, em síntese, as diferentes maneiras como aspectos linguísticos, fisiológicos e psicológicos dos sujeitos parkinsonianos podem ser combinados e detectados em sua enunciação).

No entanto, embora satisfeito com os resultados que se esboçaram e com as direções possíveis de investigação das questões que via como relacionadas a eles, quatro pilares das bases que possibilitaram chegar a tais resultados começaram a se mostrar como pontos de problematizações. Com efeito:

- (1) embora a incursão pela literatura biomédica tenha apontado importantes lacunas de investigação, talvez pela ausência de trabalhos similares aos meus no campo dos estudos linguísticos – que se volta, quanto aos problemas de linguagem, sobretudo para aqueles resultantes de afasias e de demências –, essa literatura acabou por tornar-se, voluntária ou involuntariamente, também o *outro primordial* de minhas investigações. Aos poucos, porém, pude perceber que essa alteridade não seria produtiva para o que eu pretendia desenvolver como trajetória, dada a quase abissal distância entre as concepções de linguagem que sustentam os estudos sobre os problemas de linguagem resultantes da Doença de Parkinson na literatura biomédica e as concepções de linguagem que circulam no campo dos estudos linguísticos. Também a diferença metodológica se mostrou como um grande entrave para o diálogo com essa literatura. O melhor

caminho me pareceu, portanto, ser o de romper com o *outro primordial* representado por essa literatura e eleger como novo *outro* os estudos sobre a linguagem desenvolvidos no campo linguístico. Esse caminho, como se verá a seguir, deu origem a uma nova problematização, já que esses estudos sobre a linguagem já compunham a base de minhas investigações;

(2) bastaria, portanto, assumir a perspectiva textual-conversacional e construir como um novo *outro primordial* outras perspectivas linguísticas, relegando a planos menos estratégicos a alteridade com a literatura biomédica? Ocorre que também começou a se mostrar como restrito o alcance da perspectiva textual/conversacional que esteve na base dessas primeiras investigações. Sobretudo porque, embora tenha sido produtivo, o recorte epistemológico proposto, se, por um lado, facilitou-me a tentativa de diálogo com a literatura biomédica, por outro lado, mostrou que essa facilitação não se deu sem perturbadoras concessões. A principal delas, a meu ver, foi centrar as minhas (e as de meus orientandos) investigações naquilo que se pode, sob a ótica de estudos de orientação francesa do discurso, entender como a superfície discursiva. Outra concessão, decorrente dessa primeira, foi a de desenvolvê-las, semelhantemente a como (obviamente, de modo intuitivo) as desenvolve a literatura biomédica, tendo como ponto de partida um sujeito fonte de seu dizer – sujeito, portanto, compatível com uma visão de orientação mais interacional e cognitiva da linguagem em uso;

(3) por fim, centrar-me na superfície discursiva e na ilusão de um sujeito centro/fonte do (seu) dizer fez com que a concepção e a análise do objeto de investigação – o caráter não-apropriado das pausas – se restringisse ao âmbito dessa visão teórica. Como efeito dessa restrição, as pausas foram concebidas

como rupturas na sequência temporal-gramatical da fala, cuja irrupção se devia, fundamentalmente, a como os parkinsonianos (vistos de perspectiva que toma os sujeitos como não-constituídos pela linguagem, entendida essa constitutividade em seu sentido forte – cf. os dois momentos seguintes da trajetória que descrevo) lidavam com questões linguístico-conversacionais e com suas questões internas (tanto do ponto de vista cognitivo, quanto do ponto de vista emocional e, ainda, motor);

- (4) restava, ainda, uma questão: o não-apropriado das pausas era, por um lado, o mascaramento de regularidades linguístico-textuais (sobretudo as de natureza semântica) e, por outro, seu caráter hesitativo (manifestado nos momentos mais disfluentes dos enunciados). Mas, como relacionar, então, esse caráter hesitativo a outros fatos da linguagem aos quais também se poderia atribuí-lo, como, por exemplo, alongamentos, repetições, gaguejamentos? Não corresponderiam, então, essas pausas “não-apropriadas” com caráter hesitativo e o “embaralhado, confuso, indefinido das disfluências”, destacados pela literatura biomédica, a estruturas linguísticas distintas que remeteriam a um mesmo e único processo?

Decorrente desse conjunto de problematizações, iniciou-se um segundo momento de minha trajetória – aquele em que me voltei mais diretamente às hesitações. Nesse segundo momento, longe de serem confundidas com as chamadas disfluências (que resultariam de desajustes entre programação e execução da fala), hesitações passaram a ser vistas como processos, e não como estruturas linguísticas típicas da conversação, ou como disfluências. Esses processos hesitativos teriam, em sua base, motivação discursiva e se mostrariam, no fio do discurso, por meio de diferentes marcas linguísticas. Dentre essas marcas, incluir-se-iam as pausas que: (a) não delimitam fronteiras prosódicas em que são esperadas, bem como aquelas que (b) indiciam a

tomada do dizer (aquelas que, na literatura textual-interativa, são categorizadas como pausas iniciais de turnos). Não se explicaria, assim, de um novo modo, o estatuto linguístico das disfluências para as quais a literatura biomédica chamava a atenção, a saber, como resultado, antes, de processos hesitativos do que de dificuldades motoras consideradas isoladamente? A resposta a essa questão será fornecida na descrição do segundo momento de minha trajetória, a seguir.

**O segundo momento:
a instabilidade das hesitações**

Os estudos preliminares que desenvolvi em meu pós-doutorado nos anos de 1998 e 1999 (baseados, como se viu, em sessões de conversação de dois sujeitos parkinsonianos), bem como seus desdobramentos conduzidos por meus orientandos, mostraram-me a necessidade de expandir não só a quantidade de sujeitos como também a quantidade de sessões de conversação com esses sujeitos. Da percepção dessa necessidade decorreu a ideia de constituição de um Banco de Dados, composto por gravações de sessões de conversação de mais sujeitos, feitas a cada quatro meses. Para efeito de trabalhos comparativos, pensei também em obter registros de sujeitos sem lesão neurológica que portassem perfis sociolinguísticos de sexo, faixa etária e grau de escolaridade semelhantes aos dos sujeitos com lesão neurológica. Desse modo, o Banco de Dados poderia propiciar, a meu ver, tanto o desenvolvimento de trabalhos transversais (entre parkinsonianos e/ou entre estes e não-parkinsonianos) quanto o de trabalhos longitudinais, estes últimos dedicados especialmente a investigar possíveis diferenças de condição enunciativa de parkinsonianos nos quais a progressão da doença viesse a se manifestar durante a coleta.

Busquei, pois, primeiramente os sujeitos parkinsonianos.

Além de meu contato pessoal com os dois sujeitos já investigados, tive acesso aos demais principalmente no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (doravante, UFU). O acesso a eles me foi facilitado pelo fato de uma de minhas orientandas, Julyana Chaves Nascimento¹⁸, à época, trabalhar como fonoaudióloga no referido Hospital.

¹⁸ Agradeço à Julyana a facilitação do contato e, sobretudo, seu precioso trabalho de coleta e de organização do material.

No entanto, mesmo com esse elemento facilitador, houve várias dificuldades na constituição do Banco. Dos dois sujeitos de meu conhecimento pessoal, foi possível desenvolver apenas duas sessões de gravação com cada um, já que um deles veio a falecer e o outro teve progressão tão acentuada da doença que dificultou a continuidade das gravações. Embora no Hospital das Clínicas da UFU minha orientanda tenha entrado em contato com vários sujeitos com Doença de Parkinson (dos dois sexos, com diferentes faixas etárias e tempo de doença), essa facilidade de contato não resultou em facilidade de registro de conversas. Com efeito, com alguns sujeitos não foi possível a continuidade, ou por desistência do sujeito, ou por mudança de cidade/setor de atendimento, ou por falta de colaboração de familiares, ou, ainda, por uma progressão brusca da doença com consequências motoras extremamente desfavoráveis para a locomoção e, mesmo, para a atividade linguística. Houve também a exclusão de um sujeito em razão de diagnóstico médico inconclusivo quanto a ele ser portador, ou não, da Doença de Parkinson.

Também foi muito difícil a localização de sujeitos sem lesão neurológica – com perfis sociolinguísticos semelhantes aos dos parkinsonianos – que se dispusessem a contribuir para a formação do Banco de Dados. Ainda assim, como se verá, a quantidade obtida de sessões de conversação de sujeitos parkinsonianos (e de não-parkinsonianos) forneceu um razoável material de pesquisa sobre alterações que a Doença de Parkinson pode provocar na produção de enunciados falados (e mesmo escritos) desses sujeitos.

Para a constituição do banco, ao longo de dois anos, a cada quatro meses, foram registradas, em áudio e em vídeo, sessões de conversação entre sujeitos parkinsonianos (dois do gênero masculino e dois do gênero feminino) e uma mesma documentadora. Foram registradas, ainda, a cada oito meses, em áudio e em vídeo, sessões de

conversação entre essa mesma documentadora e três sujeitos sem lesão neurológica¹⁹ com características sociolinguísticas semelhantes às dos parkinsonianos. A periodicidade diferenciada para cada grupo de sujeitos se deu pelo fato de a literatura médica e fonoaudiológica afirmarem que a doença de Parkinson é progressiva, ou seja, com o passar do tempo, seus sintomas, inclusive os de linguagem, se agravam. Por esse motivo, foram feitos registros mais frequentes com os parkinsonianos do que com os não parkinsonianos, para permitir que fossem realizados estudos relacionados à possível evolução do quadro. Como a literatura não apresenta medidas de tempo precisas para a evolução da doença, foi feito um recorte de tempo considerado como significativo para a observação de mudanças e cuja periodicidade fosse viável para os sujeitos e para a documentadora.

Com essa coleta, foi possível a construção de um banco de dados que não apenas pode permitir a realização de pesquisas transversais, como, ainda, de pesquisas longitudinais. Destaco a preocupação com a realização de pesquisas longitudinais na medida em que o tempo de doença é um fator que pode contribuir para mudanças nos sintomas dos parkinsonianos (incluindo-se, obviamente, os sintomas de linguagem – foco de interesse de pesquisas subsidiadas pelo banco de dados).

Constam, ainda, desse banco, produções escritas de todos os sujeitos (parkinsonianos e não-parkinsonianos). Essas produções foram coletadas nos mesmos dias de registros das sessões de conversação. Diferentes gêneros textuais foram propostos, para todos os sujeitos, em cada sessão de coleta. Destaco a preocupação com a realização desse tipo de coleta, já que é praticamente nula a preocupação da literatura biomédica e linguística com a condição enunciativa escrita de sujeitos com Doença de

¹⁹ Dois sujeitos parkinsonianos e um sem lesão neurológica (os três do gênero masculino) tinham características sociolinguísticas bastante comuns entre si. Dada a dificuldade de encontrarmos dois sujeitos sem lesão neurológica com características linguísticas durante o período de coleta, optamos por manter apenas um para a realização de pesquisas de cunho comparativo com os dois sujeitos parkinsonianos.

Parkinson – como se os problemas desencadeados pela doença atingissem, também na escrita, apenas seus aspectos motores²⁰!

Com o apoio do CNPq (Processos 401675/2004 – 1 e 502221/2005 – 4), os registros desse banco estão, ao mesmo tempo, digitalizados e transcritos de acordo com normas adaptadas de Pretti e Urbano (1998), Marcuschi (1998) e Koch (2000). A transcrição original do *corpus* do *Banco de Dados* passou por um trabalho de revisão, no qual foram feitas, num primeiro momento, revisões individuais por dois revisores e, num segundo momento, confronto das revisões. Todos os revisores integravam o Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (o GPEL/CNPq), que coordeno, e passaram por treinamento específico, durante o qual ficou estabelecido que as revisões seriam feitas primeiramente por meio da filmagem, devido ao interesse do GPEL não só pelos aspectos linguísticos propriamente ditos, mas, também, pelos aspectos não verbais das conversações. Durante esse treinamento, foram discutidos os critérios de revisão, bem como o enfoque que deveria ser dado à *hesitação*.

Nas transcrições, especialmente nos momentos em que ocorreram hesitações, foram incluídas informações não-verbais de várias naturezas. O acesso a elas, como se viu, foi favorecido pelo fato de as sessões terem sido registradas em áudio e vídeo. Trata-se de informações, a meu ver, de extrema relevância, já que remetem a fatos ocorridos durante as situações reais de registro das conversações – como, por exemplo, mudança de direção de olhares para e entre interlocutores, dificuldades de movimentação de articuladores nos sujeitos parkinsonianos, dentre várias outras. Mostrou-se importante o acréscimo de tais informações, na medida em que elas tiveram,

²⁰ Estudos desenvolvidos pela literatura biomédica sobre a Doença de Parkinson, como os de Tashiro *et al* (1987), Barbosa (1989), Jones *et al* (1992), McNamara *et al* (1992), De Angelis (1995) e Teulings *et al* (1997), mencionam alterações de escrita em parkinsonianos. No entanto, o olhar para essas alterações, mais uma vez, centra-se na dificuldade motora do ato de escrever, sem qualquer menção a fatos linguísticos dessa escrita supostamente alterada. Daí, minha curiosidade em obter dos sujeitos que compuseram o Banco de Dados amostras também de sua escrita, pensando na possibilidade de estudo que se abriria sobre a enunciação escrita desses sujeitos.

muitas vezes, papel decisivo na interpretação de características semântico-discursivas das hesitações em análises de dados. A título de exemplo: numa situação na qual apenas com a audição e com uma transcrição exclusivamente verbal da sessão se detecta uma pausa em início de/entre enunciados – fato que não necessariamente autorizaria a atribuir a ela o estatuto de pausa hesitativa –, o apoio em aspectos não-verbais da transcrição (tais como franzir de sobrelhas, gestos com as mãos, mudança de direção do olhar etc.) possibilitou interpretação mais precisa do funcionamento dessa pausa e, conseqüentemente, forneceu mais elementos para a definição de seu estatuto (hesitativa ou não-hesitativa).

Destaque-se que esses quatro sujeitos parkinsonianos (de diferentes idades e com diferentes tempos de doença) se dispuseram a continuar colaborando com gravações de sua atividade conversacional por mais um ano – fato que duplicou a quantidade de seus registros.

Somando-se, aos desses quatro sujeitos, os registros que puderam ser feitos de outros seis parkinsonianos (dois do sexo feminino e quatro do sexo masculino), chegou-se a um total de 23 registros de sessões de conversação para o desenvolvimento de pesquisas.

De posse do material e, sobretudo, reconfigurando o objeto de investigação, iniciei novo percurso de pesquisa, ao qual, uma vez mais, juntei meus orientandos. Conforme antecipei, essa reconfiguração nasceu de meu interesse por um estudo mais aprofundado dos processos hesitativos a que as pausas remetiam – na medida em que poderiam ser vistas como marcas linguísticas desses processos.

Com o desenvolvimento da pesquisa, as pausas passaram, então, a ser vistas como **mais uma** das possíveis marcas de um processo de linguagem mais geral – o da hesitação – que ocorria de modo bastante característico em sujeitos com Doença de

Parkinson. A questão central de investigação passou, pois, a ser a caracterização das marcas do processo hesitativo, bem como de seu funcionamento.

Aspectos dessa questão serão mostrados a seguir. Foram extraídos de um trabalho do qual participei (como co-autor e como orientador) e que, ainda hoje, considero como dos mais representativos de minha trajetória pessoal como pesquisador e como orientador. Pode-se, mesmo, dizer que é o trabalho em que foram publicadas as bases do pensamento que venho (ainda) desenvolvendo sobre as hesitações e que busquei tornar mais sólidas na reflexão que, com os meus orientandos e individualmente, vim construindo até o presente momento²¹.

Nesse trabalho, partimos da literatura linguística sobre as hesitações – que ou aborda esse fenômeno de uma perspectiva que poderíamos interpretar como cognitivista, sobretudo na produção estrangeira filiada ao trabalho essencial de Goldman-Eisler (1956, 1958a, 1958b e 1961), e/ou o aborda de uma perspectiva textual-interativa, sobretudo nos trabalhos desenvolvidos no Brasil e que têm como base pesquisadores ligados ao Projeto *Gramática do Português Falado*, com destaque a Luiz Antonio Marcuschi).

Nessa literatura:

(a) especialmente na perspectiva cognitivista (mas também na perspectiva textual-interativa), as hesitações são relacionadas a processos internos ao sujeito, que estariam na base do planejamento e da formulação de seus enunciados;

(b) especialmente na perspectiva textual-interativa, as hesitações são tratadas como elementos que colaboram para a organização conversacional e/ou como marcas que sinalizam o processo de elaboração do texto falado;

²¹ Nascimento e Chacon (2006).

(c) nas duas perspectivas, as hesitações são vistas predominantemente como descontinuidades no dizer;

(d) também nas duas perspectivas, o estudo das hesitações se faz em contextos considerados como de normalidade. Excluem-se, assim, os casos considerados como patológicos – fato explicitado em Koch *et al* (1990), trabalho no qual os autores deixam de lado elementos de descontinuidade que consideram como frutos de perturbações ou de limitações psicofísicas.

Como se verifica, é possível atribuir diferenças e semelhanças no modo como essas duas abordagens lidam com as hesitações.

Com relação às diferenças, parece que a questão central na abordagem interpretada como cognitivista não é exatamente o fenômeno hesitativo, mas sim a tentativa de compreender processos psíquicos e/ou cognitivos relacionados com a linguagem, o que explicaria, então, a preocupação dessa literatura, por exemplo, com o planejamento, a codificação e a decodificação de fala. Outro fato a ser destacado é que essa abordagem entende cada uma das diferentes marcas de hesitação como correspondendo a um processo específico de hesitação (ou seja, estabelecendo, erroneamente, vínculos diretos entre um tipo de processo e um tipo específico de marca desse processo). Finalmente, um último destaque a respeito da abordagem interpretada como cognitivista relaciona-se com a obtenção de dados: sempre extraídos de emissões individuais de fala.

Já na abordagem textual-interativa, embora também o foco não seja o funcionamento das hesitações, não se trata, porém, propriamente da busca de processos psíquicos e/ou cognitivos, mas de entender seu papel na produção do texto falado em elocuições formais ou na atividade conversacional – fato que, necessariamente, leva a outro tipo de obtenção de dados: o registro dessas elocuições (como, por exemplo, aulas

em nível de graduação) e de sessões de conversação. Nessa abordagem, diferentemente da anterior, não são estabelecidos vínculos diretos entre processos e marcas – aliás, há situações em que ocorrem ambiguidades no tratamento das hesitações, já que ora são vistas como tipos linguísticos, ora são vistas como marcas de processos conversacionais.

Com relação às semelhanças entre as duas abordagens, apesar de sua fundamental diferença de orientação, nos estudos desenvolvidos no âmbito de cada uma delas:

- (1) a linguagem é vista do ponto de vista de sua linearidade, ou seja, o dizer é reduzido a sua materialidade linguística, o que permite aos autores falarem em fluxo de fala e em interrupção desse fluxo;
- (2) a linguagem é vista como produto verbal de esforços cognitivos individuais, socialmente regulados. Daí a compreensão da linguagem como processo mental de codificação e decodificação linguística;
- (3) o sujeito é tomado sob o recorte do EGO, enquanto consciência, o que permite a interpretação de fenômenos linguísticos como estratégias e recursos dos quais o falante se utilizaria, livremente, para se comunicar;
- (4) vistas como descontinuidades linguísticas, as hesitações são analisadas prioritariamente em relação a aspectos formais e/ou funcionais;
- (5) são estabelecidas relações entre o que seria um planejamento cognitivo da linguagem, enquanto estrutura, e as hesitações, permitindo, pois, que as hesitações sejam entendidas, para além de seu caráter de marcas de formulação, como indício de problemas de formulação no texto falado.

Mesmo com as restrições apontadas, são, no entanto, inegáveis as contribuições dessas duas diferentes maneiras de abordar as hesitações para uma melhor compreensão

de como elas emergem no dizer. Com efeito, as duas formas de abordagem permitem, de algum modo, trazer à cena a importância de se investigar a linguagem em uso – e não um sistema que presidiria esse uso. Permitem, ainda, chamar a atenção para aspectos pragmáticos, cognitivos, conversacionais e – no que mais diretamente me interessa – discursivos. Permitem, por fim, relacionar a emergência das hesitações a processos que se poderiam interpretar como internos à subjetividade do falante – especialmente processos que, nessa literatura, são vistos como de memória, de planejamento e, mesmo, de reflexividade durante a produção da fala. Assim, se reinterpretadas suas descobertas, as duas diferentes abordagens poderiam fornecer importantes contribuições para o estudo das relações entre aspectos da subjetividade e aspectos da linguagem em uso.

A propósito, vários autores cujos estudos se situariam numa orientação mais cognitivista no tratamento das hesitações mencionam uma distribuição não-aleatória de sua emergência no dizer (aspecto, aliás, destacado em toda literatura de orientação textual-interativa). Eles observam, inclusive, uma determinação multifatorial das hesitações. Dentre esses fatores, encontram-se menções: a questões emocionais e à atividade reflexiva (memória) e articulatória em Goldman-Eisler (1956); a questões cognitivas, formais e interacionais em Marcuschi (1999a; 1999b; 2004); a questões interacionais, emocionais (*stress*) e de planejamento em Levin e Silverman (1965); e a questões como a própria realização motora da fala (*slips of tongue*) em Ragsdale e Sisterhen (1984).

Outra contribuição se refere à relação estabelecida – especialmente por Tannenbaum, Williams e Wood (1967) – entre a maior ocorrência de hesitações e o que esses autores interpretam como *aumento da demanda cognitiva*. Além dessa relação com aspectos mentais, enquanto lapsos da mente, as hesitações denunciariam aspectos do controle mental da fala, e não teriam um funcionamento somente segmental

(NOOTEBOMM, 1980). Ou seja, elas estariam relacionadas a outros fatores linguísticos, não exclusivamente ao segmental, fato também destacado por Taylor (1969), a propósito da influência da determinação tópica na ocorrência das hesitações. Ainda nesse sentido, para Voss (1979), o processo de decodificação, e talvez o de codificação, não sendo linear, seria similar a um processo de escolhas entre a projeção do ouvinte e a informação acústica do dado.

No que se refere às hesitações agora como marcas das escolhas dos falantes, Jernudd e Thuan (1983) relacionam esse fenômeno à solução/resolução da negociação de normas específicas, culturalmente definidas e mais ou menos permanentes, normas que implicariam na negociação do significado. Isso porque, “quando uma pessoa fala, ela manifesta a habilidade de não meramente gerar e produzir um enunciado que é apropriado ao contexto, mas também necessariamente de balancear várias demandas potencialmente conflitantes que são específicas do momento da enunciação” (JERNUDD; THUAN, 1983, p. 75), questão que se aproxima à proposta dos autores brasileiros no estudo das hesitações.

Essas leituras sobre as hesitações fizeram emergir dois pontos fundamentais para a construção de uma visão discursiva das hesitações.

Quanto ao primeiro ponto, na medida em que se pensa em um fenômeno cujas marcas remeteriam à complexidade enunciativa, seria prioritário, antes de buscar as especificidades de cada uma dessas marcas (tal como buscaram fazer os estudos de orientação mais cognitivista), compreender o funcionamento mais global do próprio processo de hesitar.

Quanto ao segundo ponto, os comentários dos autores sobre as determinações multifatoriais das hesitações, e sobre sua relação com situações que demandam alternativas a serem escolhidas, permitem pensar se essas determinações, sob ótica

discursiva, não corresponderiam à heterogeneidade (do discurso/do sujeito). Dito de outro modo, não mostrariam as hesitações relações entre uma multiplicidade de *outros*²² e a constituição de uma cadeia de significantes?

Responder positivamente a esses pontos leva, conseqüentemente, a um distanciamento da relação, estabelecida pela literatura linguística sobre as hesitações, entre sua ocorrência e (somente) um provável aumento de demanda cognitiva, bem como da relação, estabelecida pela literatura biomédica sobre as alterações de fala em parkinsonianos, entre a presença de disfluências e (somente) dificuldades de realização motora da fala impostas pela doença.

A distância necessária quanto a essas posições poderia ser traduzida pela busca de uma integração (e não pela dissociação) entre os múltiplos fatores possivelmente envolvidos numa ocorrência hesitativa, já que, nas hesitações: (1) o trabalho categorizado como cognitivo envolve, de uma perspectiva linguística, inclusive a esfera simbólica da realização motora da fala (mais especificamente, o componente **fonológico** da língua, aliás, não lembrado ou mencionado em nenhum momento pela literatura linguística sobre hesitações nem pela literatura biomédica que faz remissões a disfluências), na medida em que nem mesmo a ação motora (responsável pela produção física de características articulatórias e prosódicas da fala) se desenvolveria fora de um sistema fonológico que organiza e padroniza os movimentos da fala; e (2) a própria relação estabelecida entre hesitações e aspectos motores ou cognitivos poderia ser vista, de acordo com Authier-Revuz (1990; 2004), Pêcheux (1990a) e Tfouni (2001; 2008), em um sujeito que vai além de sua consciência, um sujeito dotado de inconsciente, no sentido de “[...] conflitos esquecidos, demandas recalcadas – eventualmente portadoras

²² Pensava, à época, no jogo de representações que atua no circuito de comunicação, com destaque, por exemplo, para a suscetibilidade do sujeito às diferentes vozes que se representam/se recuperam nos variados objetos discursivos.

de sofrimento – que agem, sem que o [próprio] sujeito saiba, na sua vida presente” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50) e, portanto, na constituição de seu discurso.

Assim, desse lugar discursivo, as hesitações não se constituiriam em indícios descontinuadores do fluir temático ou em disfluências – tal como os estudos linguísticos e biomédicos as categorizam. Em primeiro lugar, porque a complexidade enunciativa é, por princípio, dialógica, pressupondo diferentes modos de negociação do sujeito com os *outros* que o constituem, em diferentes graus de complexidade nessa relação – tanto nas situações consideradas como normais de fala quanto nas consideradas como alteradas. Em segundo lugar, porque a fluência, vista como continuidade, assim como o “eu”, seria uma construção imaginária que daria ao sujeito a ilusão de controle sobre suas ações linguísticas, na realidade, guiadas em grande medida por um *inconsciente* cujos conteúdos são desconhecidos ao sujeito.

Pode-se, então, considerar que essa visão sobre as hesitações constitui um ganho teórico no que diz respeito: (1) à própria concepção do fenômeno hesitativo (independentemente da condição enunciativa – patológica ou não – em que ocorre): e (2) à extensão dessa concepção para a explicação de dados extraídos de contextos patologizantes (já que a literatura linguística não tem se ocupado do funcionamento das hesitações nesses contextos e a literatura biomédica não tem levado em conta, no que entende como disfluências em parkinsonianos, a complexidade enunciativa subjacente às ocorrências dessas disfluências).

Veremos, com mais detalhe, como se deu a construção dessa visão, ou melhor, desse arcabouço teórico sobre as hesitações.

Conforme antecipei, trabalhos de Authier-Revuz, Tfouni e Pêcheux, cujas reflexões podem, pelo menos em parte (nos casos das duas primeiras autoras), ser situadas no campo dos estudos de orientação francesa do discurso, possibilitaram um

deslocamento no que se refere ao *locus* teórico-metodológico de investigação das hesitações. Vejamos em que medida suas reflexões forneceram alicerces para esse deslocamento.

Inspirada em “(...) trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos [e] na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan”, Authier-Revuz (1990, p. 26) propõe o que chamou de *heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso*. Essa forma de heterogeneidade diz respeito a uma dupla determinação do sujeito e do discurso: (1) de seu *exterior*; e (2) de seu *interior*.

Para explicar a determinação que sujeito e discurso sofreriam de seu *exterior*, a autora apoia-se, sobretudo, na concepção de Pêcheux do *discurso como produto do interdiscurso*. Nessa perspectiva, a produção do discurso seria regulada pelo interdiscurso²³, “(...) maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Já para explicar a determinação que sujeito e discurso sofreriam de seu *interior*, a autora apoia-se na releitura que Lacan faz de Freud e de Saussure e que resulta na “(...) dupla concepção de uma **fala fundamentalmente heterogênea** e de um sujeito **dividido**” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28 – destaques da autora). De acordo com essa segunda forma de determinação, sob as palavras, sempre outras seriam ditas, já que, desse ponto de vista, a estrutura material da língua possibilita escutar, “(...) na linearidade de uma cadeia, a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da ‘pontuação do inconsciente’” (id., *ibid.*).

²³ Ou, no termos da autora, de seu exterior.

Essas duas formas de determinação características da heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso atuam de forma integrada²⁴: em sua constituição, o sujeito “(...) não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (id., *ibid.*). Isso porque, “(...) **constitutivamente**, no sujeito e no discurso está o **Outro**” (id., p. 29 – destaques da autora) – entendido como uma “(...) heterogeneidade radical” (id., p. 32).

Dado seu estatuto radical, embora “fundadora” do sujeito e do discurso, essa heterogeneidade que os funda lhes escapa – já que interdiscurso e processos inconscientes não são, segundo Authier-Revuz, nem diretamente localizáveis nem diretamente representáveis no discurso. Daí a “radicalidade” que os caracteriza.

No entanto, em sua ilusão necessária de centro do processo discursivo – ou seja, como o *eu* que enuncia –, o sujeito mostra, no fio do discurso, diferentes formas pelas quais “negocia” com a heterogeneidade que o constitui. Trata-se, nesses momentos, não mais da heterogeneidade constitutiva, mas de outra forma de heterogeneidade do sujeito e do discurso: a heterogeneidade mostrada. Mostrada, porque remete às diferentes formas pelas quais o(s) outro(s) – que, na ilusão subjetiva, se constrói(em) como exterior(es) ao processo discursivo – irrompe(m) nesse processo, mas cuja irrupção o sujeito busca controlar pela figura do *eu* que se apresenta como centro do processo.

Em muitos desses momentos, segundo a autora, detectam-se *buracos* no discurso. Exatamente nesse ponto de sua proposta, Authier-Revuz (1990) destaca um aspecto das formas mostradas de emergência do(s) outro(s) que me é particularmente significativo: “(...) o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de

²⁴ A propósito, é digna de destaque uma observação de Pêcheux e Fuchs, já em 1975, ao apresentarem o quadro epistemológico do empreendimento que articulava o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso: “Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990 [1975], p. 164).

correção, reserva, **hesitação** ... um caráter de particularidade accidental, de defeito local” (op. cit., p. 31 – destaque meu). Eis, pontualmente, o fragmento da enunciação da proposta de Authier-Revuz que me levou a desenvolver a ideia (aliás, não explorada pela própria autora, até onde vai meu conhecimento de suas pesquisas) de que a hesitação seria uma das formas de heterogeneidade mostrada no discurso.

Authier-Revuz forneceu, assim, o ponto de partida para a proposta de abordar, de um ponto de vista discursivo, o funcionamento das hesitações. Esse apoio foi decisivo para que eu pudesse (bem como meus orientandos) lidar com o alcance/limite das abordagens cognitivistas e interacionais das hesitações. Com efeito, nessas abordagens, parece-me que a preocupação maior dos autores não é, de fato, com as hesitações, mas, sim, com o planejamento linguístico e/ou com a formulação do texto falado. Em outras palavras, numa relação figura/fundo, nessas abordagens, as hesitações quase nunca ocupam a primeira posição – mesmo que seus autores deem destaque a elas em vários títulos de trabalhos. Sua importância nesses estudos decorre de indiciarem “problemas” ou “reflexividade” nesse planejamento/formulação.

Como já antecipei, nessas abordagens, as hesitações são, antes, vistas como indícios de descontinuidade do dizer. Mas, de que se trata a continuidade que essa descontinuidade supostamente abalaria? Caracterizar-se-ia o planejamento/formulação do dizer por uma calmaria pontuada por momentos de turbulência? Pêcheux e Tfoundi forneceram elementos fundamentais para uma possível resposta a essa questão, bem como (em decorrência) para uma melhor formulação de uma abordagem discursiva do fenômeno hesitativo.

Haveria, com efeito, na produção do discurso, “(...) um movimento de deriva e dispersão dos sentidos inevitável, que o autor precisa ‘controlar’ a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente.” (TFOUNI, 2001, p. 82). Nessa operação de “controle”,

o autor – figura discursiva – assumiria posição de auto-reflexibilidade crítica durante o processo discursivo, “(...) fato este que provocaria, no próprio texto, um retorno constante à forma como o sentido está sendo produzido, sem que isso impeça que ele seja constantemente produzido” (id. *ibid.*).

Dada a constituição heterogênea do sujeito e do discurso, no processo discursivo, “(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, (...) se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX, 1990a [1983], p. 53). Assim, a produção do discurso poderia ser caracterizada “(...) como uma série (...) de pontos de deriva possível” (id., *ibid.*), o que faz com que a deriva possa ser considerada, de acordo com Tfouni (2008), como parte do funcionamento geral da língua (e, portanto, da linguagem – eu acrescentaria).

Desse modo, o equívoco, a elipse, a falta (que mostrariam, no fio do discurso, a emergência da deriva) não poderiam, segundo Pêcheux (id., p. 51), ser concebidos como “(...) o amolecimento de um núcleo duro lógico”, mas – e nesse ponto, o autor refere-se diretamente a Authier-Revuz – como *heterogeneidade constitutiva*.

Portanto, o que caracteriza, por princípio, o processo discursivo é justamente a turbulência, a instabilidade, que provêm das tentativas incessantes de contenção da deriva do dizer, já que, a todo momento, no fio do discurso, há a possibilidade de a deriva concretamente vir a se mostrar (e a amarração dos significantes se desfazer nesse fio). Momentos bem sucedidos de contenção da emergência da deriva seriam aqueles em que a turbulência, a instabilidade, não se deixam (linguisticamente) entrever no fio do discurso – trata-se dos momentos tradicionalmente tidos como de fluência. Já os momentos de disfluência, nos quais, de acordo com Tfouni (2008), ocorreriam lapsos, esquecimentos, falsos começos e hesitações (que fazem “quebrar” a estrutura material do discurso), seriam justamente aqueles em que essa contenção não ocorreria, e nos

quais, portanto, a turbulência constitutiva do processo discursivo se deixa (linguisticamente) mostrar. Em outras palavras,

(,,,) na perspectiva que vimos assumindo, tanto os momentos considerados como de fluência quanto aqueles considerados como de disfluência corresponderiam (...) a diferentes modos de negociação do sujeito com os outros que o constituem, em diferentes graus de complexidade. (NASCIMENTO; CHACON, 2006, p. 62).

Eis, pois, exposto o pano de fundo da abordagem discursiva das hesitações. Com base nesse pano de fundo, de modo bastante sintetizado, as hesitações podem ser entendidas como pontos de ancoragem (nem sempre bem-sucedida) nos quais se torna explicitamente problemática a negociação do *eu* com os *outros* constitutivos de um processo discursivo. Empiricamente, os processos discursivos que orientamos e eu analisamos se mostraram sob forma de sessões de conversação – uma vez que não as consideramos propriamente como textos falados, mas, com base em Pêcheux (1990b [1969]) e em função de nosso interesse específico, especialmente como materializações de processos discursivos. Há, portanto, deslocamento não apenas em relação ao modo como a literatura considera as hesitações, mas, também, em relação ao modo como essa literatura (sobretudo na abordagem textual-interativa) considera o material empírico do qual extraí as ocorrências de hesitações. Constituiu-se, assim, o arcabouço teórico-metodológico (então inédito na literatura sobre as hesitações) que vem sustentando o desenvolvimento das pesquisas que tenho coordenado e que, a meu ver, bem caracteriza o êxito do investimento de se propor uma abordagem inovadora para o funcionamento das hesitações.

Esse êxito pode ser sintetizado na postulação de que, na produção do discurso, as hesitações seriam uma das formas mostradas de heterogeneidade, da negociação do sujeito com os múltiplos *outros* que constituem o (seu) dizer, negociação empreendida no sentido de domesticar e organizar, segundo as restrições de interpretação dadas pelos

espaços imaginariamente estabilizados, o deslizamento, a instabilidade dos significados e, mesmo, dos próprios movimentos envolvidos na produção dos significantes linguísticos – acrescentaríamos! Ou seja, na qualidade de formas mostradas de heterogeneidade, as hesitações remeteriam necessariamente ao princípio dialógico da linguagem e à limitação formal de sua realização, sinalizariam a necessidade, imposta ao sujeito, de “organizar”, segundo regras (não prescritivas), recortes desses *outros* que lhe são constitutivos.

Visando detectar a participação desses *outros* discursivos na ocorrência das hesitações, tomando cuidado para não simplificá-la, a preocupação passou a ser, então, a de demonstrar que, durante a produção do discurso, atividade que, vista como complexidade enunciativa, põe em jogo uma multiplicidade de *outros*, algumas questões emergiriam no sujeito como potencialmente conflitantes, cujas demandas ele teria de organizar organizar, na tentativa de manter seu centro, o “eu”, ilusão necessária. Assim, no momento em que ocorre uma hesitação, evidenciar-se-ia, na produção de enunciados, a natureza dividida, dispersa, do sujeito que enuncia. O fenômeno hesitativo na linguagem poderia, portanto, ser entendido – mais do que atestação da existência –, como uma marca da insistência do outro.

Inseridas que estão numa atividade que “obriga” o sujeito a negociar com uma multiplicidade de *outros* que lhe são constitutivos, as hesitações apontariam para momentos de tensão entre vários elementos envolvidos na produção do discurso, momentos de tomadas de posição (inconscientes ou não-necessariamente conscientes) do sujeito. Dito de outro modo, as hesitações se constituiriam, ao mesmo tempo, como indícios de pontos de deriva e como indícios de pontos de ancoragem do dizer. Seriam indícios de pontos de deriva pelo fato de que, a cada momento do fio do discurso, o sujeito que se marca como “eu” é submetido a conflitos (que se mostram por meio de

rupturas formais e/ou de sentido) que podem fazer emergir direções conflitantes para o (seu) dizer – daí a anterioridade da deriva na produção/constituição do discurso. Mas seriam também, e ao mesmo tempo, indícios de pontos de ancoragem porque se mostram como momentos de retroalimentação do dizer e/ou de solução local quanto à direção do dizer. Pontos de deriva e pontos de ancoragem seriam, portanto, duas maneiras de se ver o fenômeno da hesitação, mostrando, cada uma delas, uma possibilidade de interpretação. Como ponto de deriva, ao manifestar possibilidades múltiplas e, em geral, conflitantes de prosseguir, a hesitação imporá ao sujeito uma solução. Como ponto de ancoragem, a hesitação seria a retenção da cadeia falada por instantes em função da ação (muitas vezes desconcertante) da deriva e da antecipação de diferentes possibilidades de prosseguir, retenção que mostraria um levantar de âncoras e uma solução local. Em síntese, pontos de deriva e de ancoragem passaram a ser vistos como zonas de tensão e, simultaneamente, como formas de/tentativas de controle da dispersão.

Metodologicamente, porém, como demonstrar que as marcas de hesitação indicariam essas zonas de tensão? Lembre-se, para tanto, que é devido à insistência do *outro* como lei nos espaços discursivos que, no fio do discurso, se detecta uma dupla tentativa: a de “controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão, que ameaça – na enunciação – a unidade [desse] texto; e por outro lado, [a de] procurar mecanismos de ancoragem [...]” (TFOUNI, 2005, p. 129). Essa dupla tentativa (controle da dispersão e busca de ancoragem) pode ser entendida como o eixo central de observação das hesitações, na medida em que se trata de verificar se as marcas de hesitação se encontram em locais em que a deriva se mostra como controlada ou em locais em que os significados e/ou os significantes acabam por deslizar para outras direções.

Apresento, a seguir, uma ocorrência de cada uma dessas duas possibilidades²⁵:

DLZ conta do carnaval ué + o senhor não estava falando de carnaval? + que ainda toca + de toda sua vida + de músico + não pode pensar muito

CVG²⁶ ++ está ligado já?

DLZ já já estamos conversando + ((risos)) pode contar não precisa ficar com vergonha não

Nesse caso, a pausa sinalizada pelo sinal “++” ocorre num momento em que se indicia no sujeito a tensão entre o desenvolvimento da conversação conforme proposto por **DLZ** e o próprio fato de se ter gravada essa situação de enunciação – situação em que seria registrada em fita DAT e *videotape* toda a conversação produzida. Considerada a multiplicidade de *outros*, pode-se dizer que se localizam, nesse ponto da cadeia falada, dois *outros* dentre tantos possíveis que poderiam gerar (materializar) sentido nessa situação de enunciação, sendo um desses *outros* aquele que corresponderia ao normatizado da situação proposta – o de dar continuidade à conversação – e um segundo, aquele que emerge no enunciado do sujeito: o de apontar para um movimento que desloca a materialidade/o sentido para o próprio espaço normatizado (**CVG** ++ está ligado já?). Assim, nesse caso, a hesitação, marcada por uma pausa longa, se constitui num ponto em que o sujeito se ancora na tentativa de controlar um deslizamento, mas que, mesmo assim, acaba por ocorrer. Em outras palavras, a hesitação marca um momento de **não-recalque da deriva – e, como consequência, de materialização da dispersão.**

Já na ocorrência a seguir:

CVG não já estou pegando já tomando posse + e o mais velho que eu te falei + o Vinícius + com 17 anos + sem cursinho + passou em três universidades ± São Paulo na USP Uberlândia + que me falha o nome da universidade + **e:: Londrina::** na UEL

DLZ que glória

²⁵ As duas ocorrências aqui destacadas são analisadas com mais detalhe em Nascimento (2005), trabalho que orientei e de onde as extraí.

²⁶ Nestas e nas demais siglas que surgirão, a letra inicial C abrevia a expressão “sujeito controle”. As duas seguintes correspondem às iniciais do primeiro nome e do último sobrenome de cada sujeito.

temos, a partir da pausa sublinhada [+], o início de um movimento em que a ordem semântica se refere aos vestibulares nos quais o neto de CVG, Vinícius, passou. Os dados destacados em negrito constituem-se em alongamentos – “**e:: Londrina::** na UEL” – cujos fragmentos discursivos circundantes acompanham o movimento de sentido ao qual acabo de me referir. Assim, esses pontos de apoio (os alongamentos), ao mesmo tempo em que mostram as possibilidades de irrupção de outros significados/significantes (que, entretanto, são recalcados no momento da hesitação), mostram também um **controle efetivo da deriva latente**, já que a orientação do dizer se mantém, ou não se desloca “(...) discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX, 1990a [1983], p. 53) – situação em que, portanto, não se dá a materialização da dispersão.

Como se pode observar, constata-se um funcionamento discursivo das hesitações na medida em elas aparecem: tanto em (a) em momentos nos quais, apesar da tentativa de recalque, há deslizamento dos significados/significantes; quanto em (b) em momentos de sucesso no recalque, que resultam em significados/significantes não-dispersos.

Além dessa forma de abordagem, com a inestimável contribuição de orientandos²⁷, propusemos uma caracterização formal das hesitações, de tal modo que possibilitasse tanto a interpretação linguística de momentos hesitativos vistos em sujeitos parkinsonianos e em sujeitos sem lesão neurológica quanto a interpretação de momentos vistos mais particularmente em sujeitos parkinsonianos²⁸. Essa caracterização foi assentada em trabalhos de Marcuschi (1998, 1999a, 1999b, 2006) –

²⁷ Faço especial menção a Julyana Chaves Nascimento, Carlos Eduardo Borges Dias e Roberta Cristina Rodrigues Vieira.

²⁸ A caracterização das marcas hesitativas que apresentarei a seguir decorreu, ao mesmo tempo, de discussões teórico-metodológicas que desenvolvi com meus orientandos, bem como de muitas observações empíricas que fizemos do material de pesquisa que viemos a analisar. Trata-se, portanto, de uma construção conjunta que empreendemos e que passou a sustentar todas as investigações que viemos a fazer de dados de hesitações (não-necessariamente e apenas de sujeitos com Doença de Parkinson).

autor brasileiro cujo trabalho sobre hesitações considero como fundamental – adaptada, porém, aos tipos de dados e de sujeitos sob investigação.

Vale aqui uma observação. Para Marcuschi, e também para Jubran (2006), as hesitações teriam importante papel na sinalização de processos cognitivos e de estratégias linguísticas em elaboração. O ponto de vista que defendo é diferente, o que, a meu ver, só valoriza a argúcia de Marcuschi e a precisão crítica de Jubran, já que, ao se manterem em seus domínios de pesquisa, permitem a abertura para outros domínios, mesmo que teoricamente distantes. Diferentemente desses autores, portanto, vejo as hesitações como formas de heterogeneidade mostrada de um tipo bem particular. Sua particularidade está no fato de mostrarem o próprio processo²⁹ de construção da heterogeneidade mostrada. Trata-se, ao mesmo tempo, de aproximação, em grau máximo, da heterogeneidade constitutiva da linguagem (exposição a um ponto de deriva) e de recusa pontual (às vezes abrupta e nervosa, quase sempre titubeante, mas, em geral, bastante perceptível) do risco daquela aproximação, ou seja, de busca de um ponto de ancoragem. Mesmo que me distanciando da perspectiva textual-interativa, sirvo-me da caracterização das marcas de hesitação proposta por Marcuschi, cuja utilização tem se mostrado eficaz para o propósito de análise dos dados. Ressalto, uma vez mais, que, à caracterização das hesitações feita pela abordagem textual-interativa, acrescentamos marcas mais específicas – ou seja, marcas que também sinalizam pontos de ancoragem e de deriva – levantadas a partir da observação dos dados de investigação.

Cada marca que assumimos de Marcuschi será ilustrada por pelo menos um fragmento discursivo, extraído de sujeitos investigados:

- **pausas silenciosas:** constituem-se em silêncios, alongados ou não, que ocorrem em lugares sintaticamente não previstos. As pausas hesitativas, para esse autor,

²⁹ Na ideia de processo, mas não exatamente na sua natureza cognitiva, está uma das contribuições de Marcuschi e de Jubran na descrição das hesitações.

diferem do que ele classifica como silêncios interturnos, manifestações discursivas que podem até mesmo constituir um turno (na perspectiva textual-interativa). Diferem, também, das pausas de juntura, já que estas seriam sintaticamente previstas.

Na transcrição dos dados, utilizamos o sinal “+” para representar as pausas silenciosas. A quantidade de utilização do sinal, nas transcrições, variou, porém, de acordo com a percepção que um grupo de juízes especialmente treinados para fazerem e analisarem as transcrições teve da duração das pausas como mais breves “+” ou mais longas “++”, como no exemplo que segue:

PJP + não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se/ fazer né ++ mas eu procuro aproximar

CVG ++ é porque ele tinha dois cunhado lá nos Estados Unidos né +

- **pausas preenchidas:** mostram-se como interrupções da sequência temporal da fala geralmente marcadas acusticamente por expressões hesitativas. Muitas delas costumam ocorrer precedidas e/ou seguidas de pausas silenciosas breves. Para a transcrição deste tipo de marca, utilizamos as formas “ah”, “eh” e “uh”, seguindo as normas de transcrição de Pretti e Urbano (1998) para o Projeto da Norma Urbana Oral Culta (Projeto NURC):

PNS às vezes eu vou andar dou três quatro passos + **eh::** normal depois eu já + descontrolo

PJP *eh estatística*

- **alongamentos hesitativos:** trata-se da sensação de prolongamento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos. Destaque-se que há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, frequentes, sobretudo, na formação de listas, bem como alongamentos (geralmente acompanhados de elevação tonal) que operam como ênfase (MARCUSCHI, 1999b; 2006). Em geral, conforme salienta esse autor, quando, no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e

recaem em sílabas tônicas, não se constituiriam em hesitações. Desse modo, esses tipos de alongamentos não foram levados em consideração em nossos dados. Na transcrição, representando os alongamentos hesitativos, utilizamos o sinal “::” logo à direita da letra correspondente ao fonema que se encontra alongado. A menor ou maior quantidade de dois pontos (“::” ou “:::”) representa a concordância que o grupo de juízes teve da menor ou da maior duração do prolongamento:

CVG + ele:: o mais velho às vezes vai no no Palestra né **mas::** ele **num::** os caçula nunca foram

PJP m::ais perto **de::** Barretos ++ Bebedouro

- **repetições hesitativas:** são reduplicações de palavras, de grupos de palavras ou de frases. Essas reduplicações podem incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais. Sua representação foi feita pela transcrição de todos os elementos repetidos:

PNS depois da/**da/da** janta teve doce

PNS parece que/**parece que** não é porque eles não vêm me ver eu não vou também né?

- **gaguejamentos:** são repetições truncadas de fonemas ou de sílabas (MARCUSCHI, 1999b). Em nossos dados essa marca também foi representada pela transcrição dos segmentos repetidos:

PNS s-s-s-s- esses tempo nós teve lá + foi lá passear

PJP ++ mas era era **cho-chocante** viu ++ mas eu **ch-cheguei** lá + hoje eu não tenho nenhuma vontade de:: vontade de

Além das marcas apontadas por Marcuschi, a análise do nosso material levou-nos a propor outras:

- **incoordenações:** de acordo com Dias (2005), são percebidas como alterações de características acústicas de segmentos da fala, com alteração prosódica que pode fazer

variar até mesmo a tessitura vocal. Indo além da proposta de Dias, consideraremos, como incoordenações, alterações articulatórias, como, por exemplo, imprecisões na emissão de fonemas.

Na transcrição de nossos dados, as incoordenações foram descritas no interior de uma estrutura com duplo parêntese logo após a ocorrência da marca, conforme o exemplo que se segue:

PLF faz + porque nós nós **f:ez** ((**incoordenação durante o alongamento**)) di/ veio direto da fisioterapia

- **interrupções**: outra marca que propusemos foi aquela que chamamos de interrupções. Trata-se de um corte após a emissão de qualquer segmento linguístico, seja ele fonético-fonológico, lexical ou sintático, o qual pode ou não ser retomado na sequência da produção do enunciado.

Tomando a concepção que assumimos acerca das interrupções, as marcas hesitativas denominadas por Marcuschi como falsos inícios também passaram a ser consideradas, em nosso trabalho, como interrupções. Isso porque, segundo Marcuschi (2006), os falsos inícios seriam todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados com elementos como itens lexicais, marcadores discursivos etc. Portanto, de acordo com a definição do autor, os chamados falsos inícios envolveriam o corte de uma unidade sintática, sendo, por isso, aqui, incluídos nas marcas que denominamos como interrupções.

Além dos elementos linguísticos após os quais havia um corte, uma interrupção, observamos que nem sempre era a emissão dos segmentos que era interrompida. Muitas vezes, o sujeito parkinsoniano realizava apenas os movimentos de articuladores necessários para a produção de determinados segmentos e também os interrompia, retomando, posteriormente, a produção desses segmentos no enunciado. Chamamos

também esses movimentos articulatórios interrompidos de interrupções. A representação dos momentos de interrupção foi feita, em nossos dados, com uma barra inclinada, “/” ou pela descrição, entre parênteses duplos, do movimento articulatório interrompido (()). Exemplos de interrupções são os seguintes:

PNS nã/ + p/ na hora que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois mesmo

Ocorre, no trecho em destaque, interrupção de “não” e de /p/.

PNS é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao da produção do fonema /v/) voltava tudo

Ocorre, no trecho acima, o que, silenciosamente, caracterizamos como interrupção de /v/.

Esta foi a configuração formal das hesitações a que chegamos. Mas um fato, já alertado por Marcuschi (2006)³⁰, chamou a atenção em nossos dados – fato para o qual a literatura sobre hesitações tem dado muito pouca importância: uma única ocorrência concreta de hesitação pode se preencher por apenas uma das marcas a que chegamos ou por uma **combinação dessas marcas**. Assim, duas ou mais marcas podem se combinar constituindo uma única ocorrência de hesitação, como se poderá ver nos fragmentos a seguir:

CVG + então catou o mesmo juiz de direito + nos q/t/ quatorze anos + quinze anos eu trabalhei **com + com::** autorização do Juiz de direito+

Na parte em destaque, encontram-se três marcas de hesitação acumuladas – uma repetição [**com com**], uma pausa [+] e um alongamento vocálico [::] –, embora

³⁰ Trata-se do fato de que as hesitações, em geral, se constituem de vários elementos acumulados ou repetidos (MARCUSCHI, 2006).

tenhamos uma única ocorrência de hesitação, relacionada, mais evidentemente, à produção do trecho que segue a ocorrência.

PJP + conserto um:: guarda-roupa + **faço::** + alguma peça que tenho vontade de fazer

Nesse recorte, na parte em negrito, observam-se duas marcas de hesitação (um alongamento [::] e uma pausa [+]) e uma só ocorrência de hesitação, relacionada tanto com a organização semântica quanto com a organização sintática do trecho que a segue.

Assim, com base nessa possibilidade de acúmulo de marcas numa só ocorrência de hesitação, propusemos, para além da categorização feita por Marcuschi, uma outra divisão: marcas combinadas e marcas simples. As **marcas combinadas** seriam aquelas em que, para uma única ocorrência de hesitação, ou seja, para um único foco de tensão que justificasse a ocorrência de uma hesitação, várias marcas se mesclam, enquanto que as **marcas simples** seriam aquelas em que a negociação com os outros discursivos, com um foco de tensão principal, é mostrada por apenas um dos tipos de hesitação.

Passo, neste momento, à exposição dos principais resultados de estudos que desenvolvi (e/ou orientei) sobre o funcionamento das hesitações em sujeitos com Doença de Parkinson.

Em primeiro lugar, destaca-se, neles, um resultado óbvio para linguistas, mas não para pesquisadores de áreas biomédicas: hesitações ocorrem em enunciados de sujeitos com Doença de Parkinson assim como ocorrem em sujeitos sem lesão neurológica. Ora, na perspectiva teórico-metodológica que assumi, se as hesitações são, por princípio, um fato de linguagem (e não apenas um fato da esfera motora da fala – como se pode depreender dos estudos de orientação biomédica), pode-se prever que, enquanto os sujeitos parkinsonianos preservarem características de linguagem, eles apresentarão hesitações em sua fala.

Desse modo, o que a literatura biomédica assinala como presença de hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos seriam, na verdade, **mudanças** no modo de funcionamento das hesitações que a Doença de Parkinson possivelmente acarretaria. Daí, a relevância de trabalhos comparativos, já que ajudariam a esclarecer em que medida se aproximariam e se distanciariam sujeitos com Doença de Parkinson e sujeitos sem lesão neurológica, no que diz respeito à presença de hesitações em seus processos discursivos.

Foi o que fiz – e também o que fizeram meus orientandos. Para tanto, partimos da hipótese de que essa presença na complexidade enunciativa de sujeitos com Doença de Parkinson deveria ser explicada em função dessa própria complexidade, e não apenas das dificuldades motoras que surgem, nos sujeitos, em decorrência da doença. Obviamente, se eles apresentam dificuldades motoras em órgãos necessários à produção – física – da fala, efeitos dessas dificuldades se mostrarão em qualquer característica física da fala. Mas a fala não se reduz a suas características físicas; é, antes, um fato da linguagem, um modo de produção de sentidos. Eis, pois, dentre vários *outros* possíveis, o fator da complexidade enunciativa que privilegiamos na análise das hesitações: suas características semânticas.

Como, em nossa perspectiva, sentidos se produzem em práticas discursivas, seria de fundamental importância que buscássemos, nas hesitações em enunciados de parkinsonianos, em que medida suas características semânticas seriam explicadas em função de fatos que poderiam ser localizados em seus processos discursivos. Com base em trabalhos comparativos entre parkinsonianos e não-parkinsonianos, chegamos, aos resultados mais representativos dessa comparação que, sinteticamente, exporei a seguir.

Em ambos os grupos de sujeitos, as hesitações mostraram pontos de turbulência na negociação entre o *eu* que se marca como sujeito de um processo discursivo e os

outros que constituem esse processo. Nesses momentos, para os dois grupos, ou as hesitações impediam que a deriva constitutiva do discurso viesse a se materializar, ou, ao contrário, permitiam sua emergência – o que resultava em momentos caracterizados por Tfouni (2001; 2008) como de dispersão no processo discursivo.

Nos casos de dispersão, também nos dois grupos, ela veio a ser, posteriormente, controlada ou, de fato, vigorar. Ocorreu controle quando se observou no enunciado um retorno sobre o próprio dizer, buscando “amarrá-lo”. Trata-se, por exemplo, de momentos nos quais a materialidade linguística do processo discursivo se mostrou com coesão e coerência. Quando, no entanto, vigorou a dispersão, esse retorno não ocorreu – o que resultou, sobretudo, em momentos de falta de coerência no dizer.

Em síntese, nos dois grupos de sujeitos, as turbulências marcadas por hesitações indicaram momentos em que o dizer deslizou entre perder-se ou manter-se – já que a deriva que tentou se instalar nesses momentos de turbulência pode vir, ou não vir, a se materializar no fio do discurso.

Vários processos semântico-discursivos mostraram-se a nós como recorrentes nos deslizamentos (controlados, ou não) marcados por hesitações nos dois grupos de sujeitos. Nascimento (2010), por exemplo, observou, em sua análise: (a) conflitos, no fio do discurso, entre itens lexicais “não-desejados” e “desejados” pelos sujeitos; (b) conflitos entre diferentes aspectos de um objeto em curso no processo discursivo; (c) conflitos entre diferentes objetos num processo discursivo – caracterizados por momentos em que, durante a emergência de um objeto, outro tentava emergir. Por sua vez, Camillo (2011) observou: (d) emergência de aspectos contextualizadores do dizer sentidos como necessários para o desenvolvimento do processo discursivo; (e) voltas de confirmação ou de negação de aspectos do dizer (do próprio sujeito ou de seu interlocutor). Já Zwarg (2008) observou: (f) voltas de avaliação de características

(semânticas) quantitativas ou qualitativas do dizer; (g) voltas de avaliação de características que envolviam relações de causa e consequência no dizer.

Um fato mais geral (e que remete diretamente às condições de produção dos discursos dos sujeitos) mostrou-se na base desses vários tipos de processos semântico-discursivos. Trata-se: (1) do(s) modo(s) como emergia(m) no discurso a condição de parkinsoniano dos sujeitos; (2) do(s) modo(s) como emergia(m) no discurso a condição de representante da saúde da documentadora; e (3) do(s) modo(s) como emergia(m) no discurso a relação entre o objeto *saúde/doença* e outros objetos discursivos. Em síntese, trata-se do imaginário que permeia as relações entre os interlocutores no processo discursivo, bem como aquelas entre eles e os objetos discursivos. Esse imaginário pareceu, portanto, estar na base de todos os conflitos – desde aqueles que envolveram embates entre itens lexicais “desejados” ou não pelos sujeitos, até aqueles que envolveram a contenção ou a emergência de um objeto no fio do discurso.

Esses resultados, como se pode depreender, mostram que parkinsonianos e não-parkinsonianos assemelham-se quanto ao modo de ocorrência de hesitações em seus processos discursivos. Essa semelhança, portanto, levou-nos a problematizar a explicação (da literatura biomédica) de que a condição patológica, em si mesma, explicaria a ocorrência de hesitações em sujeitos parkinsonianos. Mas, se, em si mesma, a condição patológica não explicaria sua ocorrência, que fatos justificariam a presença empiricamente tão marcante de hesitações nos enunciados desses sujeitos?

O que a doença parece provocar nos parkinsonianos é, acima de tudo, **maior instabilidade em suas tentativas de controle da emergência da deriva**. Em outras palavras, é esse tipo de instabilidade (e não exatamente a motora) que explicaria o que, de fato, motiva a maior frequência de hesitações nos enunciados desses sujeitos. Essa instabilidade, indiciada (também, mas não exclusivamente) por hesitações, se mostra ao

olhar biomédico especialmente como dificuldades de controle de movimentos na fala. No entanto, melhor ela se explicaria se se levasse em consideração que, nos processos discursivos, movimentos se articulam à produção de sentidos.

Essa produção se mostrou relativamente mais turbulenta em sujeitos parkinsonianos do que em sujeitos sem lesão neurológica, **mas não em momentos distribuídos aleatoriamente no processo discursivo**. Isso porque, embora os processos semânticos envolvidos nas hesitações em parkinsonianos e não-parkinsonianos fossem basicamente os mesmos, nos processos discursivos dos primeiros, em relação aos dos últimos, **as hesitações ocorreram, especialmente, em momentos nos quais a dispersão tendeu a vigorar mais**.

Em síntese, **os resultados apontaram não exatamente para dificuldades físicas da fala, no que concerne às hesitações, mas especialmente para relações entre essas dificuldades e a produção dos sentidos**.

Mas, nesse ponto da produção de um grande conjunto de investigações, outros rumos se mostraram para minha trajetória de investigação. Conforme antecipei, numa perspectiva discursiva, são múltiplos os *outros* que determinam a produção do discurso – nem sempre (positivamente) detectáveis. Embora vários de meus orientandos tenham conduzido suas análises de sujeitos parkinsonianos sustentados pela noção de *outros* rotineiramente privilegiada pela literatura discursiva (que podem ser entendidos como os discursos socialmente sustentados que constituem os indivíduos em sujeitos do – seu – dizer), operei um recorte em minhas investigações particulares. Coloquei, então, como pano de fundo esses *outros* privilegiados e passei a investigar em que medida a própria estrutura da língua – entendida como elemento indispensável dos processos discursivos – funcionaria, em seus diversos subsistemas, como um *outro* determinante da ocorrência das hesitações. Em outras palavras, fiz um retorno à língua – mas ancorado no discurso.

Dentre esses subsistemas, como se verá na descrição que se segue, o fonético-fonológico veio, cada vez mais, a chamar minha atenção – talvez porque o som, na linguagem e em si mesmo, sempre tenha se mostrado, para mim, como particularmente significativo...

Em dissertação conduzida sob minha orientação, dentre os funcionamentos que atribuíu às hesitações, Nascimento (2005) incluiu o que chamou de tropeços. Importa, no momento, destacar desse funcionamento uma característica que imediatamente me saltou aos olhos, dado seu estatuto bastante peculiar e o seu ineditismo nos trabalhos que investigam as hesitações: uma possível determinação, nelas, de aspectos fonético-fonológicos da língua. Essa questão, não-suficientemente explorada por Nascimento, veio a ser posteriormente investigada, com mais detalhes, em outro trabalho do qual participei e que foi publicado sob forma de livro – Vieira e Chacon (2015). Questões que considero como dignas de destaque nesse livro serão mostradas aqui.

O interesse central do trabalho, conforme antecipei, foi justamente dar maior atenção ao que Nascimento (2005) chamou de tropeços – e que viemos a entender como *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente*. Isso porque, ao analisarmos, nos fragmentos discursivos, os dados que essa autora classificou como tropeços, verificamos que eram muito fortes as relações entre os elementos fonético-fonológicos que se mostravam nos focos de tensão e elementos (também de natureza fonético-fonológica) que figuravam em trechos dos fragmentos que circundavam esses focos. É o que se pode observar no fragmento a seguir³¹:

DJN o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro

PNS ++ diz que é ((incoordenação)) diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles falava **q/ d/ q/** + depois do quarto ano tinha um:: + fazia uma: + ((estalo línguo-alveolar)) esqueci como é eles falava

IMS [admissão]

PNS [admi/ primeira] admissão né?

³¹ No fragmento, IMS refere-se a uma integrante da sessão de conversação em análise, participante eventual: a esposa de PNS.

No trecho acima, não emerge, no fio do discurso, como desejado por N, a palavra “admissão”. Embora a palavra desejada não aflore, várias marcas de sua falta se verificam no enunciado, como *tem/tinha, como é que eles falava, tinha um::, fazia uma:+*. Dentre as marcas dessa falta, tornam-se singulares as interrupções que envolvem os fonemas /k/ e /d/. Essa singularidade possivelmente se deve ao fato de que o preenchimento da falta, no momento em que ocorrem essas interrupções, se dá por meio de sons presentes em outras palavras do enunciado, como nas palavras *que, doze, porque* e *tem* (no trecho que antecede a marca) e, ainda, *depois, quarto, esqueci* e *como* (no trecho que a sucede)³².

Nota-se, pois, no fragmento em destaque, a seguinte peculiaridade dos deslizamentos: a maneira como linguisticamente se mostra a ocorrência hesitativa (**q/ d/ q/**), indica uma perseveração e/ou uma antecipação de elementos fonético-fonológicos recorrentes no todo do enunciado de PNS.

No entanto – e conforme já destaquei –, na perspectiva que tem orientado minha trajetória ao longo destes últimos vinte anos, qualquer fenômeno da linguagem deve ser observado, antes, sob a ótica das relações e não das dicotomizações. Em outras palavras, numa construção discursiva do fenômeno hesitativo como a que venho propondo, os subsistemas da língua (estrutura material entendida como um *outro* na produção do discurso) mostrar-se-iam não apenas em relação entre si como, ainda, em relação com fatos mais característicos dessa própria produção. É o que mostra o fragmento a seguir, extraído de um momento no qual o objeto discursivo em curso é a atividade profissional do sujeito parkinsoniano N (mestre de obras), objeto discursivamente construído como de saber, para N, e como de não-saber, para J (a documentadora):

³² As palavras *tem* e *quarto* foram incluídas nessa série dada a semelhança de modo e ponto de articulação entre /t/ e /d/.

PNS depois cê vem os ferro por cima + então tem pessoa que não faz nada só fura um buraquinho lá pequê/ **f/f**/ rasinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

Nesse fragmento, irrompe, no fio do discurso, um momento de hesitação, cuja marca linguística mais evidente é o gaguejamento (**f/f**) na emissão do fonema /f/. Acontece que a presença desse fonema (que, no momento da hesitação, se mostra tensionada) é detectada também nas palavras *ferrinho* e *fininho*, que sucedem o gaguejamento. Assim, pode-se, por um lado, pensar que a tensão no fonema /f/ antecipa sua recorrência, já que ele voltará a emergir no trecho da cadeia de significantes que sucede a marca hesitativa. No entanto, se atentarmos para o trecho que precede essa tensão, veremos que esse elemento fonético-fonológico vem, recorrentemente, emergindo em palavras que antecedem a marca hesitativa. Pode-se, então, por outro lado, pensar que sua presença nas palavras *ferro*, *faz* e *fura* anteciparia/provocaria essa tensão, no sentido de que ela decorreria de uma perseveração que insiste em não se conter nessa cadeia.

No fragmento em discussão, vê-se o fonema /f/ emergir, pela primeira vez, justamente na palavra *ferro*. No entanto, se se ampliar o recorte de análise, veremos que esse fragmento conclui, na sessão de conversação, um longo enunciado de N, no qual, além da elevada recorrência do fonema /f/ (realçada, abaixo, em negrito), *ferro* emerge como elemento em ênfase, linguisticamente marcada, no processo discursivo. Como se verá, *ferro* recebe ênfase pelo seu valor semântico – por se tratar da matéria-prima do elemento sobre o qual N discorre, a saber, viga armada. *Ferro* recebe, ainda, ênfase sintática, por emergir imediatamente antes e imediatamente após expressão parentética. *Ferro* recebe, por fim, ênfase prosódica, pois, no enunciado em destaque, emerge delimitado, em suas duas margens, por pausas silenciosas:

PNS + *cê fura uma valeta né* + *que é uma valeta quer dizer um buraco ++ quadradinho assim + fundo + mais ou menos isso aqui ((mostrando com as mãos)) + e ali você coloca uma viga armada + de ferro + são hum:: + tem: quatro ferro de comprido e m::ilhares ((incoordenação)) de + () ao redor () + assim amarrando + e depois *cê + primeiro **cê** vai fazer as broca que a broca é um: **cê** faz um: buraco fundo + porque a tendência é aqui **ó** é igual **cê** fazer assim + **cê** faz um buraco + **cê** enche de concreto + **aí** vai pendendo s/ **aí** não desce se **cê** fazer assim **cê** não dá conta **ó** + ou senão aqui **ó** + puxa **cê** tem um dedo puxa pra **cê** ver + então **cê** fura um buraco fundo de uns três quatro metro pra baixo + mais ou menos assim **ó** + e aquilo você enche de concreto**

DJN + *ah tá*

PNS depois *cê* vem os **ferro** por cima + então tem pessoa que não **faz** nada só **fura** um **buraquinho** lá *peque/ f/f/ rasiño né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento*

Além da integração entre esses vários planos da língua (o fonético-fonológico, tanto na recorrência do fonema, quanto no destaque prosódico; o semântico; e o sintático), o resultado dessa integração se mostra, ainda, integrado com aspectos constitutivos da produção do discurso. Com efeito, a pausa que delimita o final do elemento em ênfase – *de ferro* – marca, também, uma abertura para a deriva, ponto a partir do qual, de forma parentética, emergem dizeres explicativos sobre *viga* e *broca*, em decorrência, talvez, da antecipação (PÊCHEUX, 1990b) que PNS faz de um provável desconhecimento, por parte de DJN, do que seriam, na construção civil, *viga* e *broca*. Em outras palavras, abre-se, com a pausa, um “buraco de significação”³³, momento no qual “a deriva tanto pode instalar-se concretamente – criando um nonsense, ou a dispersão – quanto pode ser evitada” (TFOUNI, 2008, p. 74).

Como não há “(...) liberdade completa de seleção, visto que o simbólico tem suas delimitações, e também porque a palavra que vai entrar ali já está comprometida com o contexto” (id. *ibid.*), o que emerge na cadeia são justamente elementos fortemente comprometidos pelo contexto enunciativo-discursivo – como, por exemplo, possíveis antecipações de N sobre a imagem que J teria de *viga* e de *broca*. Esse comprometimento reforça-se no primeiro fragmento que destacamos (aquele no qual o gaguejamento **f/f/** ocorre), já que o enunciado se inicia justamente pelo retorno do

³³ Entenda-se como “buraco de significação” não um vazio de sentido, mas um momento de sentido não-preenchido por estruturas linguísticas.

elemento em ênfase. Esse retorno, portanto, mostrado pelo momento de hesitação linguisticamente marcado pelo gaguejamento, indicia um momento de autoria na produção do discurso, já que, a partir de uma posição discursiva na qual N antecipa imagens que J teria dos referentes de *viga* e de *broca*, N

“consegue estruturar seu discurso (...) de acordo com um princípio organizador contraditório, porém necessário, visto que existe, no processo de produção de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentidos inevitável, que o autor precisa ‘controlar’ (...), a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente, com começo, meio e ‘fechamento’” (TFOUNI, 2001, p. 82-3)

Destaque-se que esse retorno vem ancorado, inclusive, por uma repetição, a saber, *depois cê*, (“depois cê vem os ferro por cima”), expressão deixada em suspenso em momento anterior (“e depois cê + primeiro cê) e que havia provocado outro “buraco de significação” na parte anterior do enunciado. *Ferro* tem, portanto, importância discursiva primordial no recorte analisado – importância que, metonimicamente, é indiciada, também, por um elemento da configuração fonético-fonológica da palavra que materializa essa importância. Com efeito, nessa estrutura, além de /f/, o fonema tensionado na marca hesitativa, aparecer exatamente na sílaba que porta o acento lexical, é grande sua ocorrência/recorrência em palavras que constam da parte anterior do enunciado (marcadas em negrito). A marca hesitativa pode, portanto, apontar um momento de tensão que envolve relações entre a importância discursiva de um elemento em ênfase – *ferro* – e uma característica específica da estrutura fonético-fonológica desse elemento (em sua integração com característica de outros subsistemas da língua).

* * *

Encerro aqui a descrição do segundo momento de minha trajetória acadêmica – que pode ser sintetizado como uma busca de explicações, de natureza discursiva, para a forte presença empírica de hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos. Como se viu, essa busca se sustentou no princípio de que a hesitação é uma das formas de negociação, mostrada no fio do discurso, entre a figura que se marca como EU e os *outros* constitutivos do (seu) do discurso. Em outras palavras, uma forma de heterogeneidade mostrada.

Inicialmente, nesse segundo momento, sobretudo em trabalhos que orientei³⁴, esses *outros* eram, principalmente, aqueles privilegiados pela literatura discursiva (os discursos socialmente sustentados que compõem a interdiscursividade). No entanto, conforme destaquei, ao longo desse momento, a própria língua (e, nela, especialmente seus aspectos fonético-fonológicos) é que veio a se mostrar para mim como um *outro* cuja ação mereceria maior atenção nos momentos de tensão na produção do discurso mostrados por hesitações. Por um lado, como disse mais acima, talvez porque o som sempre tenha sido saliente para mim como matéria significativa da linguagem (bem como da música, da qual nunca me desvinculei). Mas, por outro lado, talvez porque a curiosidade pelos deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente

³⁴ Ymorian Vilela Zwarg. **Hesitações em momentos de avaliações nos enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson**. Apoio: PIBIC/CNPq, 2008 – Iniciação científica;
Ymorian Vilela Zwarg. **Um estudo longitudinal das pausas em enunciados de um sujeito com Doença de Parkinson**. Apoio: FAPESP, 2009 – Iniciação científica;
Karina Geraldo Baptista. **Fragmentos de enunciados do interlocutor na produção discursiva de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica**. Apoio: PIBIC/CNPq, 2010 – Iniciação científica;
Roberta Cristina Rodrigues Vieira. **Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações em contexto fonético-fonológico recorrente**. Apoio: CNPq, 2009 – Mestrado;
Julyana Chaves Nascimento. **Uma perspectiva discursiva sobre a hesitação**. Apoio: CAPES, 2010 – Doutorado;
Maira Camillo. **Hesitações em deslizamentos do dizer de sujeitos parkinsonianos e não-parkinsonianos: um estudo comparativo**. Apoio: FAPESP, 2011 – Mestrado;
Ymorian Vilela Zwarg. **Características semântico-discursivas de sujeitos com Doença de Parkinson e de sujeitos sem lesão neurológica**. Apoio: FAPESP, 2012 – Mestrado.

tenha se devido, uma vez mais, à forte alteridade que marcou o primeiro momento de minha trajetória (de investigação da instabilidade das pausas) e que, embora desejada não como figura, mas como fundo no segundo momento, provavelmente tenha insistido em mostrar sua força sobre minha reflexão sobre a instabilidade das hesitações. Com efeito, certamente na literatura biomédica (esse *outro* que tão fortemente deixou suas marcas em minhas investigações anteriores), as características observadas nesses deslizamentos seriam entendidas como resultantes de questões orgânicas relacionadas à doença³⁵. Daí, possivelmente meu desejo/minha insistência em buscar para eles explicações sustentadas na ação da língua sobre a produção do discurso e, inversamente, na ação do discurso sobre a língua – na organização da cadeia significativa.

Reconfigurou-se, portanto, minha visão sobre o caráter instável da linguagem em sujeitos com Doença de Parkinson. Essa reconfiguração pode ser resumida na formulação com que encerrarei a descrição do segundo momento de minha trajetória acadêmica.

Por um lado, esse caráter sinaliza a insistência da deriva em se materializar na produção do discurso; mas, por outro lado, ele sinaliza a tentativa de seu controle pela subjetividade que se marca como EU no discurso. Mais ainda: por um lado, esse caráter sinaliza, como fruto da insistência de materialização da deriva, pontos de dispersão na

³⁵ Essa literatura possivelmente atribuiria o que chamamos de *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* a uma lentidão na execução dos movimentos (MURDOCH, 1997), a alterações motoras envolvendo a manutenção de representações cognitivas e motoras, ou, ainda, a dificuldades na habilidade de rapidamente transicionar entre movimentos e/ou arranjos cognitivos (SPENCER e ROGERS, 2005) nos sujeitos afetados pela Doença de Parkinson. A partir dessas possíveis explicações, poderíamos pensar que a continuidade do movimento observada nos deslizamentos poderia relacionar-se a um possível prolongamento da movimentação articulatória envolvida na produção de /f/ ao longo do enunciado. Logo, a movimentação articulatória envolvida na produção desse fonema, recorrente em várias palavras do enunciado, persistiria após as palavras em que ela ocorre – ou seja, no momento da marca hesitativa. Também do ponto de vista biomédico, nessa ocorrência e em outras semelhantes, o sujeito parkinsoniano, após programar a execução motora do fonema /f/ para produzir as palavras *ferro*, *faz* e *fura*, apresentaria dificuldades para rapidamente estabelecer outro arranjo motor/cognitivo. Marca, portanto, dessa dificuldade seria novamente a emissão de /f/ em momento de gaguejamento. No entanto, como procurei mostrar, embora a literatura biomédica possa fornecer subsídios para se entenderem aspectos do que chamamos de *deslizamentos* – ainda que restritos aos aspectos orgânicos comprometidos pela doença –, foi outro o ponto de vista que assumimos para a explicação dos movimentos presentes nos deslizamentos.

produção do discurso; mas, por outro lado, ele sinaliza pontos de ancoragem que podem vir a garantir o percurso dessa produção por zonas mais estáveis, mais previsíveis, mais desejáveis do discurso.

Como se verá a seguir, a ênfase na ação da língua como um *outro* (especialmente as características de seu subsistema fonético-fonológico) pode ser considerada como a marca principal do terceiro momento de minha trajetória de pesquisa. Esse “retorno à língua”, porém, se sustentou na concepção do instável da linguagem a que cheguei no segundo momento dessa trajetória. Desse modo, mesmo que as instabilidades da língua (em si mesmas, mostradas por seus elementos fonético-fonológicos) tenham passado a assumir o primeiro plano de meu interesse, é discursiva a visão que construí delas.

Isso porque o que passei a situar como pano de fundo da investigação de questões fonético-fonológicas da língua foram a oralidade e o letramento³⁶, que, para mim, referem-se a conjuntos de práticas discursivas as quais, respectivamente, regulam a produção do dizer por meio da fala e da escrita.

No entanto, a continuidade de minha trajetória não se deu sem deslocamentos – tanto epistemológicos, como se vê, quanto de condições de produção...

³⁶ E, obviamente, suas relações.

**O terceiro momento:
a instabilidade da língua**

Desde 1991 – relembro a informação –, estou institucionalmente vinculado ao Departamento de Fonoaudiologia da FFC/UNESP. Relembro, também, que foi em razão desse vínculo que me interessei pela investigação da instabilidade da linguagem. Por 15 anos, como destaquei no relato dos dois momentos precedentes de minha trajetória de pesquisa, a ênfase de investigação foi na maneira como a instabilidade da linguagem se mostrava nas mudanças de condição discursiva resultantes da Doença de Parkinson.

Mas o vínculo com o Departamento de Fonoaudiologia colocou-me também em forte contato com outras marcas de instabilidade, inversas àquelas provocadas pela mudança de condição de linguagem no adulto. Trata-se de instabilidades que se mostram na sistematização da linguagem em crianças, resultantes de sua inserção em práticas de oralidade e de letramento desenvolvidas em contexto escolar. O contato com esse segundo tipo de instabilidade se deu, predominantemente, em razão de minhas atividades de extensão universitária junto a três escolas municipais de educação infantil e a uma escola estadual de ensino fundamental do município de Marília, nas quais convivi mais de perto com crianças do nível final da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. Nessas atividades, a lida era diretamente com questões relacionadas à constituição do sujeito falante/ouvinte e à constituição do sujeito escrevente (no processo convencionalmente chamado de aquisição da linguagem)³⁷.

Três questões, relacionadas ao papel da língua nessa constituição, me chamaram particularmente a atenção – sobretudo pelas “turbulências” fonético-fonológicas nelas

³⁷ Embora se distancie dos propósitos que orientam a escrita do presente texto, gostaria de acrescentar que o curso de Fonoaudiologia proporcionou-me o contato com o trabalho que é feito, nesse campo do conhecimento, com o chamado uso profissional da voz. Chamou-me a atenção, nesse trabalho, justamente a flutuação nas interpretações que diferentes intérpretes podem fazer de um mesmo “texto” – no canto, no teatro e, mesmo, no jornalismo. Pretendo, ainda, futuramente, dedicar-me, também, a mais esse tipo de instabilidade da linguagem.

envolvidas. Reforço, no entanto, que raramente essas “turbulências” são fonético-fonológicas em si mesmas, já que, como alertei, os vários subsistemas da língua mostram-se relacionados entre si, assim como também se relacionam com aspectos mais gerais da ordem do discurso e/ou com aspectos mais particulares de processos discursivos específicos.

A primeira questão diz respeito a como zonas mais opacas desse subsistema da língua se deixam entrever nas instabilidades da fala infantil. Para a observação dessas instabilidades, uma vez mais, detive-me nas hesitações, buscando ver como sua emergência nessa fala indicaria negociações do sujeito com a complexidade desse *outro* que (também) constitui o (seu) dizer: o subsistema fonético-fonológico da língua.

Já a segunda questão diz respeito a como a própria percepção auditiva de características desse subsistema se mostra instável pelo ingresso da criança em práticas de letramento – sobretudo as de alfabetização. Para a observação dessa instabilidade, comparei não-coincidências entre percepção e escrita de um mesmo grupo de palavras em crianças das duas séries iniciais do ensino fundamental.

Por fim, a terceira questão diz respeito a como uma unidade da língua – a palavra – se mostra instável à criança, em razão de não-coincidências da língua consigo mesma na circunscrição de limites morfológicos e fonológicos que definiriam essa unidade. Para a observação dessa instabilidade, voltei-me para flutuações e rasuras bastante características da segmentação de palavras na escrita infantil.

Passo, então, à descrição dos aspectos que considero como essenciais da investigação dessas três questões – iniciando com aqueles relativos às relações entre hesitações e características fonético-fonológicas da língua na fala infantil.

Nas escolas municipais de educação infantil em que eu desenvolvia minhas atividades de extensão, as parlendas, além de seu caráter lúdico para as crianças,

serviam também como recursos para se trabalharem determinados temas ou conteúdos previstos no projeto pedagógico da escola. Numa dessas escolas, foi apresentada às crianças a seguinte parlenda, que eles declamavam coletivamente:

*Formiguinha da roça endoideceu
Com uma dor de cabeça que lhe deu.
Ai, pobre formiguinha,
Põe a mão na cabeça
E faz assim,
E faz assim.*

No entanto, mesmo assim, detectei (auditivamente) pontos de hesitação na declamação da parlenda. Para melhor identificá-los, pensei, então, em observar como, individualmente, as crianças a produziam. Para tanto, conduzi um estudo experimental, cujas características passo a descrever.

Uma de minhas orientandas, à época, fez gravações de caráter mais controlado das 26 crianças (identificadas como C01, C02... C26) entre cinco e seis anos de idade em cuja sala de aula a parlenda foi trabalhada. O propósito era detectar quais pontos, de um mesmo material linguístico, se mostrariam mais instáveis para um grupo de crianças de uma mesma sala de aula – e que, portanto, melhor indicariam negociações possivelmente mais conflitantes da criança com a complexidade da língua. Principalmente em razão dos deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente que observei na produção discursiva de sujeitos com Doença de Parkinson, voltei-me para a fala infantil com curiosidade análoga, já que buscava nela as instabilidades que se mostravam em aspectos fonético-fonológicos da língua

As gravações foram feitas com cada criança individualmente, no interior de uma cabine acústica instalada na instituição de coleta, com uso de equipamentos de alta fidelidade: um gravador digital MARANTZ (modelo PMD 670) acoplado a um microfone cardióide dinâmico SHURE (modelo 8800). Para as gravações, foi solicitada de cada uma das 26 crianças, individualmente, a reprodução da parlenda, depois de

trabalhada previamente em sala de aula pela professora e memorizada pelas crianças. Foi feito um único registro por criança, sem que ela pudesse refazê-lo.

Uma vez identificados – numa primeira análise de oitiva feita por uma de minhas orientandas – os pontos de hesitação e caracterizadas suas marcas, cada um dos arquivos de gravação das crianças foi apresentado para um grupo de cinco juízes, composto por integrantes do GPEL e bastante familiarizados com o trabalho com hesitações desenvolvido no interior desse grupo. Antes da apresentação das gravações aos juízes, foi-lhes dada instrução quanto às categorias utilizadas para caracterizarem as marcas de hesitação. A produção de cada criança foi transcrita sem nenhuma das marcas de hesitação identificadas na análise de oitiva e sem nenhum sinal de pontuação. De posse das transcrições, os cinco juízes escutaram as produções das crianças e anotaram, com base nas instruções prévias, os pontos em que julgaram haver hesitações nas produções. Além de identificarem esses pontos, os juízes também anotaram as marcas com que as hesitações se mostraram para eles. Adicionalmente, quando os juízes relataram dúvidas quanto à caracterização das marcas, as gravações foram apresentadas a eles uma segunda vez. Com base nos registros dos pontos e das marcas de hesitação pelos juizes, foi calculado o grau de concordância entre seus registros, adotando-se o critério de concordância de 80% como parâmetro para o estabelecimento de consistência do julgamento. Trata-se de índice considerado como de alta significação em análises que se baseiam em julgamento perceptual (BATISTA, 1977; GELAMO, 2006).

Apresento, a seguir, resultados desse trabalho³⁸.

Com base numa concordância de, no mínimo, 80%, primeiramente organizamos a distribuição das marcas linguísticas de hesitação, em função da quantidade com que

³⁸ Extraídos de Chacon e Villega, 2012.

ocorreram no conjunto das produções analisadas. Esses números foram, em seguida, organizados de acordo com seu percentual de ocorrência. Os dados relativos a essa distribuição e respectivo percentual encontram-se na Tabela 15:

Tabela 15 – Distribuição e percentual das marcas de hesitação

Porcentagem		Tipo de marca
45,9%	17	Pausa silenciosa
37,9%	14	Repetição hesitativa
13,5%	05	Interrupções
2,7%	01	Alongamento hesitativo
100%	37	Total

Fonte: CHACON; VILLEGA, 2012.

Seguem-se exemplos de ocorrências das diferentes marcas de hesitação:

- pausa silenciosa (+): *Formiguinha da roça en+doideceu* – C17;
- repetição hesitativa: *Ai probe probe probe* – C13;
- interrupção (/): *Ai pó/ pobre formiguinha* – C23;
- alongamento hesitativo (:): *Faz as::sim* – C02.

Por fim, organizamos os pontos que os juízes perceberam como de hesitação. Nessa organização, dispusemos a distribuição e a quantidade desses pontos em função dos versos do texto da parlenda, como se verá na Tabela 16:

Tabela 16 – Distribuição e quantidade dos pontos de hesitação

02	Formiguinha da roça endoideceu
01	Com uma dor de cabeça que lhe deu
16	Ai pobre formiguinha
09	Põe a mão na cabeça
03	E faz assim e faz assim
31	Total

Fonte: CHACON; VILLEGA, 2012.

Seguem-se exemplos de pontos de hesitação em cada um dos versos da parlenda:

- Formiguinha da rosa enlorde+ceu* – C06;
- Com uma dor de cabeça que me +deu* – C11;
- Ai pobre + pobre formiguinha* – C04;
- Põe a mão na cabe+ça* – C07;
- E f+az assim* – C09.

Comparadas as quantidades expostas na Tabela 15 (37) e na Tabela 16 (31), observa-se maior quantidade de marcas hesitativas do que de pontos em que ocorreram essas marcas. Em cada ponto de hesitação, os juízes detectaram, mais recorrentemente, apenas uma das quatro marcas de hesitação identificadas no material em análise: pausa silenciosa; repetição hesitativa; interrupção; e alongamento hesitativo. Em geral, portanto, nos pontos de hesitação, foram detectadas marcas simples (ou seja, para cada ponto, uma marca). Em seis desses pontos, no entanto, foram detectadas marcas combinadas, isto é, neles, duas ou mais marcas linguísticas se mostraram associadas a uma mesma ocorrência de hesitação (por exemplo: uma repetição + pausa silenciosa).

Em síntese, foram identificados 31 pontos de hesitação, indiciados por marcas simples e por marcas combinadas. Na Tabela 17, são expostos os resultados dessa distribuição:

Tabela 17: Distribuição numérica e percentual das marcas simples e das marcas combinadas

Quantidade	Marcas hesitativas
25 (81%)	Marcas simples
06 (19%)	Marcas combinadas
31 (100%)	Total

Fonte: CHACON; VILLEGA, 2012.

Seguem-se exemplos dessa subdivisão:

Ai probe probe probe formiguinha – aqui a ocorrência de hesitação é mostrada por uma marca hesitativa (simples) de repetição – C03;

Ai ai + pobre formiguinha – aqui a ocorrência de hesitação é mostrada por uma marca hesitativa (combinada) de repetição + pausa silenciosa – C25.

Para quais tendências apontam esses dados?

Primeiramente chama a atenção, nos dados dispostos na Tabela 15, a diversidade e a distribuição das marcas de hesitação. De acordo com a distribuição com que elas

foram percebidas pelo conjunto dos juízes, a pausa silenciosa foi a marca que apresentou maior percentual de ocorrência (45,9 %), seguida da repetição hesitativa (37,9%), da interrupção (13,5%) e do alongamento hesitativo (2,7%).

Essa distribuição sugere, primeiramente, que as crianças já se mostram sensíveis à diversidade de recursos linguísticos com que a própria língua permite, ao sujeito, hesitar. Sugere também – pelo menos no que diz respeito aos dados que obtivemos – que há recursos preferenciais pelos quais as crianças mostram seus momentos de conflito com a complexidade da língua, a saber, as pausas silenciosas e as repetições hesitativas.

Nesse sentido, os recursos que mostraram os conflitos na fala das crianças diferenciam-se daqueles com que eles emergem na fala dos adultos. Com efeito, tanto em processos não-patológicos (MARCUSCHI, 1999b), quanto em processos considerados como patológicos (NASCIMENTO, 2005; 2010; NASCIMENTO; CHACON, 2006; VIEIRA, 2009), observa-se, na fala do adulto, uma diversidade maior de marcas de hesitação (ou seja, não apenas ou necessariamente pausas silenciosas e repetições hesitativas). Fica, no entanto, por confirmar se a pouca diversidade de marcas encontrada nos dados se deve ao tipo de produção linguística analisada (uma parlenda memorizada), ao grupo de crianças analisado, ou se seria, mesmo, característica da linguagem infantil.

Chama, ainda, a atenção, nos resultados, a relação entre pontos de ocorrência/quantidade de marcas hesitativas. Retomando os dados da Tabela 17, em 81% desses pontos foram identificadas marcas simples, e em 19%, marcas combinadas de hesitação. Essa grande diferença percentual em favor das marcas simples provavelmente se deve ao fato de as crianças terem produzido um texto em verso e previamente decorado.

Há, na verdade, dois aspectos da memorização que se sobrepõem nesse caso. Por um lado, observa-se o caráter formulaico do verso, resultante de sua combinação linear de características repetidamente evocadas como recursos de memorização. Por outro lado, o treino para decorar explora, por meio de seguidas repetições, essas características do verso. Esses dois aspectos ligados à memorização podem ter determinado a redução da variedade de marcas e emergência predominante de marcas simples.

Assim, essas características da produção contribuíram, possivelmente, não só para que, em 26 produções, fossem detectados somente 31 pontos de hesitação (ou seja, uma média de 1,19 por criança), mas também para que, nesses pontos, linguisticamente, apenas uma marca hesitativa ocorresse. Destaque-se, a propósito, que, dos seis pontos de marcas combinadas, cinco deles corresponderam a momentos de correção de uma estrutura, como *Põe na/ + põe a mão na tabeça* (em que se combinam a interrupção seguida de pausa silenciosa) e *Ai pobre/ pobre formiguinha* (em que se combinam a repetição hesitativa e a interrupção). Essa regularidade de funcionamento (83,33% das seis ocorrências) explicaria, portanto, o caráter de exceção que as marcas combinadas assumiram no material em análise.

Por fim, uma última tendência dos resultados chama, particularmente, a atenção. Para discuti-la, retomemos os dados expostos na Tabela 16, que trata dos locais da parlenda em que ocorreram hesitações; lembremos, também, que a parlenda é estruturada como uma pequena narrativa em versos.

Começemos, então, pela discussão dos pontos de hesitação detectados nos dois primeiros versos da parlenda: *Formiguinha da roça endoideceu* = 2 pontos; *Com uma dor de cabeça que lhe deu* = 1 ponto. São apenas três ocorrências nesses dois versos

(9,67%), do total de 31 ocorrências (100%). O que justificaria esse baixo percentual de ocorrência no conjunto de produções das crianças?

Em primeiro lugar, esses dois versos se caracterizam pela repetição de uma regularidade rítmica e sonora – são dois versos decassílabos em sequência, com proeminências nas suas terceira, sexta e décima sílabas, rimados em seu final. Caracterizam-se, ainda, em termos semânticos, por, ao mesmo tempo, apresentarem uma personagem e seu conflito. Caracterizam-se, finalmente, pela presença de verbos no passado, numa disposição muito próxima daquela verificada comumente em narrativas infantis tradicionais, iniciadas com *Era uma vez*, nas quais se conta um fato que já aconteceu. Esse conjunto – co-ocorrente – de regularidades justificaria, a meu ver, o baixo percentual de ocorrências de hesitação na produção dos dois primeiros versos da parlenda pelo conjunto de crianças.

Há que se ressaltar a presença, nos dois primeiros versos, de duas palavras polissilábicas (*formiguinha* e *endoideceu*) – palavras que, por sua extensão, poderiam provocar turbulências em sua produção por parte das crianças. No entanto, como se viu, apenas 03 ocorrências de hesitação foram detectadas nesses versos. Um aspecto que parece ter minimizado a possibilidade de ocorrência de hesitações especialmente na palavra *endoideceu* (fonologicamente mais complexa do que *formiguinha*, já que apresenta padrão rítmico menos frequente no léxico do português – o iambo, característico das palavras oxítonas –, bem como estruturas silábicas menos comuns – *en*, *doi* e *ceu* – com coda, ou seja, com ramificação da rima silábica) é o de que essa palavra ocorre em situação de rima com a palavra *deu*, no verso seguinte – o que pode ter contribuído para que fosse produzida praticamente sem hesitações.

Situação bastante diferente se observa nos pontos de hesitação detectados nos dois versos seguintes da parlenda: *Ai, pobre formiguinha* = 16 pontos; *Põe a mão na*

cabeça = 9 pontos. Como se pode verificar, dos 31 pontos de hesitação (100%), os 16 que ocorreram no primeiro desses dois versos correspondem a 51,61% e os 9 do segundo correspondem a 29,03% – somando, portanto, 80,64% dos pontos de hesitação. Não parece casual, como procurarei demonstrar, que justamente nesses dois versos se concentrem 80,66% das ocorrências de hesitação.

Vejamos. O terceiro verso inicia uma mudança de direção rítmica na parlenda, que se estende para o quarto verso. Como se viu, os dois primeiros eram decassílabos e rimavam em seu final. Já o terceiro e o quarto versos são hexassílabos, apresentam proeminências em diferentes posições rítmicas (segunda e sexta sílabas, no terceiro; primeira, terceira e sexta sílabas, no quarto) e não rimam entre si – aliás, rimas ocorrem somente entre o primeiro e o segundo versos da parlenda.

Uma complexa mudança semântica também se inicia no terceiro verso, introduzida pela interjeição *Ai*. Inicia-se, aí, uma mudança de posição do narrador, que se estenderá até o final da parlenda. Com efeito, a partir desse ponto, o narrador não mais expõe um conflito; mais do que expor, ele passa a comentar o conflito já exposto. No entanto, é dúbia a interpretação que se pode ter desse comentário. Por um lado, numa primeira interpretação, é possível pensar que esse comentário seria, na verdade, um diálogo que se abre entre o narrador e a personagem *formiguinha* – colocada na posição de interlocutor, marcado pelo vocativo *pobre formiguinha*. Mas, por outro lado, é possível pensar também que esse comentário não caracterizaria um diálogo com a personagem *formiguinha*, mas, sim, uma demonstração de adesão do narrador à sua dor. Nessa segunda interpretação, o narrador se marcaria, portanto, como um espectador que compartilha do evento narrado. De qualquer modo, em relação aos dois primeiros versos da parlenda, o terceiro e o quarto versos se mostram semântica e narrativamente mais complexos, dada a ambiguidade com que se apresentam à interpretação e a

desestabilização que provocam em relação à direção (narrativa e rítmica) com que vinha se construindo a narrativa na parlenda.

Uma terceira mudança também se mostra nesses dois versos: a mudança do tempo e do modo verbais. Essa dupla mudança parece ter como corolários: (1) uma desestabilização da estrutura temporal clássica das narrativas infantis (construídas, predominantemente, no tempo passado), já que presentifica o evento narrado no passado – a história aconteceu, ou ainda está acontecendo?; e (2) uma desestabilização no modo como o narrador constrói a narrativa – ele não apenas observa, como nas narrativas infantis mais tradicionais; ele também comenta. Aliada à mudança rítmica da parlenda, essa mudança modo-temporal acaba por provocar uma possível perplexidade do olhar infantil para o funcionamento da linguagem, justamente por escancarar sua descontinuidade, seu caráter não-homogêneo, sua não-satisfação de expectativas pré-construídas.

Além da contribuição desses aspectos – digamos – mais globais da narrativa para a grande quantidade de hesitações nesses dois versos (recordemos: 80,66% das ocorrências), aspectos específicos de sua estrutura interna parecem torná-los ainda mais complexos para sua enunciação por parte das crianças. Com efeito, no verso *Ai, pobre formiguinha* a palavra *pobre* se destaca por sua organização fonológica: é composta de uma sílaba simples de baixa complexidade (CV) na posição acentuada, seguida de uma sílaba com padrão silábico complexo (CCV) em posição não-acentuada, ou seja, maior complexidade fonológica da sílaba justamente na posição mais fraca do português brasileiro – a pós-tônica final. Essa complexidade se torna maior pelo fato de ocorrer em enunciados de criança com 5-6 anos de idade, em processo de “congelamento” dessas estruturas (SCARPA, 1995).

Destaque-se, ainda, que a complexidade fonológica da palavra *pobre* fica mais em evidência pelo fato de essa palavra se combinar com outra que é polissilábica (*formiguinha*), quantidade silábica não-usual no vocabulário infantil. Resulta, pois, dessa combinação uma estrutura complexa e rara nesse vocabulário: *pobre formiguinha*.

Também chamam a atenção no verso *Põe a mão na cabeça* características fonológicas que, às crianças, podem se mostrar como complexas. Trata-se, num mesmo verso, da recorrência de elementos nasais (em *põe*, *mão* e *na*), de consoantes com bloqueio total de articuladores (*p*, *m*, *n*, *k* e *b*), preferencialmente articuladas na região labial (*p*, *m* e *b*). Essa tríplice combinação de movimentos repetidos pode se mostrar como problemática para um conjunto significativo de crianças; desse modo, rupturas nessa estrutura funcionariam, na verdade, como momentos de desarticulação de uma – talvez incômoda e difícil – recorrência motora.

Assim, além das mudanças mais globais da narrativa que se iniciam nesses dois versos, características de sua estrutura interna (como as de natureza fonológica e motora) colaboram para o elevado número de hesitações que ocorrem em sua produção pelas crianças. Ressalte-se mais um indício da ação desse conjunto de complexidades na produção das crianças: todas as seis marcas combinadas de hesitação ocorreram justamente na produção desses dois versos. É, portanto, a complexidade do funcionamento da linguagem – fortemente evidenciada no terceiro e no quarto versos da parlenda – que se indicia nas ocorrências de hesitação desse conjunto das crianças.

Um último aspecto a ser levantado a propósito desses dois versos é o da relação intersemiótica verbal/gestual posta em prática a partir do verso *Põe a mão na cabeça*: o narrador/comentador passa também a atuar, dramatizando a ação. Instaura-se, assim, uma complexidade semiótica, que interliga narração, comentário e atuação. Nessa complexização do ato de narrar, intensificada com a dramatização do ato narrado, o

sujeito (*locutor enquanto pessoa* – DUCROT, 1987), a própria criança, parece, pois, se identificar com a figura textual do narrador (*locutor enquanto organizador do dizer* – DUCROT, 1987), que, por sua vez, assimila seu ponto de vista ao da personagem – a formiguinha em seu sentimento de dor (*enunciador* – DUCROT, 1987).

Resta o baixo percentual de ocorrências de hesitação nos últimos versos da parlenda: *E faz assim / E faz assim*. São apenas três (9,66% do total).

Do ponto de vista rítmico, mais uma mudança ocorre: de hexassílabos, os versos passam a tetrassílabos. No entanto, a repetição exata de uma mesma estrutura (*E faz assim*) tende a diluir o efeito dessa mudança, fato que a baixa quantidade numérica e percentual de hesitações parece indicar. Do ponto de vista semântico, também se verifica uma mudança: nesses versos, o narrador propõe um desfecho para o conflito. Uma mudança semântica em direção a uma solução, a um final, marcada, além disso, pelo juntor (no caso) conclusivo *e*, parece, pois, resgatar uma característica que pode soar como familiar às crianças, pelo seu contato cotidiano com histórias infantis tradicionais em seu ambiente escolar. Eis, provavelmente, mais uma razão para a baixa ocorrência de hesitações nesses dois últimos versos. Ressalte-se, ainda, que se trata de um desfecho cuja ação não é descrita verbalmente, mas apenas gestualmente, complementando a enunciação de signos (vazios) que remetem diretamente a um movimento de pressionar a cabeça com as duas mãos que as crianças deveriam fazer ao enunciá-los (*E faz assim / E faz assim*). Destaque-se, por fim, a relativamente baixa complexidade estrutural com que o desfecho é construído – uma vez que ele é composto de apenas três palavras, bastante comuns (e não apenas no vocabulário infantil) e de pouca complexidade fonológica, já que duas são monossilábicas e uma dissilábica. Nelas, além disso, os padrões silábicos mais complexos – *faz* e *sim* (CVC) – estão presentes em posições acentuadas. Como se vê, diferentemente de como co-ocorreram

os diferentes aspectos da linguagem no terceiro e quarto versos da parlenda, no quinto e sexto, a co-ocorrência se mostrou muito menos turbulenta para as crianças – fato que a grande diferença percentual de ocorrência de hesitações naqueles e nestes versos parece indicar. Finalmente, do ponto da relação intersemiótica, cabe, nesse caso, ao gesto o comentário. O elemento dêitico “assim” é, pois, preenchido semanticamente pelo gesto, resultando numa elocução essencialmente icônica, em que se interligam características verbais e gestuais.

Cabem, no entanto, algumas palavras finais sobre essa análise. Como se viu, foram identificados apenas 31 pontos de hesitação, indicados por marcas simples e combinadas, em um grupo de 26 crianças – o que equivale a uma média de 1,19 ocorrências de hesitação por criança (31 pontos / 26 crianças = 1,19). Esse resultado poderia ser interpretado como, de certo modo, previsível: uma vez que analisamos a produção de uma parlenda, estruturada em versos e previamente memorizada pelo grupo de crianças, poder-se-ia até mesmo esperar uma total ausência de ocorrências de hesitação.

No entanto, quando se observam os pontos da produção da parlenda em que preferencialmente ocorreram as hesitações, chama particularmente a atenção a regularidade desses pontos no conjunto das crianças. O aspecto não-casual, não-aleatório desses pontos reforça, portanto, a visão que venho construindo sobre o funcionamento das hesitações: elas sinalizam “turbulências” nas negociações do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso, momentos nos quais esses (no caso, aspectos mais opacos, como alguns dos exemplificados, da própria língua) insistem em mostrar sua força na produção do discurso.

Com efeito, pelo menos no recorte de observação que fizemos, as hesitações foram mais frequentes em pontos nos quais co-ocorrências menos esperadas da própria

língua se mostraram como um *outro* turbulento para as crianças. Ou seja, as hesitações preferencialmente se mostraram em pontos nos quais se dá um interessante jogo entre instabilidade e estabilidade, já que o instável não se mostrou como aleatório, mas, de certo modo, já previsível. Poder-se-ia, ainda, dizer sobre esses pontos que eles exibiriam momentos “(...) em que o sujeito se revela” (SCARPA, 1995, p. 179), já que ele se mostra ao mostrar os desajustes da língua na produção do discurso.

Scarpa (1995) chama, ainda, a atenção para o fato de que os fragmentos de fala que se consideram como fluentes correspondem àqueles que se mostram como congelados para a criança. Trata-se, pois, daquelas estruturas da língua, produzidas nesses fragmentos, que mais se mostram como ajustadas para a criança. As hesitações na fala infantil mostrariam, portanto, o “descongelamento” de estruturas, ou, em sentido mais amplo, a indagação (da criança) sobre a própria configuração de um sistema que é, ele mesmo, instável em sua constituição: a língua.

Como observação final, o funcionamento dêitico de “assim” nos dois últimos versos, mais próximo de uma forma congelada (por se tratar de um signo vazio em relação icônica com o gesto), contrasta com a relação entre gesto e palavra no antepenúltimo verso, “*Põe a mão na cabeça*”, em que o gesto não se relaciona a um signo vazio, ou se se preferir, nem propriamente a um signo isolado, mas ao comando produzido por todo o enunciado. Neste caso, portanto, o grande percentual de hesitação marcaria não apenas co-ocorrências menos esperadas da própria língua, mas também uma co-ocorrência verbal/gestual não-previsível justamente num momento em que descrever e interpretar o dizer reforçam/promovem uma ambiguidade narrativa. Dito de outro modo, tanto verbal quanto gestualmente, o sujeito acumula, para ficar só nos aspectos auditivo e visual, diferentes variações de sentido: como *locutor enquanto pessoa* (*articula sentidos básicos* e movimentos significativos com o corpo), como

locutor enquanto organizador do dizer (articula a entoação de um comando a um modo gestual de cumpri-lo), como *enunciador* (o comando se generaliza, envolvendo o(s) destinatário(s) e o seu cumprimento passa de movimento individual a movimento coletivo). Dadas as possibilidades combinatórias que se apresentam para o enunciado e consideradas suas inúmeras articulações textuais possíveis, a complexidade enunciativa se evidencia e seus efeitos de sentido se multiplicam.

* * *

Foram essas as principais conclusões a que cheguei nessa primeira investida que fiz sobre as hesitações na fala infantil. No entanto, conforme antecipei, uma segunda questão já vinha me chamando a atenção na experiência que tive, em minhas atividades de extensão universitária, com a sistematização da linguagem na fala e na escrita infantil. O singular dessa experiência foi justamente flagrar, nessa sistematização, entrelaçamentos entre fala e escrita, que, a meu ver, resultavam do trânsito das crianças por práticas de oralidade e de letramento, sobretudo daquelas desenvolvidas em contexto escolar.

Nesses entrelaçamentos, chamou-me a atenção, como disse acima (ao antecipar a segunda questão que me interessou investigar sobre a sistematização da linguagem na criança), como uma característica fundamental da fala – a “escuta” dela mesma, ou, especificamente, a “escuta” de suas características fonético-fonológicas – se deixava afetar pelo ingresso da criança em práticas de alfabetização. Trata-se de uma instabilidade bastante singular, já que o som parece não valer por si mesmo nessa “escuta”, mas pelo seu atravessamento pelo (orto)gráfico.

Destaco os pontos que considero como os mais relevantes dessa singular experiência com esses atravessamentos³⁹. Assim como se deu com o estudo sobre as hesitações na declamação de uma parlenda, cheguei a esses pontos por meio de um novo estudo experimental. Seguem-se as características desse estudo.

Participaram dele 53 crianças de duas turmas do 1º ano (turmas B e C) e 48 crianças de duas do 2º ano (turmas B e C) de uma escola estadual de ensino fundamental do município de Marília.

Como recurso material, foi utilizado o *Instrumento de Avaliação da Percepção de Fala – PERCEFAL* – proposto por Berti (2011), com o uso do software PERCEVAL (*Perception Evaluation Auditive & Visuelle*) (ANDRÉ *et al*, 2009). O referido instrumento foi elaborado para avaliar o desempenho perceptual-auditivo de crianças a partir dos quatro anos de idade, com base em uma tarefa de identificação (também chamada de tarefa de escolha forçada) envolvendo os contrastes fonológicos do Português Brasileiro em *onset* silábico. Nesse instrumento, estão envolvidas, principalmente, palavras dissilábicas paroxítonas, contendo todos os 19 fonemas consonantais do PB na posição acentuada.

A seleção das palavras foi realizada de acordo com os seguintes critérios: (1) contrastarem os fonemas do PB de modo a comporem pares mínimos de palavras; (2) serem passíveis de representação por meio de gravuras; e (3) pertencerem ao vocabulário infantil.

O PERCEFAL é composto por um subconjunto de quatro experimentos: (a) PERCivogais (que avalia a identificação do contraste fônico entre vogais tônicas); (b) PERCocl (que avalia a identificação do contraste fônico entre oclusivas); (c) PERCifric (que avalia a identificação do contraste fônico entre fricativas); e (d) PERCison (que

³⁹ Extraídos de Chacon e Vaz (2013).

avalia a identificação do contraste fônico entre soantes). Em função dos objetivos que orientaram a condução do estudo, foi utilizado apenas o PERCison.

Na elaboração do PERCison foi arrolado um total de 30 palavras (por análise combinatória: 6 soantes x 5 possibilidades de combinação entre elas = 30 palavras, sendo 15 pares contrastivos). Segue-se um quadro síntese dessas palavras e desses pares:

Quadro 1: Pares contrastivos de soantes

Palavra alvo	Palavra contrastada	Par contrastado
Mata	Nata	/m/ - /n/
Uma	Unha	/m/ - /ɲ/
Mata	Lata	/m/ - /l/
Comer	Colher	/m/ - /ʎ/
Fumo	Furo	/m/ - /r/
Nata	Mata	/n/ - /m/
Sono	Sonho	/n/ - /ɲ/
Nata	Lata	/n/ - /l/
Fina	Filha	/n/ - /ʎ/
Caneta	Careta	/n/ - /r/
Unha	Uma	/ɲ/ - /m/
Sonho	Sono	/ɲ/ - /n/
Punho	Pulo	/ɲ/ - /l/
Pinha	Pilha	/ɲ/ - /ʎ/
Sonho	Soro	/ɲ/ - /r/
Lata	Mata	/l/ - /m/
Lata	Nata	/l/ - /n/
Pulo	Punho	/l/ - /ɲ/
Vela	Velha	/l/ - /ʎ/
Pulo	Puro	/l/ - /r/
Colher	Comer	/ʎ/ - /m/
Filha	Fina	/ʎ/ - /n/
Pilha	Pinha	/ʎ/ - /ɲ/
Velha	Vela	/ʎ/ - /l/
Palha	Para	/ʎ/ - /r/
Furo	Fumo	/r/ - /m/
Careta	Caneta	/r/ - /n/
Soro	Sonho	/r/ - /ɲ/
Puro	Pulo	/r/ - /l/
Para	Palha	/r/ - /ʎ/

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Definidas as palavras que comporiam o PERCison, Berti (2011) realizou gravações das palavras selecionadas (com equipamentos de alta fidelidade) no interior de uma cabine acústica, com um adulto falante típico do PB falado na região de coleta dos dados – a cidade de Marília (SP). Foi solicitada ao adulto a produção das palavras-alvo no interior de uma frase veículo (“Fale *palavra alvo* pra ele”), de modo a evitar a

curva ascendente característica da produção obtida por meio de repetição isolada de palavras.

Ao término das gravações, com o auxílio do *software* PRAAT (BOERSMAN; WEENINK, 2009), os pares mínimos foram extraídos da frase veículo, constituindo os *inputs* auditivos do experimento.

Paralelamente à edição dos arquivos de áudio, foram selecionadas gravuras correspondentes a cada palavra, a partir do site <http://images.google.com.br/> de domínio público. Com o auxílio do *software* Paint, as imagens foram recortadas e editadas de modo a ficarem padronizadas, gerando, assim, os *inputs* visuais do PERCison.

Estabelecidos os *inputs* auditivos e visuais que integrariam o experimento, foi elaborado um *script*⁴⁰ para o experimento de identificação executado pelo *software* PERCEVAL.

O procedimento experimental de percepção proposto no PERCEFAL consiste em um teste de identificação, também designado de tarefa de escolha forçada. O referido teste é composto por três etapas distintas: reconhecimento das palavras do experimento; fase treino; e fase teste.

A etapa de reconhecimento envolve a apresentação dos *inputs* visual e auditivo às crianças a fim de averiguar o seu conhecimento (ou não) em relação às palavras utilizadas no experimento. Após a familiarização das crianças com os *inputs* do experimento, realiza-se uma sondagem, ou seja, uma verificação do conhecimento das palavras pelas crianças. Adota-se um critério de 80% de acerto para que as crianças sejam conduzidas à fase treino e, posteriormente, ao teste perceptual propriamente dito.

A fase treino é realizada automaticamente pelo *software*, com o intuito de garantir a compreensão da tarefa por parte dos participantes. Essa fase baseia-se na

⁴⁰ A obtenção do *script* do experimento de identificação perceptual pode ser solicitada à autora do PERCEFAL no seguinte e-mail: berti.larissa@gmail.com.

própria tarefa de identificação perceptual, mas os resultados obtidos não são computados pelo *software*. São aleatorizados os estímulos do experimento e selecionadas dez apresentações. Logo após, inicia-se a fase teste propriamente dita.

Para a tarefa de identificação, as crianças foram dispostas confortavelmente em frente à tela de um computador (contendo o *software* PERCEVAL) com fones KOSS acoplados aos seus ouvidos, na própria escola (em uma sala silenciosa). As crianças, individualmente, ouviram (com apresentação binaural numa intensidade de 50 dB aproximadamente) uma das palavras do par mínimo e, em seguida, decidiram e indicaram qual a gravura correspondente à palavra apresentada auditivamente, dentre duas possibilidades de gravuras que foram dispostas na tela do computador. Por exemplo, ao ser apresentada auditivamente à criança a palavra “vela”, foram dispostas na tela do computador as gravuras correspondentes às palavras “vela” e “velha”, para que o participante decidisse e indicasse, pressionando duas teclas do computador previamente combinadas, qual gravura correspondia ao estímulo auditivo apresentado.

Tanto o tempo de apresentação dos estímulos auditivo e visual, quanto o tempo de resposta, foram controlados e mensurados automaticamente pelo *software* PERCEVAL. A duração total do experimento foi de aproximadamente 15 minutos por criança.

Para a coleta do desempenho ortográfico dos mesmos pares mínimos utilizados no experimento de percepção-auditiva, inicialmente foram apresentadas, em sala de aula, folhas impressas com todas as figuras do experimento para todas as crianças. A seguir, solicitou-se que escrevessem, em uma linha ao lado de cada figura, o nome correspondente a cada uma delas.

Passo aos critérios de análise dos resultados relativos ao primeiro objetivo que orientou o desenvolvimento do estudo: *comparar a acurácia perceptual-auditiva e a*

acurácia ortográfica de consoantes soantes em crianças do 1º e do 2º ano do ensino fundamental.

No que se refere à acurácia perceptual-auditiva, foram adotados, como critérios de análise, os mesmos descritos no PERCEFAL (BERTI, 2011), a saber: porcentagem de erros, de acertos e de não-respostas. Já no que se refere ao que chamamos de acurácia ortográfica, também foram adotados os mesmos critérios descritos no PERCEFAL. No entanto, foi preciso acrescentar mais um critério, em razão de, algumas vezes, a escrita da criança fugir completamente às convenções ortográficas, dificultando sua leitura. Com esse acréscimo, os critérios foram: porcentagem de erros, de acertos, de não-respostas e de respostas não-interpretáveis.

Passo, a seguir, aos critérios de análise dos resultados relativos ao segundo objetivo do estudo: *comparar a identificação dos contrastes entre consoantes soantes que se mostrarem como mais facilmente (ou mais dificilmente) percebidos e registrados ortograficamente pelas mesmas crianças.*

Para fazer essa comparação, foi utilizada a proposta de uma matriz de confusão (MILLER; NICELY, 1955) para catalogar quantitativa e qualitativamente os erros perceptivos cometidos pelas crianças. Destaca-se que esse tipo de análise propicia informações relativas tanto aos contrastes mais, e menos, difíceis na tarefa de identificação, quanto aos padrões de erros mais recorrentes. Uma adaptação dessa matriz foi feita para a identificação dos contrastes ortográficos mais facilmente ou mais dificilmente registrados pelas crianças.

Para melhor exposição dos resultados finais, organizamo-los em função dos objetivos que orientaram o desenvolvimento do estudo.

Com relação ao primeiro objetivo, inicialmente, apresento os resultados a que chegamos na verificação da acurácia perceptual-auditiva e na acurácia ortográfica:

Tabela 18 – Acurácia perceptual-auditiva e ortográfica

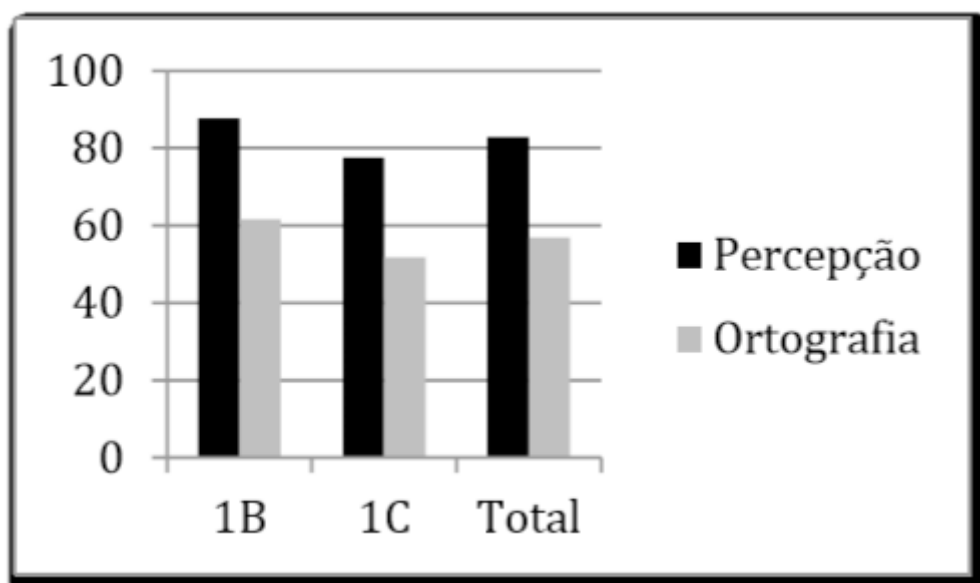
Ano	Turma	Acertos		Erros		Não resposta		NI*	Total perc	Total ortog
		perc	ortog	perc	ortog	perc	ortog	ortog		
1	B	737	415	85	178	18	0	79	840	672
1	C	582	311	134	126	34	18	145	750	600
1	B e C	1319	726	219	304	52	18	224	1590	1272
2	B	604	568	115	31	31	0	1	750	600
2	C	544	490	126	55	20	1	6	690	552
2	B e C	1148	1058	241	86	51	1	7	1440	1152
1 e 2		2467	1784	460	390	103	19	231	3030	2424

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

* Dados não-interpretáveis.

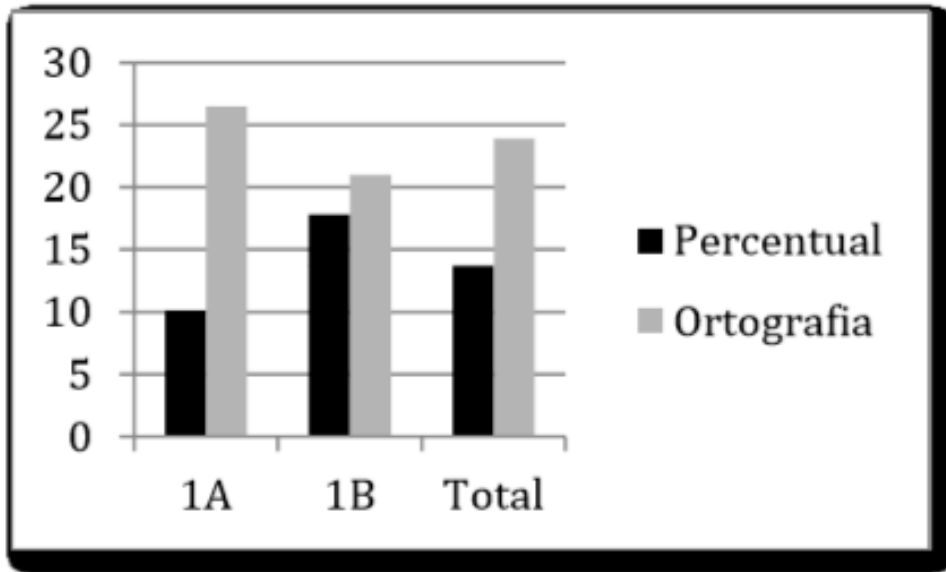
Detalho, abaixo, os resultados encontrados para o 1º ano do Ensino Fundamental:

Gráfico 1 – Percentual de acertos no 1º ano



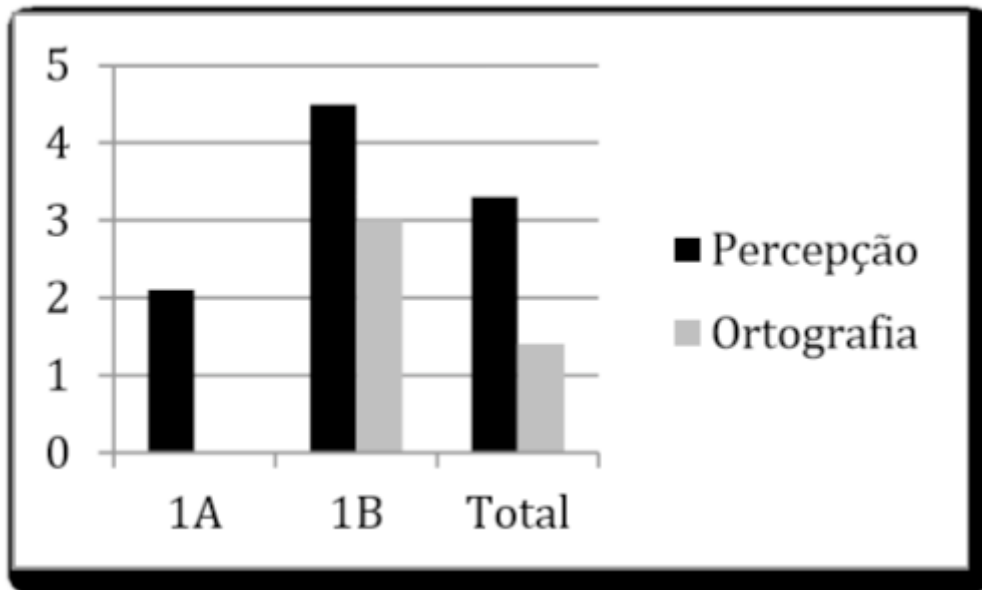
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 2 – Percentual de erros no 1º ano



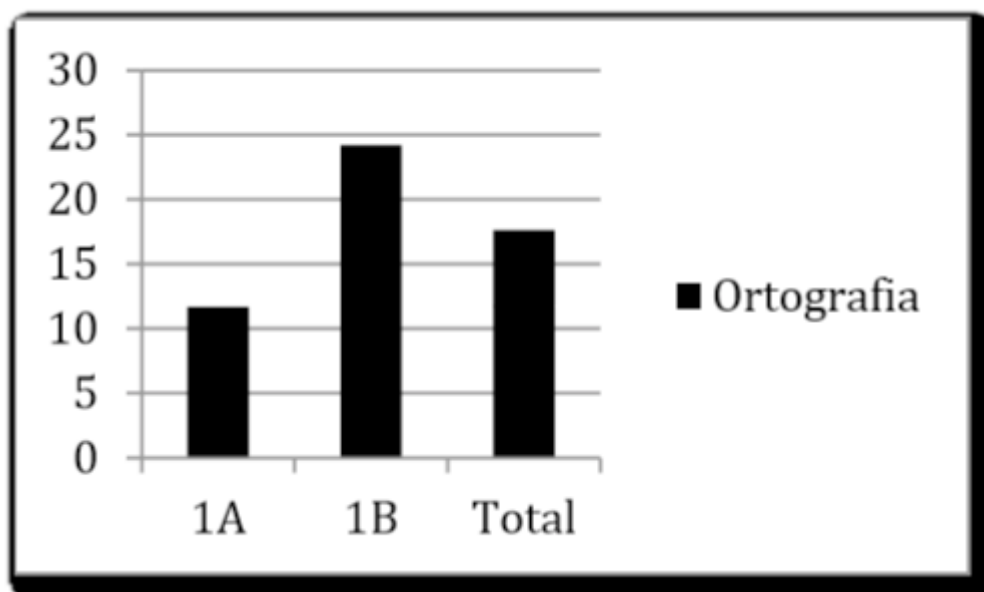
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 3 – Percentual de não-respostas no 1º ano



Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 4 – Percentual de respostas não-interpretáveis no 1º ano.

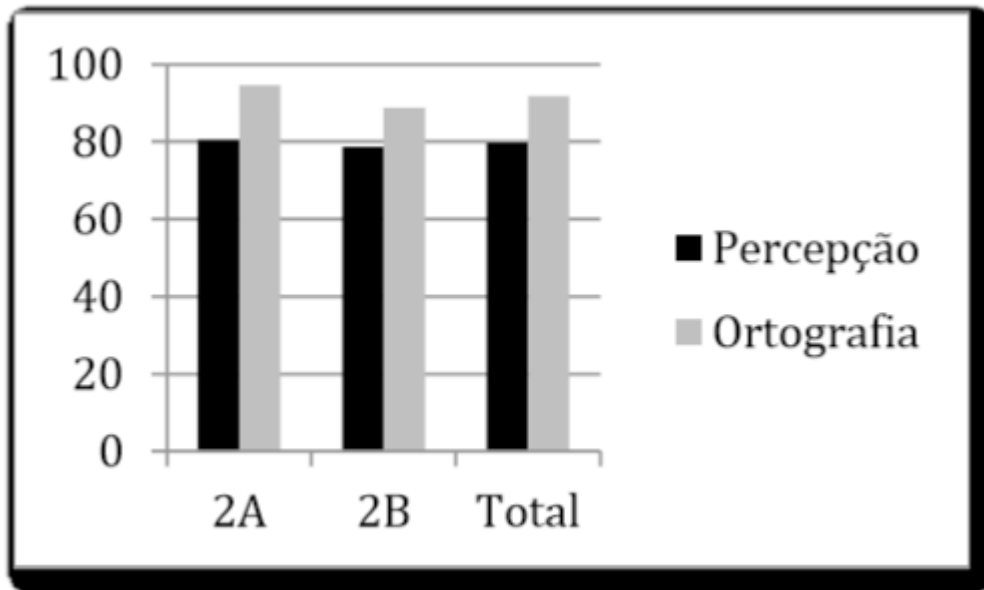


Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Com base nos resultados expostos nos gráficos 1 a 4, é possível observar, no 1º ano do Ensino Fundamental, maior índice de acertos no desempenho perceptual-auditivo do que no desempenho ortográfico e maior índice de erros no desempenho ortográfico do que no desempenho perceptual-auditivo. Em relação a não-respostas, identificamos um número maior no desempenho perceptual-auditivo. Como dito anteriormente, para analisar a ortografia, acrescentamos como critério *respostas não-interpretáveis*, já que, como destaquei, não seria possível desprezar o número desses dados.

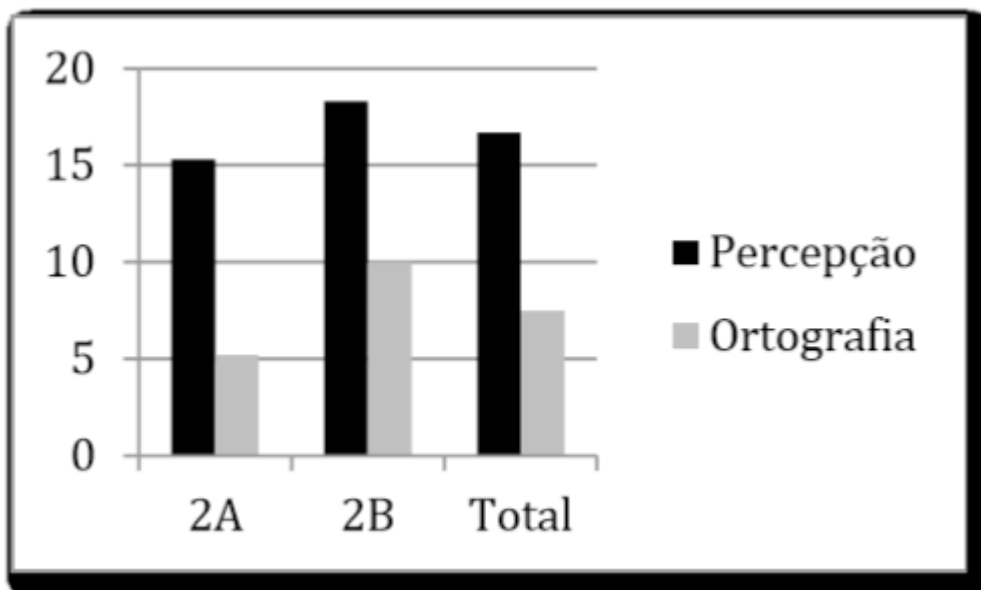
Passo ao detalhamento dos resultados do 2º ano:

Gráfico 5 – Percentual de acertos no 2º ano.



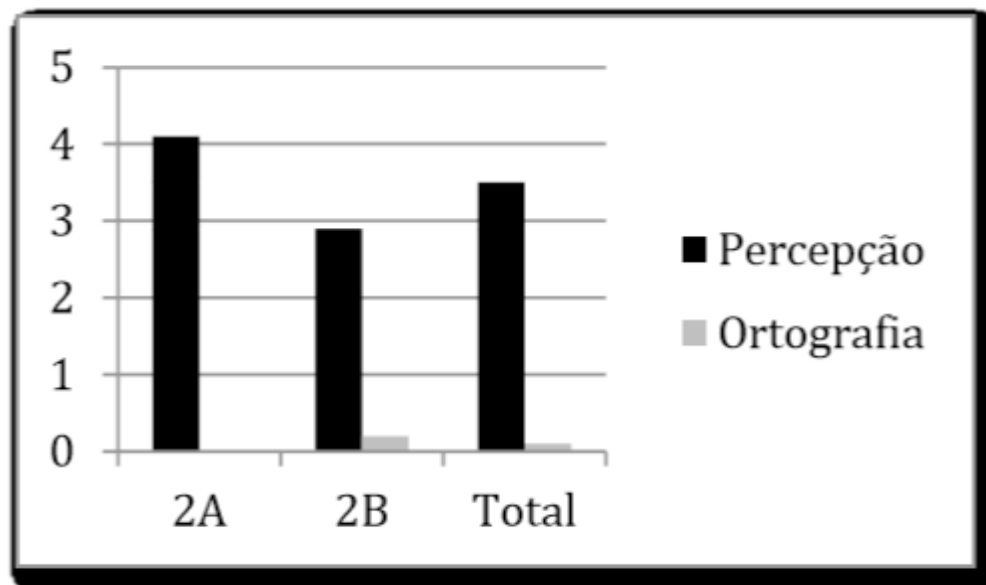
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 6 – Percentual de erros no 2º ano.



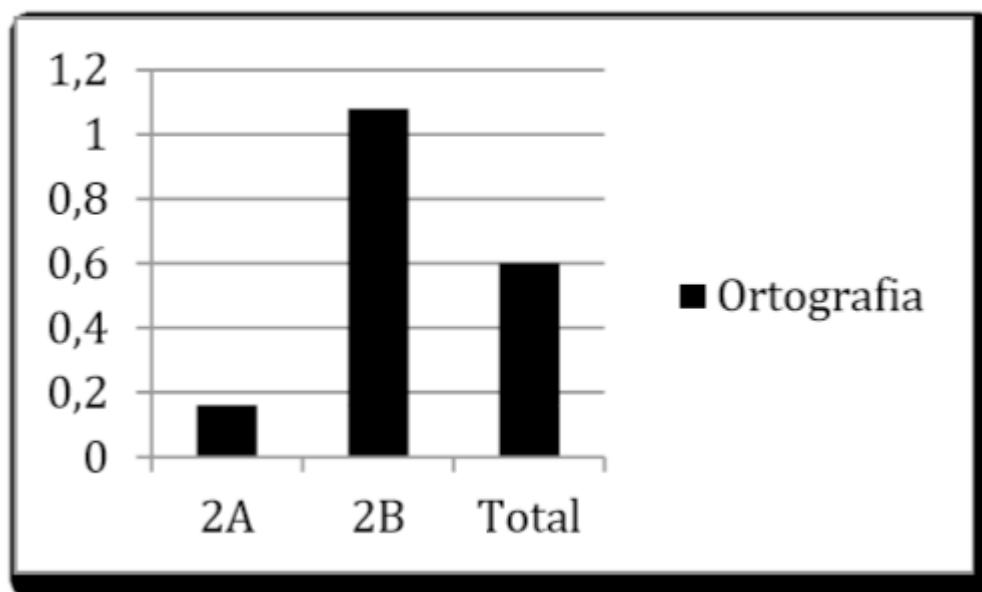
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 7 – Percentual de não-respostas no 2º ano.



Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 8 – Percentual de respostas não-interpretáveis no 2º ano.



Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Com base nos gráficos 5 a 8, é possível observar, no 2º ano do Ensino Fundamental, maior índice de acertos no desempenho ortográfico do que no desempenho perceptual-auditivo e maior índice de erros no desempenho perceptual-auditivo do que no desempenho ortográfico. Em relação a não-respostas, vemos um

número maior no desempenho perceptual-auditivo. Podemos observar, ainda, um pequeno percentual de respostas não-interpretáveis na ortografia no 2º ano.

Comparando-se os grupos de crianças do 1º e do 2º ano, é possível detectar as seguintes tendências:

- (a) inversão das modalidades de erros, já que as crianças do primeiro ano mostraram maior quantidade deles na tarefa de ortografia do que na tarefa de percepção-auditiva e, nas do segundo ano, verificou-se o contrário;
- (b) redução brusca de não-respostas na tarefa ortográfica e de manutenção delas na tarefa de percepção-auditiva;
- (c) grande diminuição de respostas ortográficas não-interpretáveis das crianças do primeiro para o segundo ano.

Com relação ao segundo objetivo, mostrarei, nas tabelas 19 a 22, os resultados a que chegamos nas duas tarefas: de percepção-auditiva e de ortografia. Nessas tabelas, os números em cada célula correspondem à quantidade de vezes que uma consoante foi confundida com outra. Na primeira coluna, são expostas as consoantes testadas. Nas demais, com exceção da última, é exposta, individualmente, cada possibilidade de confusão (no interior das soantes) da consoante testada. Por fim, na última coluna, é mostrada a quantidade total de confusões. A título de exemplo, na terceira linha da primeira coluna da Tabela 19, vejamos o que se passou com a consoante /n/. Ao acompanharmos seu comportamento ao longo da linha, veremos que ela foi confundida 9 vezes com /m/, 15 vezes com /p/, 7 vezes com /l/, 4 vezes com /k/ e 6 vezes com /r/. Veremos, também, na última coluna dessa linha, que a consoante /n/ teve um total geral de 41 confusões.

Para responder a esse objetivo, foram analisados apenas os erros ortográficos entre elementos da grande classe das soantes. Além da exclusão dos dados de omissões

ortográficas e dos dados não-interpretáveis, foram, ainda, desconsiderados os erros que envolveram substituições entre grafemas que remetiam a fonemas de outras classes que não a das soantes.

Para melhor observação dos contrastes mais facilmente e mais dificilmente percebidos e registrados pelas crianças, apresentarei os resultados de cada série escolar individualmente.

Tabela 19 – Percepção-auditiva de contrastes entre as soantes nas crianças do 1º ano.

	/m/	/n/	/ŋ/	/l/	/λ/	/r/	TOTAL
/m/	0	15	6	6	4	8	39
/n/	9	0	15	7	4	6	41
/ŋ/	6	13	0	15	4	8	46
/l/	7	10	7	0	5	6	35
/λ/	9	7	9	4	0	3	32
/r/	6	4	4	6	3		23
TOTAL	37	49	41	38	20	31	216

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Tabela 20 – Ortografia de contrastes entre as soantes nas crianças do 1º ano.

	M	N	Nh	L	LH	Li	r	Total
M	0	12	0	0	0	0	1	13
N	4	0	0	4	5	0	6	19
Nh	2	13	0	3	18	1	3	40
L	0	2	0	0	3	0	3	8
Lh	0	4	4	31	0	23	3	65
R	1	0	0	24	6	0	0	31
Total	7	31	4	62	32	24	16	176

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Tabela 21 – Percepção-auditiva de contrastes entre as soantes nas crianças do 2º ano.

	/m/	/n/	/ŋ/	/l/	/λ/	/r/	TOTAL
/m/	0	20	15	13	8	10	72
/n/	10	0	13	12	8	3	50
/ŋ/	5	9	0	13	6	8	45
/l/	2	12	6	0	6	12	45
/λ/	5	2	6	3	0	8	26
/r/	6	2	2	4	5	0	19
TOTAL	30	53	47	47	37	43	257

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

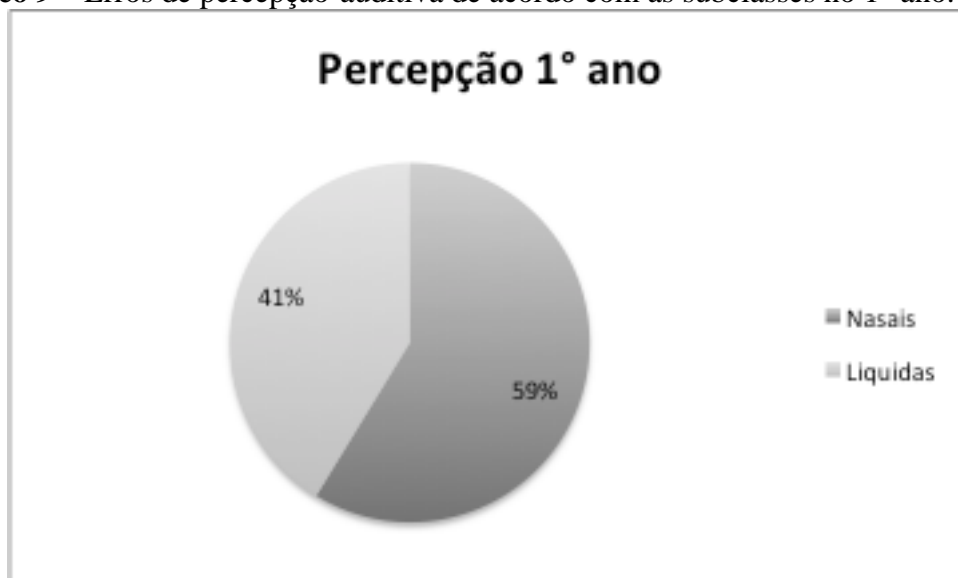
Tabela 22 – Ortografia de contrastes entre as soantes nas crianças do 2º ano.

	M	N	Nh	L	LH	Li	r	Total
M	0	3	1	0	0	0	0	4
N	4	0	0	1	0	0	0	5
Nh	3	2	0	0	0	0	0	5
L	0	0	0	0	1	0	1	2
Lh	0	0	1	21	0	18	7	47
R	1	0	0	4	0	0	0	5
Total	8	5	2	26	1	18	8	68

Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

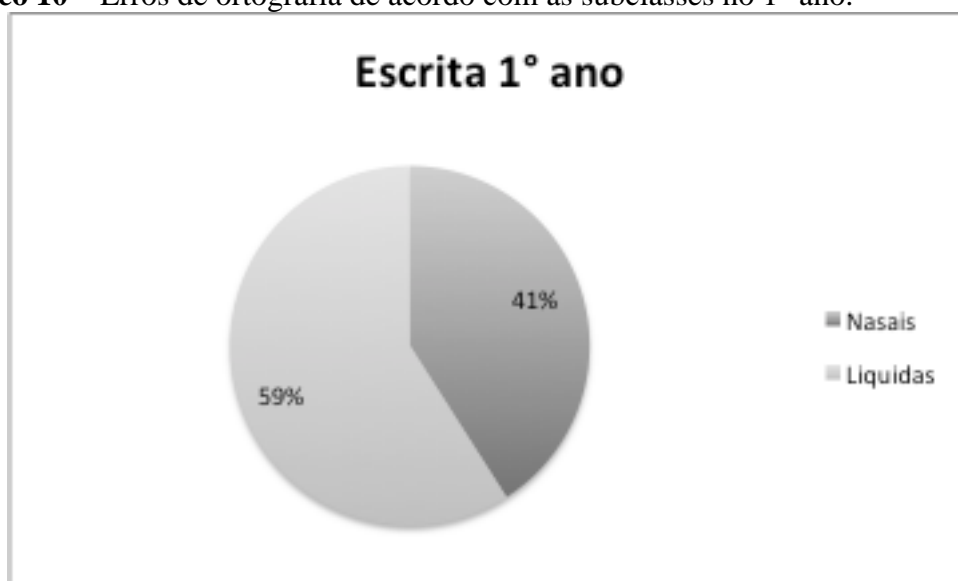
Em busca de tendências para as quais esses números podem apontar, dividimos a grande classe das soantes em duas subclasses – nasais e líquidas – e categorizamos os erros das crianças de acordo com essas subclasses, como mostrarei nos gráficos que se seguem:

Gráfico 9 – Erros de percepção-auditiva de acordo com as subclasses no 1º ano.



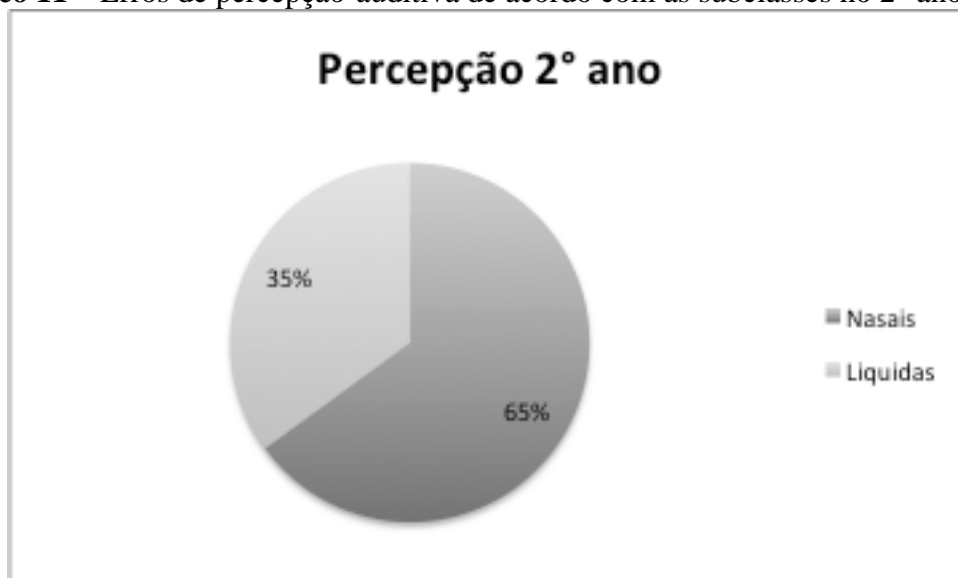
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 10 – Erros de ortografia de acordo com as subclasses no 1º ano.



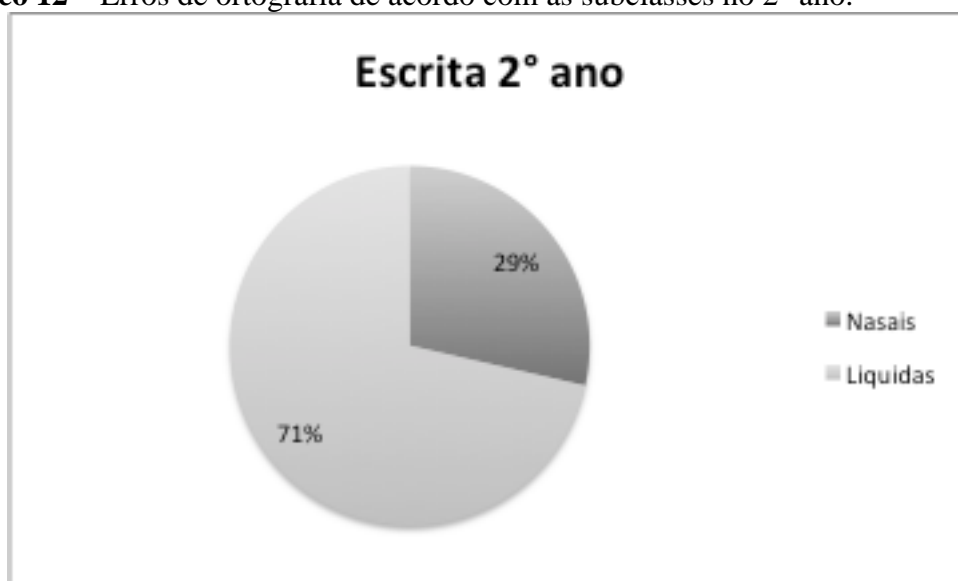
Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 11 – Erros de percepção-auditiva de acordo com as subclasses no 2º ano.



Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Gráfico 12 – Erros de ortografia de acordo com as subclasses no 2º ano.



Fonte: CHACON; VAZ, 2013.

Comparando-se os grupos de crianças do 1º e do 2º ano em relação a seus erros, levando-se em consideração a divisão das soantes em nasais e líquidas, detectam-se as seguintes tendências:

- (a) relação entre as modalidades de tarefa e os tipos de erros, já que, na tarefa de percepção-auditiva, as crianças dos dois grupos mostraram maior quantidade deles nas nasais e, na tarefa de ortografia, nas líquidas;
- (b) percentual maior de erros de nasais na tarefa de percepção-auditiva em ambos os grupos, porém mais acentuado nas crianças do 2º ano;
- (c) percentual maior de erros de líquidas na tarefa de ortografia em ambos os grupos, porém mais acentuado nas crianças do 2º ano.

Passo à discussão das tendências detectadas nos resultados relativos ao **primeiro objetivo** da presente pesquisa.

Relembro a primeira tendência: inversão das modalidades de erros. Como vimos, as crianças do primeiro ano mostraram maior quantidade deles na tarefa de ortografia (do que na tarefa de percepção-auditiva) e, nas do segundo ano, verificou-se o contrário.

Observam-se, nessa inversão de tendências, diferentes maneiras com que as crianças dão indícios de sua inserção em práticas de oralidade e de letramento. Por um lado, detecta-se, nas crianças do primeiro ano, efeito maior de sua inserção em práticas de oralidade, na medida em que são melhores os seus resultados na tarefa auditiva e piores na tarefa ortográfica. Por outro lado, detecta-se, nas crianças do segundo ano, efeito maior de sua inserção em práticas de letramento. Esse efeito maior se pode detectar não apenas na diminuição dos erros na tarefa de ortografia, mas, sobretudo – e surpreendentemente – no aumento deles na tarefa auditiva. Essa inversão de tendências aponta, pois, para a complexidade de a criança perceber auditivamente as características fonético-fonológicas da língua, uma vez que, além de confirmar resultados de estudos que atribuem a essa percepção caráter gradiente – como, por exemplo, Shvachkin, (1973), Pater, Stager e Werker (2004), Schier (2012), Schier, Berti e Chacon (2013) –,

sugere que ela é afetada (uma vez que desestabilizada) pela inserção das crianças em práticas de alfabetização.

Essa nossa interpretação pode ser reforçada pela segunda tendência que identificamos nos resultados referentes ao primeiro objetivo deste estudo. Conforme os números expostos na Tabela 18, embora tenha havido redução brusca da quantidade de não-respostas na tarefa ortográfica (de 18, no primeiro ano, para 1, no segundo ano), sua quantidade na tarefa de percepção-auditiva se manteve praticamente igual (52, no primeiro ano e 51 no segundo ano). Como se vê, além de se aumentarem os erros na tarefa auditiva com o aumento da escolaridade, mantiveram-se os números de não-respostas nessa mesma tarefa, diferentemente do que ocorreu com a tarefa ortográfica.

Outro fator que sugere que a inserção em práticas de letramento afeta a aquisição da percepção auditiva é o de que, embora os desempenhos nas tarefas de percepção e de ortografia tendam a se estabilizar de maneira gradual, essa estabilização ocorre de maneira mais lenta no desempenho perceptual-auditivo. Estudos posteriores voltados para essa questão deverão ser realizados para ser confirmada, ou não, a interpretação que fazemos de que não apenas a ortografia sofre efeitos da inserção das crianças em práticas de letramento, mas, também, o próprio modo como as crianças interpretam, auditivamente, características acústicas dos segmentos da fala.

Há, porém, que se fazer uma ressalva. As práticas pedagógicas, durante a alfabetização, voltam-se preferencialmente (ou quase que totalmente) para as questões ortográficas – e a última tendência mostrada pelos resultados referentes ao primeiro objetivo deste estudo (a da grande diminuição de respostas ortográficas não-interpretáveis das crianças do primeiro para o segundo ano) indicia efeitos dessa preferência, tal como também observa Schier (2012) em sua investigação sobre a relação entre a aquisição da percepção auditiva e a aquisição da ortografia de

consoantes fricativas. Mas pouca ou nenhuma atenção é dada às características auditivas da fala nas práticas pedagógicas. Portanto, a estabilização mais lenta no desempenho perceptual-auditivo pode ser creditada (também) à ausência de práticas específicas com a audição, diferentemente do que ocorre com a ortografia.

Passo à discussão das tendências que detectamos nos resultados relativos ao **segundo objetivo** do estudo.

Relembro a primeira tendência, a saber, a da relação entre as modalidades de tarefa e os tipos de erros. Na tarefa de percepção-auditiva, conforme mostram os percentuais expostos no Gráfico 9 (das crianças do primeiro ano) e no Gráfico 11 (das crianças do segundo ano), o maior percentual de erros das crianças de ambos os grupos foi nas consoantes nasais – 59% e 65%, respectivamente. Já na tarefa de ortografia, de acordo com percentuais expostos no Gráfico 10 (das crianças do primeiro ano) e no Gráfico 12 (das crianças do segundo ano), são as líquidas que provocam maior percentual de erros – 59% e 71%, respectivamente.

Características acústicas das consoantes nasais podem explicar essa inversão. Com efeito, nesse grupo de consoantes, a presença de antiformantes em sua configuração provoca absorção seletiva de energia acústica. Os efeitos espectrais de antiformantes são opostos aos dos formantes, já que a presença de um antiformante causa uma absorção seletiva de energia acústica tanto em uma frequência mais específica quanto em sua vizinhança, devido à ressonância característica de um subsistema como o da cavidade nasal (FUJIMURA; ERICKSON, 1997). Essa absorção de energia pode ser, portanto, um fator que dificulta a percepção-auditiva das consoantes nasais – fato para o qual já chamaram a atenção Chacon e Berti (2008) –, sem consequências mais diretas para sua ortografia.

Já com relação à maior quantidade de erros em líquidas na tarefa de ortografia, uma observação de fundamental importância deve ser feita: de um total de 158 erros ortográficos nessa subclasse das soantes, 112 (70,88%) envolveram o dígrafo LH. Esse dígrafo foi, preferencialmente, substituído por L, em 52 ocorrências (46,42% de 112), e por LI, em 41 ocorrências (36,60% de 112), como mostram os exemplos das Figuras 1 e 2:



Figura 1.



Figura 2.

Esse predomínio sugere que o que mais está em questão nos erros ortográficos de líquidas seja a dificuldade que o grupo de crianças mostra de lidar com a correspondência entre duas unidades gráficas e um único fonema. O grupo tende, então, a resolver essa complexidade ou pelo apagamento da letra H do dígrafo (fato que faz corresponder a sílaba ortográfica resultante desse apagamento à sílaba canônica universal CV), ou pela busca de uma correspondência termo a termo entre a ortografia e a percepção da palatalização de [λ] como decorrente de uma sequência fonética [li].

Essa tendência se mostra forte na medida em que se pode detectá-la também nos erros ortográficos de nasais. Com efeito, de um total de 86 desses erros, 45 (52,32%) deles envolveram o dígrafo NH, que, ou sofreu apagamento de H semelhante ao verificado em LH em 15 ocorrências (33,33%) ou foi substituído pelo dígrafo LH em 18 ocorrências (40%), como mostramos nos exemplos das Figuras 3 e 4:



Figura 3.



Figura 4.

Um fato interessante a ser notado é o da direção da substituição entre dígrafos. O dígrafo NH teve 40% (18 em 45) de substituição por LH, mas a substituição na tendência inversa foi de apenas 4,46% (5 em 112). Embora em termos ortográficos se trate de processos semelhantes (dois dígrafos marcados por H na segunda posição em correspondência com fonemas palatais), a direção preferencial da substituição em favor da líquida palatal reforça a ação dos aspectos perceptuais-auditivos, já que, como apontamos acima, a percepção das nasais é dificultada pela absorção de energia acústica causada pela presença de antiformantes em sua configuração.

Passo, então, à discussão da segunda tendência detectada nos resultados a que chegamos na investigação do segundo objetivo que orienta este estudo. Relembrando-a: embora o percentual de erros de percepção-auditiva nas crianças de ambos os grupos tenha sido maior entre as nasais do que entre as líquidas, a diferença percentual se acentuou nas crianças do 2º ano.

A acentuação da diferença no 2º ano reforça nossa hipótese de que a alfabetização provoca desajustes na percepção auditiva de características fonético-fonológicas da língua. No entanto, o desajuste pode ser maior ou menor quando se observam as características das duas subclasses das soantes – as nasais e as líquidas. Com efeito, ele se mostra mais acentuado nas nasais do que nas líquidas (fato que, como vimos, também se explica pela diminuição de energia acústica em sua produção). Desse modo, nossos resultados sugerem não apenas gradiência e desajustes no modo de se perceber auditivamente características fonético-fonológicas de soantes, mas, principalmente, gradiência na percepção das diferentes subclasses no interior dessa grande classe – questão que, ela também, merece investigações mais aprofundadas e com maior número de sujeitos.

Relembro, por fim, a última tendência detectada em resultados relativos ao segundo objetivo do estudo, a saber: embora o percentual de erros de ortografia nas crianças de ambos os grupos tenha sido maior entre as líquidas do que entre as nasais, a diferença percentual se acentuou nas crianças do 2º ano.

Um fato bastante pontual mascara essa acentuação de diferença percentual. Como vimos na Tabela 20 e na Tabela 22, embora a dificuldade nas duas diferentes séries envolva preferencialmente o dígrafo LH, na primeira série essa dificuldade envolve mais os outros membros dessa subclasse (37,5% – 39 de 104 erros) do que se observa na segunda série (12,7% – 7 em 54 erros). Desse modo, ainda que, da primeira para a segunda série, o percentual de erros em líquidas aumente, esses erros, na verdade, mostram-se concentrados em um único elemento dessa subclasse das soantes, o dígrafo LH (87,3% – 47 em 54 erros) – fato que aponta para o sucesso, na tarefa de ortografia, das práticas de alfabetização nas crianças do segundo ano.

Esse conjunto de resultados merece considerações adicionais. Especialmente porque eles podem contribuir teoricamente para o aprofundamento da compreensão sobre as relações entre percepção auditiva e ortografia de determinadas características fonético-fonológicas da língua – como as das soantes, mostradas no estudo.

Mesmo que exploratórios, os resultados, a meu ver, permitem entrever três principais direções de estudo sobre o estabelecimento dessas relações.

No que se refere à primeira direção, conforme vimos, os resultados confirmam estudos que postulam um **caráter gradual da aquisição da percepção**. Mas, além dessa confirmação, os resultados sugerem, ainda, gradiência na aquisição de subclasses no interior de uma grande classe: com efeito, o percentual de desajustes na identificação auditiva de soantes variou de acordo com a natureza da subclasse envolvida nessa grande classe – maior em nasais do que em líquidas.

Já que no que se refere à segunda direção, os resultados sugerem **relações não-diretas entre a aquisição da percepção e a aquisição da ortografia** de consoantes soantes. Embora tenham se mostrado, em grande medida, relacionados – já que tanto na percepção quanto na ortografia majoritariamente os erros ocorreram no interior dessa grande classe –, eles apontaram, também, para não-correspondências entre os dois tipos de tarefa quando se levou em conta a divisão da grande classe das soantes nas subclasses de nasais e líquidas.

Por fim, no que se refere à terceira direção, os resultados apontam para uma questão de central importância, não levantada ou investigada nos trabalhos a que tive acesso sobre a aquisição da percepção auditiva: aquela do papel que as **práticas de letramento** (especialmente aquelas que dizem respeito à alfabetização) desempenham não apenas no que dizem respeito à aquisição da ortografia, mas, também, no que dizem respeito à própria maneira como os segmentos da grande classe das soantes passam a ser percebidos com o avanço da alfabetização. É de se pensar, por exemplo, no papel que o símbolo gráfico (o grafema) passa a desempenhar na identificação que a criança fará do som (do fonema). Em outras palavras, é de se pensar em como o conceito de fonema pode ser construído, na criança, pela escrita ortográfica.

* * *

Esboçadas essas três direções para investigações posteriores, e mais aprofundadas, sobre as relações entre a aquisição da percepção auditiva e a aquisição da ortografia, já estou a segui-las. Os passos dessa caminhada, porém, estão ainda se fazendo. Uma primeira formulação de seus resultados está sendo conduzida por uma orientanda minha de doutorado, Ana Cândida Schier Martins Lopes, que vem, em sua

tese, comparando e correlacionando características fonético-fonológicas desses dois tipos de aquisição, em todas as classes fonológicas de fonemas consonantais. Venho, também, individualmente, conduzindo minhas próprias investigações sobre essas características, principalmente na ortografia infantil.

Mas, nessa condução, acabei por recuperar outra questão relativa às convenções ortográficas e que há muito me chama a atenção na escrita infantil. Conforme antecipei, trata-se da instabilidade da palavra – mostrada exemplarmente pelo modo como as crianças se veem às voltas com os limites gráficos que a definem, limites que, como se sabe, nem sempre coincidem com aqueles de natureza morfológica e fonológica que definiriam essa unidade da língua (estes, também, nem sempre coincidentes entre si).

Flutuações e rasuras bastante características da segmentação de palavras na escrita infantil exemplificam essa instabilidade, como mostrarei a seguir⁴¹. A abordagem que farei delas tem como ponto de partida a seguinte observação de Abaurre (1991b):

[...] às vezes em um mesmo texto, critérios de segmentação aparentemente conflitantes são freqüentemente usados por uma mesma criança, o que parece indicar que as crianças podem explorar critérios conflitantes de forma mais ou menos simultânea, na tentativa de atribuírem sentido ao sistema convencional da linguagem escrita. (ABAURRE, 1991b, p. 205).

É sobre esses conflitos que me debruçarei – na medida em que os interpreto como decorrentes de relações, mostradas na escrita infantil, entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos, tais como aqueles propostos por Nespor e Vogel (1986).

⁴¹ Com idas e voltas, desde 2003 estou atento às segmentações não-convencionais de palavras. No início, minha preocupação com esse tipo de segmentação era sua base prosódica. Mais recentemente, porém, meu olhar para elas mudou, já que passei a vê-las como mais uma das marcas da instabilidade da língua, privilegiadamente mostrada pela recuperação de características da oralidade e do letramento (bem como de seu entrecruzamento) detectadas na escrita infantil. As questões que mostrarei a seguir, construídas sob esse olhar, são extraídas de Chacon (2013).

A análise que farei deles, no entanto, se assentará especialmente em contribuições de Tfouni (1997) e de Corrêa (2001; 2004).

De Tfouni, venho sempre reforçando a ideia de que

[...] não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’, sem que com isso se pressuponha sua inexistência. (TFOUNI, 1997, p. 23)

Assim, em sociedades como a nossa, sobretudo em médios e grandes centros urbanos, mesmo sujeitos não-alfabetizados estão de alguma maneira inseridos em práticas de linguagem que supõem seu confronto com informações linguísticas difundidas por meio de caracteres (orto)gráficos. Incluem-se, obviamente, nesse grupo de sujeitos, crianças que ainda não ingressaram no ensino fundamental. Afinal, embora ao ingressarem nesse ciclo de sua escolarização nem sempre as crianças dominem formalmente os critérios de organização da escrita alfabética, mesmo assim, em alguma medida, ancoram-se em vivências que trazem de sua história de letramento para produzirem seus enunciados escritos iniciais, independentemente de serem, ou não, alfabetizadas e, ainda, de quanto o seriam. Em outras palavras, “Existem bons motivos para supor que a representação de escrita que o indivíduo já traz para a escola seja mais complexa, por mais limitado que tenha sido o seu contato com a escrita e seus usos.” (ABAURRE, 1987, p. 193 – destaque da autora). A segmentação (de palavras, de partes de textos) certamente testemunha vivências de letramento, já que, em qualquer lugar de um centro urbano, as crianças estão em contato com placas, rótulos, embalagens, jornais, revistas etc., nos quais sequências de grafemas separadas por espaços em branco são muitíssimo frequentes. Conseqüentemente, não será no ensino fundamental (nem mesmo na educação infantil) que as crianças entrarão em contato, pela primeira vez, com blocos de letras separados por espaços em branco!

Mas não só em práticas de letramento essas crianças estão inseridas; se não tiverem condição patológica que limite (muito) suas possibilidades de fala e de audição, certamente desde o seu nascimento estarão às voltas com informações linguísticas que circulam em práticas de oralidade. Essa inserção também determinará sua produção escrita, como o demonstram fragmentos de enunciados escritos extraídos de material do GPEL como *vaiticata* (vai te catar), *iviu* (e viu), *noscive* (nós se vê) – que remetem ao modo como essas expressões são comumente enunciadas em estilos de fala mais informais do interior paulista. Como se vê, também no modo como as informações linguísticas circulam em práticas de oralidade as crianças se ancoram ao produzirem seus enunciados escritos iniciais.

Portanto, os enunciados escritos produzidos pelas crianças em início de seu processo de escolarização são efeito de uma conjunção entre (1) informações linguísticas que circulam em práticas de letramento, nas quais elas são difundidas por meio de propriedades gráfico-visuais, e (2) informações linguísticas que circulam em práticas de oralidade, nas quais elas são difundidas por meio de propriedades acústico-auditivas.

Essa conjunção, na escrita infantil, remete, na verdade, à própria natureza do produto escrito – e a caracterização desse produto, por sua vez, me leva às contribuições de Corrêa (2004) há pouco mencionadas. Como bem o detectou esse autor, os enunciados escritos – e não só os infantis! – ancoram-se, simultaneamente, em elementos com os quais os sujeitos tiveram vivências nas práticas de letramento e de oralidade que possibilitaram sua constituição como escreventes. Consequentemente, para o estudioso da escrita, “[...] é sempre o produto do trânsito entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas que [...] chega como material de análise do modo de enunciação falado e do modo de enunciação escrito.” (CORRÊA, 2001, p. 142, grifo

meu). Decorre da constatação dessa heterogeneidade, tal como proposta por Corrêa, uma forte motivação para o meu interesse pelas relações entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. É que essas relações, em grande medida, indiciam a recuperação que os escreventes fazem de suas vivências com enunciados falados (nos quais aspectos prosódicos contribuem enormemente para sua estruturação) e com enunciados escritos (nos quais, convencionalmente, unidades morfológicas como palavras têm realce, já que se separam umas das outras por meio de espaços em branco).

O estudo dessa relação possibilita, portanto, levantar indícios sobre a constituição da criança como sujeito escrevente e, logo, sobre sua ancoragem, frequentemente cheia de conflitos – sobretudo na produção de seus primeiros textos –, em elementos linguísticos (de base semiótica acústico-auditiva e gráfico-visual) que circulam, respectivamente, em práticas de oralidade e em práticas de letramento.

Uma marca bastante característica desses conflitos são as flutuações e as rasuras na escrita infantil que ocorrem em um mesmo texto – e aqui retomo a proposta deste estudo, de abordá-las em relação à segmentação de palavras. Como se verá adiante, em alguns casos, trata-se de uma flutuação, a saber, aquela verificada entre pelo menos duas ocorrências distintas de segmentação não-convencional; em outros casos, trata-se de uma rasura, verificada numa mesma ocorrência, como fruto de um processo de apagamento que deixa marcas na estrutura escrita. Às vezes, flutuações e rasuras se sobrepõem, como se verá.

Os dados que analisarei foram extraídos de textos de crianças que, à época de sua produção, frequentavam a segunda série do primeiro ciclo do ensino fundamental em uma escola municipal de São José do Rio Preto (SP)⁴². Fazem parte de um banco de dados (organizados transversal e longitudinalmente) sobre o processo comumente

⁴² Alguns desses dados já foram analisados por Serra (2007), em dissertação que a autora desenvolveu sob minha orientação. Eles terão, porém, tratamento diferente neste estudo.

chamado de aquisição da escrita, que visa subsidiar o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos do GPEL⁴³.

A primeira e a segunda ocorrência que analisarei foram extraídas, cada uma, de um texto diferente, produzido por duas diferentes crianças. Em sua produção, no dia 07 de março de 2002:

[...] o pesquisador distribuiu entre as crianças uma cópia de uma história em quadrinhos e solicitou, inicialmente, que as crianças observassem a história que se passava nestes quadrinhos. Em seguida, pediu a algumas das crianças que contassem, oralmente, a história dos quadrinhos; após essa atividade oral, o pesquisador solicitou que as crianças iniciassem a produção do texto. Nesse momento, o pesquisador sugeriu às crianças que não apenas contassem a história que se passava nos quadrinhos mas, também, que acrescentassem, por exemplo, o que poderia ter ocorrido após o término do último quadrinho. (CAPRISTANO, 2007, p. 176).

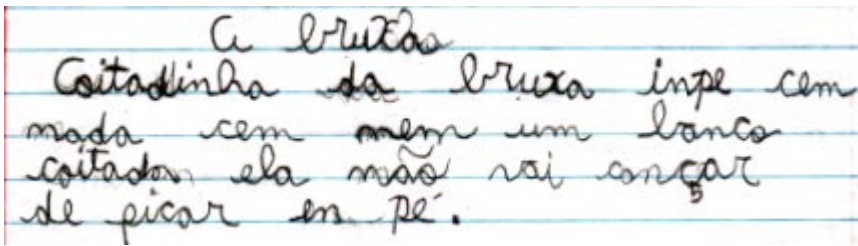
Já a terceira ocorrência foi extraída de um texto produzido por um terceiro sujeito. Em sua produção, no dia 21 de março de 2002:

[...] o pesquisador solicitou às crianças que escrevessem a letra de sua música preferida. Salientou, várias vezes, que as crianças poderiam escrever quantas músicas quisessem e, também, que poderiam selecionar quaisquer músicas (músicas aprendidas na escola, músicas aprendidas em casa, músicas religiosas etc.). (CAPRISTANO, 2007, p. 176)

A canção escolhida pela criança foi *Cinco patinhos*, gravada pela apresentadora de TV Xuxa Meneghel.

Passo, então, à análise dessas três ocorrências. Observemos a primeira delas (1):

⁴³ Uma descrição detalhada da constituição e organização desse banco de dados pode ser encontrada em Capristano (2007).



Nesta ocorrência, vê-se, por um lado, a flutuação entre a estrutura hipossegmentada *inpe* e a estrutura com rasura *en pé*, e, de outro, a rasura que indicia duas grafias possíveis para o segundo membro desse par, a saber, *en pé* (privilegiada) e *enpé* (descartada, mas sem que o resíduo gráfico da oscilação da criança entre emendar ou separar duas palavras pudesse ser totalmente apagado).

Vários critérios parecem estar subjacentes a essa flutuação e rasura. No que se refere à ancoragem da criança em aspectos **prosódicos** característicos de sua constituição como falante em práticas de oralidade, na flutuação entre *inpe* e *en pé*, detecta-se, por um lado, em *inpe*, a emergência de uma frase entonacional ou de um grupo clítico, ou, ainda, de um pé métrico, de acordo com Nespor & Vogel (1986). Por outro lado, em *en pé* detecta-se a emergência de duas sílabas.

Com efeito, para essas autoras, a frase entonacional corresponde a um contorno entonacional característico, muitas vezes delimitado por pausas. Tem-se, pois, como resultado gráfico desse algoritmo, a estrutura *inpe*, a qual, numa leitura mais lenta, poderia ser delimitada por pausas em suas duas extremidades (ou por vírgulas, numa escrita mais de acordo com as convenções ortográficas). Mas ainda, na perspectiva de Nespor & Vogel (1986), outra análise da mesma estrutura poderia levar ao reconhecimento de um constituinte prosódico bastante característico de textos escritos infantis, dado seu estatuto problemático no Português Brasileiro: o grupo clítico – constituinte que congrega uma palavra fonológica (portanto, provida de acento: no caso, a palavra “pé”), a qual funciona como “hospedeiro” de um monossílabo desprovido de

acento, o clítico prosódico “em”. Outra análise possível é detectar, nessa estrutura, um pé rítmico de cabeça (acento) à direita, ou seja, um pé iambo. Como se vê, o modo de abordar a estrutura define diferentes possibilidades de categorizá-la e, logo, de entender sua emergência no enunciado escrito da criança. Se enfatizarmos nela exclusivamente suas características rítmicas, sua interpretação será a de um pé iambo. Se a enfocarmos de acordo com a relação que nela se estabelece entre informações fonológicas e informações morfossintáticas, sua interpretação poderá ser a de um grupo clítico (na perspectiva de Nespor e Vogel, 1986). Se olharmos, por fim, para a proeminência que essa mesma estrutura pode adquirir, em termos prosódicos, numa leitura possível do enunciado *Coitadinha da bruxa, em pé, sem nada, sem um banco, coitada!*, ou, em outros termos, se olharmos para o funcionamento dessa estrutura no enunciado como um todo, sua interpretação poderá ser a de uma frase entonacional.

Se, no primeiro elemento do par em flutuação, diferentes constituintes parecem ancorar a escrita da criança, ou seja, [...] critérios conflitantes [atuariam] de forma mais ou menos simultânea [...]” (ABAURRE, 1991b, p. 205), no segundo elemento apenas um constituinte parece ancorá-la: a sílaba. Assim, o que, num primeiro momento se destaca por seu caráter de aglutinação prosódica (*inpe*), noutra momento se destaca justamente pela fragmentação da estrutura aglutinada em seus elementos prosódicos mínimos: as sílabas *en* e *pé*. É essa alternância, aliás, que parece estar na base das duas maneiras com que a língua se apresenta à criança (uma única unidade ou duas unidades?), indiciada – pelo resíduo de apagamento – por seu conflito entre unir ou separar unidades gráficas.

Mas a flutuação entre *inpe* e *en pé* parece ter como ancoragem não apenas diferentes aspectos prosódicos da língua. Conforme antecipei, pode-se, ainda, pensar que a flutuação se dá como produto da ancoragem da criança – também – em aspectos

das convenções ortográficas da língua. Assim, se, por um lado, a criança deixa, em sua escrita, pistas de sua inserção em práticas de oralidade, já que deixa traços de sua ancoragem em características prosódicas da língua, como vimos acima, por outro lado, deixa, ainda, em sua escrita, traços de sua inserção em práticas de letramento, já que dá mostras também de sua ancoragem em características das convenções ortográficas. Traços mais nítidos desse segundo tipo de ancoragem se detectam em *en pé*: por exemplo, o espaço em branco que delimita duas palavras ortográficas da língua (“em” e “pé”); a presença do grafema “e” na palavra “em”, registro ortográfico de uma vogal que, na variedade linguística da criança, é pronunciada como [i]; e, ainda, a presença do acento agudo na palavra *pé*. Traços menos nítidos desse segundo tipo de inserção da criança se detectam em *inpe*. Mesmo assim, em alguma medida, se deixam entrever, já que os limites inicial e final dessa estrutura correspondem a limites de palavras ortográficas e, ainda, os grafemas correspondem a possibilidades ortográficas para os fonemas da estrutura – índices, portanto, da inserção da criança em práticas de letramento.

Passemos à segunda ocorrência (2):

A photograph of a child's handwritten text on blue-lined paper. The text is written in cursive and reads: "Linha uma bruchinha que estava rosinha quando ela ouviu um barulho de pes de ele fante ela ouviu um ruído de elefante quando apareceu uma tronba e". The text is written across five lines of the paper.

Nessa ocorrência, podem ser detectados três pares de flutuações: (a) a estrutura hipersegmentada *e la* e a estrutura *ela*; (b) a estrutura hipersegmentada *ou vil* e a estrutura *ouvil*; e, por fim, (c) a estrutura hipersegmentada *ele fante* e a estrutura

elefante. No segundo e no terceiro desses três pares, como se vê, um de seus elementos é rasurado.

Nos pares (a) e (b), em termos prosódicos, pode-se detectar a ancoragem da criança em mais de um constituinte prosódico. A separação de unidades, como vimos na ocorrência (1), remete, uma vez mais, à ancoragem no constituinte basilar da hierarquia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986): a sílaba. Já sua junção remete a mais de um constituinte. Estruturalmente, de início, ao pé, na medida em que *ela* corresponde a uma unidade rítmica de cabeça (acento) à esquerda, ou seja, a um pé *troqueu*, e *ouvil* (bem como a rasura em *ou vil*), a uma unidade rítmica de cabeça à direita, um pé *iambo*. Mas a junção remete, estruturalmente, também à palavra fonológica, unidade prosódica, em ambos os casos, de extensão igual à das palavras morfológicas *ela* e *ouviu* e necessariamente provida de acento primário. Pensando-se, no entanto, na proeminência que essas duas estruturas podem adquirir no enunciado como um todo, a junção remeteria à frase fonológica, já que, para Nespor e Vogel (1986), substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e alguns pronomes (os que recebem acento) funcionam como unidades prosódicas mais altas, na medida em que, na constituição dessas unidades, interagem informações de natureza fonológica, morfológica e sintática. Vê-se, uma vez mais, que o modo como se enfocam as estruturas define a maneira como elas podem ser categorizadas.

Com relação ao par *ele fante* e *elefante*, a flutuação parece ancorar-se, mais especialmente, em dois tipos de constituintes prosódicos. A separação sustenta-se numa sequência de dois pés *troqueus*, *ele* e *fante*; já a junção (com ou sem rasura), em uma palavra fonológica (*elefante*) de extensão igual à da palavra morfológica correspondente. Esse tipo de separação é bastante frequente na escrita infantil: “(...) as crianças, nessa fase, sentem-se particularmente à vontade, em termos rítmicos, com as

seqüências em que se alternam regularmente as sílabas fortes e as fracas, nos troqueus binários.” (ABAURRE, 1991b, p. 209).

Mas ainda, “[...] é razoável supor [no momento da flutuação a emergência de] significados conhecidos a partes do enunciado.” (ABAURRE, 1991b, p. 209), como, em nosso caso, a *ele*. Pode-se também pensar no reconhecimento, por parte da criança, de *formas canônicas das palavras no português*, como, em nosso caso, *fante* (e, mesmo, *ele*), estruturas que respondem à preferência do português, sobretudo no léxico infantil, por dissílabos paroxítonos. Trata-se de estruturas que podem ser consideradas como embriões de palavras fonológicas, na medida em que abarcam a “[...] palavra lexical (que possui significado) e [vão] mais além, compreendendo todas as palavras [escritas] que possuem um acento primário e que, embora não tenham significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal.” (CUNHA, 2004, p. 62-3).

Mais uma vez, portanto, em *ele fante* e *elefante*, estamos às voltas com flutuações e rasuras que envolvem não só aspectos prosódicos da língua, como também aspectos lexicais e ortográficos de seu modo de enunciação escrito. Com efeito, a atribuição de *sentidos conhecidos a partes de enunciados* na escrita parece supor a ancoragem da criança em unidades lexicais da língua com as quais convive nas práticas orais-faladas e letradas-escritas de que participa – e que possibilitam sua constituição como escrevente. Raciocínio análogo pode ser feito, também, a propósito das flutuações e rasuras *e la / ela* e *ou vil / ouvil*: tanto as separações, quanto as junções, em alguma medida correspondem a palavras (isoladas por espaços em branco na escrita) que a criança provavelmente já tenha lido (e escrito), além de, obviamente, tê-las ouvido (e falado).

Passemos, por fim, à terceira ocorrência (3):

foipa sia a lenda
mão tanha para brincar a mãe mãe
gritou qua qua qua qua mais quatro
patinho voltaram dela.
a len das mãotanha para brincar a mãe mãe
gritou qua qua qua qua mais so
três patinho voltaram dela.

Nessa ocorrência, destacarei dois pares de flutuação *foipa sai / foipasia* e *a lenda mão tanha / a len das mãotanha*. Diferentemente dos pares destacados nas ocorrências (1) e (2), nos quais, claramente, tínhamos hipo (*inpe*) ou hiper (*e la, ou vil, ele fante*) segmentação, nos pares da ocorrência (3), além de hipo (*foipasia*) e hiper (*mão tanha* e *a len*) segmentação, temos o que venho chamando de *mesclas*, na medida em que, numa mesma estrutura, detectam-se, simultaneamente momentos de hipo e momentos de hipersegmentação. É o que se verifica, por exemplo, em *foipa sia* e em *a lenda*. No primeiro caso, à palavra “foi” agrega-se uma sílaba da palavra seguinte, “pa”, de “passar”, processo que resulta em um momento de hipo (*foipa*) e em um momento de hiper (*sia*) segmentação. No segundo caso, por um lado, detecta-se o recorte da sílaba “a” (de “além”) e, por outro lado, o acréscimo do “lém” restante à palavra “da”, processo que resulta num momento de hiper (*a*) e num momento de hipo (*lenda*) segmentação.

Nessas mesclas, mais uma vez se vê, no enunciado escrito da criança, o efeito dos *critérios conflitantes* com que a língua se mostra à criança. Vejamos quais.

No que se refere a aspectos prosódicos, no par *foipa sia / foipasia*, o *conflito* que parece mais proeminente é aquele entre a frase fonológica e o pé. A junção entre “foi” e “pa” remete a um amálgama que, logo a seguir, é desfeito pelo espaço em branco, mas não sem deixar aflorar a possibilidade de um reconhecimento, por parte da criança, de

algo que recobrisse “foi” e “passar”. Esse algo, em termos prosódicos, corresponde a uma frase fonológica, na medida em que esse constituinte congrega um elemento que pode funcionar como “cabeça lexical” (preferencialmente um substantivo, um verbo, um adjetivo e um advérbio) e tudo quanto possa ser-lhe acrescido do lado não-recursivo da língua (o lado esquerdo, no Português Brasileiro) num limite sintático. Exemplificando: o elemento que funciona como “cabeça lexical” no par acima é o verbo (principal) “passar”. O verbo “foi”, nesse contexto, à esquerda e prosodicamente apoiado em “passar” completa a frase fonológica. Argumento a favor dessa análise é o segundo elemento do par, *foipasia*, no qual a junção apenas esboçada no primeiro elemento (*foipa sia*) é concretizada.

Mas apenas a sugestão de uma frase fonológica (indiciada pela junção entre “foi” e “pa”) estaria em questão nessa estrutura mesclada? A meu ver, ao mesmo tempo em que o amálgama indicia um constituinte maior (a frase fonológica), o espaço em branco indicia um constituinte menor. Assim, as duas partes do primeiro elemento do par em análise (*foipa* e *sia*), separadas por espaço em branco, correspondem, prosodicamente, a dois pés *iambo* (logo, com acento na sílaba mais à direita). E veem-se, pois, as “não-coincidências” da língua consigo mesma, exemplarmente mostradas em seu plano prosódico, indicidas no conflito mostrado pela criança na segmentação de palavras.

Marcas da inserção da criança em práticas letradas se apresentariam, também, nessa estrutura. Por exemplo, o fato de que os espaços em branco que limitam e se interpõem na estrutura em nenhum momento romperam a sílaba ortográfica (nenhuma consoante foi isolada da vogal que com ela forma sílaba). Também o fato de que os dois limites coincidem com limites de palavras ortográficas indiciam a inserção da criança em práticas de letramento.

Outro fator, no entanto, parece levar à escansão detectada nesse local da escrita da criança: o musical. Relembre-se que, de acordo com a proposta de produção textual, as crianças deveriam escrever a letra de uma canção de que gostassem. A segmentação do primeiro elemento da flutuação em questão responde (ortograficamente) à organização rítmica com que a apresentadora Xuxa canta, na gravação da canção, o final do primeiro verso do texto – com maior volume nas sílabas *pa* e *á* (“foi PAS-se-AR”)⁴⁴. Fato que reforça essa interpretação é o de que, no final do verso seguinte, em que ocorre rima, a apresentadora repete a mesma estrutura rítmica (mudando, inclusive, a estrutura rítmica da palavra), enfatizando as sílabas *-ra* e *cá* (resultando em “paRA brinCAR). A estrutura rítmica de *foipa sia*, portanto, é uma estrutura não apenas enfatizada no modo como a apresentadora a canta, como também repetida pela ação da rima.

Vê-se, pois, que a flutuação mostrada na escrita da criança entre separar e unir palavras indicia um conjunto de não-coincidências: prosódicos, ortográficos e musicais⁴⁵, cuja atuação se dá de modo não repetido e, conseqüentemente, como pesos diferentes em cada elemento do par. Provavelmente, no primeiro elemento, o critério musical seja o mais saliente; no segundo, o critério prosódico – mas sem que se desconsidere a ação dos restantes. De qualquer modo, tanto a história de fala, quanto a de escrita e, ainda, a de referências de canções da criança comportam elementos que (em graus e pesos difíceis de quantificar e avaliar) determinam sua segmentação.

Talvez o critério musical não seja o mais saliente para a mesma criança em sua flutuação entre *a lenda mão tanha / a len das mãotanha*. O prosódico e o ortográfico, a meu ver, se destacam. Mais uma vez, a junção entre “len” (de “além”) e “da” remete a

⁴⁴ Xuxa, de fato, pronuncia “foram passíá”. A alteração de “foram” para “foi” é feita pela criança. De qualquer modo, essa alteração não afeta os acentos “pa” e “a”.

⁴⁵ A propósito de segmentações de crianças para a canção tradicional *Pirulito que bate, bate*, Silva (2005) observa que, no momento em que uma das crianças escreveu o texto, “[...] o aspecto rítmico dos versos adquiriu saliência para a criança, conduzindo sua proposta de segmentação.” (SILVA, 2005, p. 240).

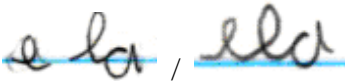
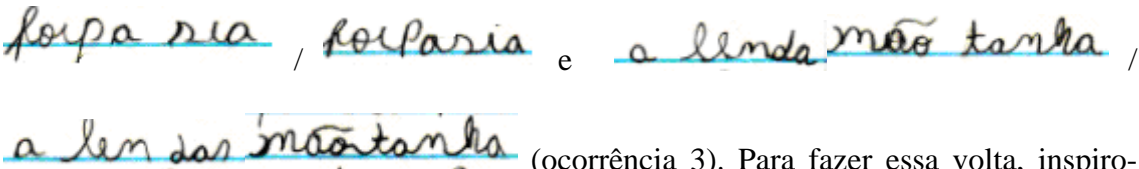
alguma forma de reconhecimento de um elemento prosódico mais alto que favoreceria o amálgama. Mais uma vez, pelas mesmas razões expostas na discussão do par anterior, trata-se de uma frase fonológica – com a diferença de que, neste último par, o elemento que funciona como cabeça lexical é o substantivo “montanha”, ao qual sintaticamente se agregam (e prosodicamente se apoiam) os elementos à esquerda “além” e “da”. Fatos bastante curiosos ocorrem no interior dessa estrutura que poderíamos entender como a sugestão de uma frase fonológica. Em seu interior, emergem pés troqueus binários (acento à esquerda) como “lenda” e “tanha”. Sílabas também são isoladas por espaços em branco: “a”, “mão”, “len” e “das”. Uma palavra fonológica (que corresponde a uma palavra morfológica) também é destacada: “montanha”.

Novamente aqui, um provável reconhecimento de unidades lexicais da língua em seu modo de enunciação escrito, providas ou não de acento, explicaria, sobretudo, as separações para mais (as hipersegmentações). Teríamos, pois, explicadas dessa maneira a emergência de “a” (monossílabo não-acentuado), de “mão” (monossílabo acentuado) e de “lenda” (dissílabo paroxítono). Quanto a “tanha”, mais uma vez teríamos a emergência de uma “palavra canônica”, ou seja, de um dissílabo paroxítono, de acordo com Abaurre (1991b), ou de uma palavra de “[...] acento primário [sem] significado conhecido na língua [...]”, de acordo com Cunha (2004). Já quanto a “len”, possivelmente o reconhecimento, por parte da criança, de “a” e de “das” como palavras ortográficas a tenha levado a isolá-las, provocando, em decorrência desse isolamento, a emergência de “len” entre espaços em branco.

O mais significativo, a meu ver, nessas não-coincidências da língua, mostradas por flutuações e rasuras na segmentação de palavras, é justamente sua convivência e sua ação pontual, local, na cadeia significante. Pontos que mostram a deriva – da própria língua, a meu ver.

E é com palavras ainda provisórias⁴⁶ sobre essa convivência e sobre essa oscilação, tão presentes na constituição da criança como escrevente, que encerro as considerações feitas nesse estudo sobre instabilidades da língua mostradas na palavra escrita.

As flutuações na segmentação de palavras seriam marcas⁴⁷ da heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 2001; 2004) que, de modo mais explícito do que a do adulto, caracteriza a escrita infantil. Em outra perspectiva, seriam marcas, também, de *mudanças de posição da criança* (LEMOS, 2002) no decorrer de sua constituição como sujeito escrevente.

Voltemos às flutuações  (ocorrência 2), bem como  (ocorrência 3). Para fazer essa volta, inspireme particularmente em Capristano (2007).

Semelhantemente ao que ocorre na fala infantil, também nessas flutuações de grafia é possível detectar o que, de acordo com Lemos (2002), poderia ser caracterizado como fragmentos de enunciados escritos submetidos ao movimento da língua. Com efeito, uma característica fundamental desse movimento seria a emergência [no caso estudado, na enunciação escrita] de desajustes em relação às convenções ortográficas que indicariam o “[...] não-reconhecimento, pela criança, da diferença entre sua [escrita] e a [escrita] do outro [...]” (LEMOS, 2002, p. 55), ou mesmo, o não-


⁴⁶ Palavras provisórias porque, até o presente momento, não refleti sobre como a criança se constitui como escrevente. Essas reflexões certamente comporão parte da continuidade de minha trajetória, em momento que presumo como próximo.

⁴⁷ No sentido atribuído a esse termo por Authier-Revuz (1990).

reconhecimento, pela criança, da diferença que caracteriza a **sua** própria escrita. Evidência desse não-reconhecimento é a de que, num mesmo enunciado, tanto ocorre uma escrita fora das convenções quanto uma escrita de acordo com as convenções – o que não autoriza, portanto, o analista da escrita a supor, nos momentos de acordo, um conhecimento das convenções por parte da criança. Ainda outra evidência desse não-reconhecimento nas ocorrências em destaque seria a ausência de rasuras – fato que aponta para uma provável ausência de distanciamento da criança em relação a sua escrita e que a mostra “[...] no intervalo entre os significantes que metaforicamente se substituem [...] no erro [...]” (LEMOS, 2002, p. 61).

As flutuações indiciariam, portanto, um modo de não-controle da deriva da língua, na cadeia significante da escrita da criança, já que não são “escutadas” (“lidas”) não se caracterizando, pois, para a criança, como pontos de “retroalimentação do dizer” (TFOUNI, 2005). Trata-se, em outras palavras, de pontos de dispersão, já que, neles, a autoria se deixa submergir pela ação da língua sobre a produção do discurso – e sobre a constituição do sujeito, que, nesses momentos, se mostra “no intervalo entre significantes”.

Situação diferente ocorre nas rasuras  (ocorrência 1),

 e  (ocorrência 02).

Não funcionariam, essas rasuras ortográficas, como as hesitações? Ou, em outras palavras, não seriam elas, tais como as hesitações, indícios de negociações turbulentas entre o sujeito que enuncia (pela escrita) e os *outros* que o constituem como escrevente? Não seria, para a criança escrevente, a própria língua um *outro* turbulento, passível de deslizamentos e de equívocos?

Nessas rasuras, detectam-se marcas de correção/apagamento. Trata-se, numa adaptação de Lemos (2002) para a análise que proponho delas, “[...] do reconhecimento do efeito que a substituição pode ter para a própria criança e para seu interlocutor [...] (LEMOS, 2002, p. 62). Destaque-se que fenômenos equivalentes a estes na fala, como, por exemplo, hesitações, reformulações e correções, não são previsíveis, “[...] como a noção de metaconhecimento, ou mesmo monitoração da fala, o exigiria [...]” (LEMOS, 2002, p. 62). O sujeito escrevente, nesse movimento, emergiria, então, em um outro intervalo: “[...] naquele que se abre entre a instância que fala [escreve] e a instância que escuta [lê], instâncias não coincidentes.” (LEMOS, 2002, p. 62).

Assim, essas rasuras mostram simultaneamente uma perda e uma busca de ancoragem na língua, uma vez que, na escrita da criança, simultaneamente a língua lhe escapa (ao fazer emergir nessa escrita suas não-coincidências) e a ancora (pelo privilégio dado, nessa escrita, a algum elemento dessas não-coincidências, tido como o não-rejeitado, ou o acolhido). Mostram, assim, pela diferenciação marcada na escrita da criança, pontos de autoria, pontos em que se detecta sua “escuta” (sua “leitura”) da língua, de suas não-coincidências, e sua “tomada de posição” (nem sempre na direção das convenções) em relação a essas não-coincidências.

Essas possibilidades de ancoragem, no entanto, não necessariamente apontarão para uma direção previsível, no sentido de que se assentarão em características ou do oral ou do letrado que constituem a enunciação escrita. Elas se assentarão – pelo que a análise que empreendi deixa entrever – nas múltiplas e diversificadas maneiras pelas quais as diferentes características da escrita, da fala, da leitura e da audição se entrelaçam nessa constituição, heterogênea, portanto, por princípio.

* * *

Ao encerrar a descrição do que considero como o terceiro momento de minha trajetória de investigação, relembro o que, de modo pontual, levou-me a ele: injunções profissionais, particularmente o trabalho com extensão de serviços à comunidade, o que me levou, durante oito anos, ao acompanhamento das atividades pedagógicas de professores e ao contato com crianças em escolas de Educação Infantil e de Ensino fundamental I de Marília (SP). Mas essas injunções, por si mesmas, não explicam o desenrolar da trajetória.

Esse terceiro momento melhor se caracteriza por uma série de deslocamentos teórico-metodológicos em relação ao momento anterior. Com efeito, deslocaram-se os tipos de dados: da linguagem afetada por uma patologia para a própria constituição da linguagem; da fala do adulto para a fala infantil; da fala, exclusivamente, para as relações entre ela e a escrita. Deslocou-se, ainda, e principalmente, o objeto de investigação: as hesitações, de centro de investigação no segundo momento, passaram a marcas de instabilidades da própria língua – estas, sim, o novo objeto de investigação –, ao lado de várias outras marcas de não-coincidências da língua consigo mesma, como aquelas entre escuta e escrita de palavras, e ainda aquelas como flutuações e rasuras de segmentação de palavras. De modo bastante surpreendente para mim, embora não se constituindo, talvez, em novidade no campo da pesquisa sobre a linguagem, o aprofundamento da discussão de fatos do discurso me conduziram, em retorno (e com deslocamentos), a fatos linguísticos e a sua natureza equívoca: do discurso à língua, da língua ao discurso: um trânsito sem ponto de parada.

Mas seriam as instabilidades da língua o ponto de chegada da trajetória? Ou não se situariam as instabilidades em outro lugar?

Palavras finais:

de onde o instável e o que dizer de suas relações com o estável?

Nas duas últimas décadas, trabalhei com um conjunto bastante diversificado de dados linguísticos. Como se viu, eles foram extraídos de contextos bastante distintos, tais como os de perda/mudança de condição discursiva da linguagem no adulto e os de sistematização da linguagem na infância, ou, ainda, os de enunciação falada e os de enunciação escrita. Algo em comum, no entanto, permeou a natureza desses dados: todos remetiam a (diferentes formas de) instabilidades no exercício da linguagem. Com efeito, tratei daquelas decorrentes do caráter tido como não-apropriado de pausas, bem como daquelas decorrentes de hesitações, no modo de enunciação falado da linguagem. Tratei, ainda, daquelas decorrentes das não-coincidências de elementos da língua consigo mesmos, no modo de enunciação escrito da linguagem.

Houve, no entanto, deslocamentos teórico-metodológicos na maneira de tratamento dessas diferentes formas de instabilidade ao longo do que identifiquei como três momentos de minha trajetória de investigação nestes últimos 20 anos.

No primeiro momento, a compreensão (de um ponto de vista linguístico) do caráter tido como não-apropriado das pausas na fala de sujeitos com Doença de Parkinson constituiu o objeto de investigação. A marca linguística específica que elegi para compreendê-lo foi a duração (que se mostrava como oscilante) dessas pausas. Em função do *outro primordial* – a literatura biomédica – com quem, predominantemente, se deu o diálogo (interno e externo) da investigação, a instabilidade da duração dessas pausas se mostrou de duas maneiras principais: (1) como o mascaramento, na linguagem em uso, de regularidades linguístico-textuais, especialmente as de natureza semântica; e (2) como índice de seu caráter hesitativo. Tratava-se, então, de uma forma

de instabilidade que (não-conscientemente) interpretei como externa à linguagem e/ou como interna a uma subjetividade não-atravesada, não constituída pela linguagem.

Houve resultados desse primeiro momento que considero como muito positivos, principalmente porque forneceram elementos para problematizar a visão extremamente patologizante que a literatura biomédica tinha/tem das condições de linguagem de sujeitos parkinsonianos. Com efeito, mesmo que exploratórios, com eles pude pelo menos levantar indícios do que se preservava e/ou do que se deslocava na linguagem em uso de sujeitos na condição de parkinsonianos. Pude ainda, de algum modo, mostrar que, sim, esses sujeitos permaneciam no funcionamento da linguagem⁴⁸, já que as mudanças de sua condição enunciativa – mesmo que provocadas por uma mudança de condição biológica –, não os alienavam da condição de sujeitos de (sua) linguagem. Em outras palavras, na maneira como, empiricamente, se conduziam numa conversação – a despeito de suas limitações orgânicas –, era possível a identificação de aspectos que remetiam ao estável (no caso, das regularidades linguístico-textuais), bem como ao instável (no caso, das hesitações) na linguagem – tal como interpretei a natureza desses aspectos à época.

Esse foi o alcance da investigação. Mas houve, como já disse, limites nesse alcance. Vamos recordá-los.

A interpretação do não-apropriado das pausas deveu-se, segundo a visão atual que tenho desse primeiro momento, ao *locus* teórico-metodológico que sustentou minhas investigações (bem como as de meus orientandos) nesse período: aquele possibilitado pelos estudos do texto falado, na perspectiva textual-interativa. Conduzido por esse olhar, interpretei o instável como um fato da superfície linguística, já que

⁴⁸ Entenda-se que, da perspectiva discursiva, um sujeito permanece “no funcionamento da linguagem” quando mantém a condição de todo sujeito de linguagem de, ao acionar a linguagem, fazê-lo segundo formas linguísticas específicas de sua própria constituição como sujeito, tais como formas que, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, marcam sua procedência cultural e sua inserção e determinação sócio-históricas.

reduzi sua ação àquilo que, positivamente, se podia detectar no âmbito de sessões empíricas de conversação.

Percebi-o, ainda, nesse quadro epistemológico, como exterior à linguagem, já que, fundamentalmente, ele advinha das condições emocionais e fisiológicas de um sujeito que, empiricamente e não-constituído/atravessado pela linguagem, projetava numa conversa o instável dessas suas condições. Em outras palavras, percebi-o como sendo não da, mas estando na linguagem – com certa previsibilidade (dado o mascaramento que fazia de regularidades semântico-textuais), mas, também, com certa imprevisibilidade (dada sua relação com momentos de hesitação na conversa).

No entanto, como ficou dito, os limites desse olhar provocaram-me fortes inquietações, para as quais, como se viu, busquei respostas no quadro epistemológico dos estudos do discurso de orientação francesa. Com os necessários deslocamentos que advieram da adoção desse quadro: (1) o sujeito empírico da conversação passou a ser entendido como subjetividade constituída (i) por redes discursivas e (ii) por processos internos, ambos, em grande medida, inacessíveis a essa subjetividade – constituída, em síntese, pela história e pelo inconsciente; (2) as sessões (empíricas) de conversação passaram a ser entendidas como materializações de processos discursivos e/ou como superfície discursiva, ou, ainda, como fio do discurso – *locus* privilegiado de observação de processos que Authier-Revuz (1990) atribui ao que chama de *heterogeneidade mostrada*.

Como consequência, o sujeito da enunciação do primeiro momento passou a ser visto como um recorte de uma subjetividade mais ampla, como uma (necessária) ilusão subjetiva, que se vê /se percebe como fonte do (seu) dizer, do (seu) discurso, quando, de fato, como bem diz Authier-Revuz (1990), é constituído por uma alteridade radical, ou

seja, é efeito da rede interdiscursiva que essa autora chamou de *heterogeneidade constitutiva*, bem como de sua estrutura inconsciente.

Desse modo, na passagem do primeiro para o segundo momento de minha trajetória, ao deslizar do caráter não-apropriado das pausas para a hesitação, o objeto de investigação sofreu, fruto desse deslizamento, uma mudança de estatuto, já que passou a ser situado noutra *locus* de investigação: o do discurso, e não mais o da conversação. Com esse deslocamento epistemológico, o objeto deslizou, então, do produto do discurso (ou seja, das pausas detectadas na materialidade linguística de sua superfície) para o processo de sua produção (notadamente, nesse processo, para as hesitações, na medida em que denunciam relações entre a *heterogeneidade constitutiva* e a *heterogeneidade mostrada* do discurso).

Uma vez que parte do que detectei no caráter não-apropriado das pausas⁴⁹ correspondia ao que, em termos discursivos, indiciava seu caráter hesitativo, elas passaram a ser vistas como marca linguística deste outro objeto: a hesitação, entendida como (mais) uma das formas de heterogeneidade mostrada. Em outras palavras, assim ressignificadas (e incluídas num rol composto por pausas silenciosas, pausas preenchidas, alongamentos hesitativos, repetições hesitativas, gaguejamentos, incoordenações e interrupções), as pausas do primeiro momento foram consideradas, no segundo, como marca linguística dessa forma de heterogeneidade mostrada que é a hesitação. Trata-se de uma forma que, como as demais, ao mostrar negociações entre a subjetividade que se representa como *eu* e os *outros* que a constituem, denuncia o descentramento, a divisão, a clivagem do sujeito e, como decorrência, permite entrever a presença, no fio do discurso, de elementos da alteridade que o constituem como tal.

⁴⁹ Categorizadas, no primeiro momento, como silenciosas, preenchidas e mistas.

Quando mostrada pela hesitação, no entanto, a presença desses elementos de alteridade provoca turbulências na produção do discurso. É quando se explicitam os embates (sempre presentes e atuantes nessa produção) entre elementos de famílias parafrásticas do dizer que compõem a heterogeneidade constitutiva do discurso. Em outras palavras, as turbulências indiciadas pela hesitação mostram conflitos entre dizeres sobrepostos (ou mesmo entre elementos sobrepostos da própria língua) aos quais não se tem acesso nos momentos sem quebra e, por isso, sentidos como fluentes do discurso – já que a fluência é um efeito de controle da deriva, sustentado pela parte da subjetividade que se assume/se representa como *eu*.

Chamo, no entanto, a atenção para uma diferença de natureza que, não destacada pela literatura que se volta para as hesitações, ousou aqui a apresentar como descoberta – no que diz respeito a como as diferentes marcas linguísticas de hesitação indiciam momentos de conflito entre dizeres (e elementos da língua) sobrepostos. Realço essa diferença de natureza das marcas porque ela parece estar na base de distintas maneiras pelas quais esse *eu* dá mostras de como “reage” aos *outros* que o interpelam como sujeito.

Para caracterizar essas distintas “maneiras de reação”, distribuí as marcas linguísticas de hesitação em três grupos formais: aquele que se caracteriza pelo silêncio (composto pelas pausas silenciosas e pelas interrupções); aquele que se caracteriza pelas vocalizações (composto pelas pausas preenchidas, pelos alongamentos hesitativos e pelas incoordenações); e, por fim, aquele que se caracteriza pelas tentativas de lexicalização (composto pelos gaguejamentos e pelas repetições hesitativas). Passemos a observar, portanto, como silêncio, vocalizações e tentativas de lexicalização mostrariam distintas formas de posicionamento do *eu* em relação à demanda do *Outro*.

Na multiplicidade de dizeres (e elementos da língua) em conflito, a “reação pelo silêncio” caracterizar-se-ia por deixar entrever o signo⁵⁰ que falta, ou o signo que escapa ao *eu*. Trata-se de uma reação “não-verbalizada”, mas que dá pistas da “[...] condição de vir-a-ser do discurso, onde o real, as coisas, ‘estão lá’, mas não se pode falar delas.” (TFOUNI, 2006, p. 130).

Por sua vez, nessa mesma multiplicidade, a “reação pela vocalização” caracterizar-se-ia por deixar entrever um significante⁵¹ que falta, ou um significante que escapa ao *eu*, mas que, mesmo se mostrando como inacessível, deixa rastros de que se constitui pelo som. Trata-se de uma reação que se pode entender como “semiverbalizada”, já que projetada por uma materialidade fônica linguisticamente não-reconhecível (porque não-imputável a um significante reconhecível na língua), mas relacionada a um significado.

Por fim, nessa mesma multiplicidade, a “reação pelas tentativas de lexicalização” caracterizar-se-ia por deixar entrever um significado⁵² que falta, ou um significado que escapa ao *eu*. Trata-se de uma reação que se pode entender como “quase-verbalizada”, uma vez que a inacessibilidade ao significado se mostraria pela ancoragem em significantes ou em resíduos de significantes linguisticamente reconhecíveis, mas não necessariamente em conexão com o significado tido como desejado.

Nas três “formas de reação”, estão, porém, em questão: ou uma ameaça de emergirem novos dizeres por uma possível submissão do discurso à deriva, ou por um possível deslizamento entre dizeres (e elementos da língua) sobrepostos de sua rede interdiscursiva que produziria sua dispersão; e/ou uma busca de ancoragem em elementos do dizer que permitiriam uma amarração linguística e discursivamente

⁵⁰ No sentido saussuriano do termo.

⁵¹ Também no sentido saussuriano do termo.

⁵² Igualmente no sentido saussuriano do termo.

esperada em sua superfície – no sentido de essa superfície poder se caracterizar como um enunciado ajustado pelo que se entende como (sua) coesão e coerência.

Eis como interpreto, em síntese, os principais passos – que considero como os principais ganhos – do segundo momento de minha trajetória de investigação, cujos êxitos, tanto de alcance teórico quanto de interpretação de dados, decorreram especialmente do deslocamento epistemológico provocado pela adoção de preceitos dos estudos (de orientação francesa) do discurso.

Mas aí – recordando-o –, sobretudo em razão de injunções profissionais, novo deslocamento ocorreu em minha trajetória. Na verdade, esse deslocamento já vinha se dando no desenrolar do segundo momento, quando os conflitos entre dizeres mostrados pelas marcas linguísticas de hesitação começaram a ceder seu lugar de primeiro plano de minha inquietação científica para os conflitos entre os elementos da própria língua (num mesmo ou entre seus subsistemas) também mostrados pelas mesmas marcas – ambos os tipos de conflitos analisados em dados de sujeitos com Doença de Parkinson.

O deslocamento, como se vê, não foi, então, tanto de escopo de investigação: o discursivo. Foi, de fato, bastante em se tratando de (i) objeto, de (ii) eventos de extração de dados, de (iii) marcas linguísticas e de (iv) sujeitos de investigação.

Com efeito, como se viu, o discurso permaneceu como pano de fundo da investigação, como conjunto de práticas que regulam a produção e a circulação do dizer na fala/audição, na escrita/leitura, bem como nas suas relações. Ou seja, da oralidade, do letramento e de suas relações, assumi sua constituição, bem como seu entrelaçamento, como práticas sócio-históricas de regulação da língua em uso em eventos de fala/audição e de escrita/leitura – portanto, como práticas discursivas nas quais o funcionamento da língua pode (e deve) mostrar sua inescapável presença nesses eventos.

Sobre esse pano de fundo, projetaram-se como objeto de investigação os conflitos mostrados da língua, na medida em que a língua ocupa um lugar (na qualidade de um *outro* privilegiado, de uma alteridade essencial) em eventos de fala/audição e de escrita/leitura. Em razão da diversidade de natureza desses eventos, outras marcas linguísticas – além daquelas que indiciam processos hesitativos, para as quais já tinha me voltado em dados de sujeitos parkinsonianos – passaram a ser contempladas. Assim, ao lado das marcas linguísticas de hesitação, voltei-me para os desencontros entre percepção de fala e ortografia e, ainda, para desencontros na segmentação de palavras. Dito de outro modo: além de para zonas opacas da língua mostradas em hesitações, voltei-me para não-coincidências entre seus próprios elementos (tais como aquelas entre a escuta e a escrita de uma mesma palavra e, ainda, entre a estrutura prosódica e a ortográfica de uma mesma palavra). A escolha de marcas linguísticas estruturalmente tão diversificadas não foi, no entanto, casual: como se viu, todas permitiram entrever como elementos da fonologia da língua se mostravam em conflito entre si e/ou em conflitos com elementos de outros planos da língua – em eventos de fala/audição (como na declamação de uma mesma parlenda); de escrita/leitura (como nas flutuações e nas rasuras de segmentação de palavras); e/ou de seus entrecruzamentos (como nas não-coincidências entre percepção de fala e ortografia e, ainda, nas flutuações e rasuras de segmentação). Para tanto, também como se viu, ao invés de me voltar, como fiz por 15 anos, para dados de sujeitos cuja condição linguístico-discursiva indicia turbulências de (sua) reorganização – adultos cuja constituição como sujeitos mostrava-se afetada pela Doença de Parkinson –, voltei-me para dados de sujeitos nos quais essa mesma condição (linguístico-discursiva) indicia turbulências de (sua própria) sistematização – crianças em condições não-patologizantes de constituição como sujeitos. Em outras palavras, deixei de investigar as instabilidades resultantes de transformações numa

ordem que regulava, em adultos, as relações entre discurso e (zonas da) língua, para investigar, nas crianças, as instabilidades resultantes justamente da instauração de uma ordem: de regulação das relações entre (zonas da) língua e discurso.

Mas, nessa passagem do segundo para o terceiro momento, semelhantemente a como se deu a passagem do primeiro para o segundo, tratar-se-ia propriamente de uma nova mudança de estatuto de objeto de investigação? Não, e sim – pode-se responder.

A resposta é negativa no sentido de que se manteve uma característica essencial do *locus* da investigação. Com efeito, não foram fatos da superfície discursiva que foram investigados (como no primeiro momento), mas sim (como no segundo) conflitos entre elementos de um *outro* específico do discurso (a língua), conforme mostrados, nessa superfície, por marcas de hesitação (na fala) ou por seus próprios desencontros (na escrita).

A resposta é afirmativa, porém, quando se pensa que (i) hesitações, (ii) desencontros entre audição e ortografia e, ainda, (iii) flutuações e rasuras de segmentação de palavras corresponderiam a processos discursivos que, embora (obviamente) difiram em sua natureza linguística, não diferem em seu funcionamento. Em outras palavras, a passagem do segundo para o terceiro momento mostra que, enquanto funcionamento discursivo, esses três diferentes processos nada mais são do que faces semioticamente distintas de um mesmo e único (e mais abrangente) processo – que passo agora a categorizar como **instabilidades da linguagem**. Trata-se de instabilidades que ilustram, a meu ver, a reinterpretação (teórico-metodológica) que faço de um dos possíveis fundamentos da linguagem, que recupero de Saussure: “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE, 1979, p. 16). Como prefiro entender, a cada instante, a linguagem é,

simultaneamente, estrutura e curso, mas não no sentido de uma estrutura *a priori* que se sobreporia a/estancaria um curso, mas no sentido de uma estruturação que emerge, se estabiliza e se transforma nesse próprio curso. Ou, em outras palavras, uma estrutura que se desloca pela ação do curso, mas que, inversamente, tenta organizar o desenrolar desse curso. Essa tensão, constante, entre ordem e movimento pode ser detectada em vários planos da linguagem, como: no funcionamento da língua (quando se fala, por exemplo, em variação e mudança linguística); no funcionamento do discurso (quando se fala, por exemplo, na organização da rede que constitui o interdiscurso); nas relações entre língua e discurso (quando se fala, por exemplo, das marcas linguísticas mais características de um tipo de discurso, ou da articulação entre zonas da língua e certos campos do dizer).

Mas, em qualquer dessas situações, trata-se de uma estrutura em estabilização-desestabilização, já que, ao tentar regular, produzir o efeito de continuidade no curso, se deixa afetar pela força da (latente) descontinuidade desse curso. Eis, pois, como interpreto as relações entre o instável (já que provém do descontínuo) e o estável (já que provém da organização) da linguagem, tensão que, acredito, mostrei nas análises expostas neste texto e que, ao fim, caracterizei como **instabilidades da linguagem**.

Quando essa tensão estrutura/curso não se mostra presente, ou se desfaz, produzem-se na linguagem desarticulações como aquelas vistas, por exemplo, na fala delirante de sujeitos em condição de esquizofrenia, na escrita (num texto literário) caracterizada como fluxo de consciência, ou, ainda, na fala fragmentária de sujeitos com características autísticas, nas situações em que se detectam, nessa fala, recortes justapostos e não-analisados da fala do outro.

Dentre os planos da linguagem, porém, é o discurso, a meu ver, que se mostra como o *locus* privilegiado de observação e de análise dessa tensão, dada sua

prerrogativa de produzir e criar as condições de circulação do dizer e da amarração linguística do dito, bem como a de, nessa produção e criação, constituir os indivíduos (mesmo que ilusoriamente) em sujeitos desse dizer. É a ordem do discurso⁵³ que, em outras palavras, organiza o fluxo heterogêneo e derivante de sua constituição, estabelecendo, assim, ao mesmo tempo, as bases para a amarração de seus elementos (linguístico-discursivos) na superfície discursiva e para a tentativa de contenção da (sua) deriva. É a ordem do discurso, também, que, ao instituir como sujeito a subjetividade que o mobiliza, não a deixa perder-se no emaranhado do (seu) inconsciente e cria, nela, a ilusão de controle sobre o (seu) dizer.

No entanto, como procurei mostrar, a ordem não se instala no fluxo sem sofrer o efeito de sua latente descontinuidade. A todo momento da produção do discurso, portanto, essa tensão está em jogo – encoberto e mostrado –, como vários aspectos das investigações apresentadas neste trabalho possibilitam demonstrar, os quais, uma vez mais, retomarei.

Se lembrarmos a semiotização do discurso pela fala, veremos que a tensão é encoberta, por exemplo, nos momentos em que seu desenrolar, na superfície discursiva, se mostra como contínuo (como fluente); e que é mostrada, como se viu, nos momentos de hesitação, pois, ao quebrarem a continuidade dessa superfície, permitem entrever a sobreposição descontínua, fragmentária, de elementos da rede interdiscursiva do discurso, ou mesmo da língua.

Se, ainda, retomarmos a semiotização do discurso pela escrita, veremos que, similarmente, a tensão pode se mostrar como encoberta e como mostrada. No caso da segmentação de palavras, será encoberta quando, no fio da escrita, não emergirem

⁵³ No sentido de Foucault (2010).

flutuações e/ou rasuras de segmentação; e será mostrada, quando esses fenômenos ocorrerem.

Por fim, se retomarmos a intersemiotização do discurso na relação entre percepção da fala e ortografia, mais uma vez, a tensão pode se mostrar como encoberta e como mostrada. Será encoberta nos momentos de coincidência entre os dois aspectos dessa intersemiose; e será mostrada, nos momentos de não-coincidência⁵⁴.

Há, no entanto – acredito –, diferenças de natureza nas distintas maneiras como a tensão é mostrada nessas três situações de materialização semiótica do discurso. Embora essas distintas maneiras possam se caracterizar como recursos discursivos (como instabilidades da linguagem, conforme os defini) da ordem das relações entre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, disponho-as em dois grupos principais.

No primeiro, em que incluo hesitações e rasuras, essas duas formas de instabilidade da linguagem (enquanto formas de heterogeneidade mostrada) podem ser remetidas ao que Pêcheux (2009) categoriza como esquecimento número 2 do sujeito, na medida em que, enquanto falante (no caso das hesitações) e enquanto escrevente (no caso das rasuras), o sujeito “selecionaria”, “[...] no sistema de enunciados, formas e sequências que [em determinada formação discursiva] se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, 2009, p. 161 – em itálico no original)⁵⁵. Hesitações e rasuras, com efeito, criam, no fio do discurso, a ilusão de “aceitação/distanciamento” do sujeito em relação

⁵⁴ Destaquei as semioses que investiguei. Acredito, porém, que fatos semelhantes podem ser identificados em outras semioses não contempladas em minha trajetória de investigação, como, por exemplo, a eletrônica, base da chamada escrita digital.

⁵⁵ Relembre-se, no entanto, que “[...] o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente.” (PÊCHEUX, 2009, p. 163).

aos elementos parafrásticos que emergiram em tensão nesse fio, já que, nessa ilusão, ele os mostrará ou como desejados ou como rejeitados. Criam, portanto, a ilusão de “seleção” – e, por conseguinte, de escolha/recusa.

Situação um pouco diferente, a meu ver, ocorre nas flutuações (de segmentação de palavras) e nas não-coincidências (entre audição e ortografia de palavras). Esses dois casos me parecem poder ser melhor situados num espaço de transição entre processos semiconscientes e inconscientes do sujeito. Situam-se, pois, entre o que Pêcheux (2009) categoriza como esquecimento número 2 e o que categoriza como esquecimento número 1 – entendido, este último, como “[...] uma analogia com o recalque inconsciente [...]” (PÊCHEUX, 2009, p. 162). Com efeito, diferentemente do que ocorre com hesitações e com rasuras, nas flutuações e nas não-coincidências entre audição e ortografia de palavras não se verifica a ilusão de “aceitação/distanciamento” do sujeito em relação a elementos conflitantes, já que eles emergem indistintamente no fio do discurso, sem que o sujeito se dê conta de sua diferença, do conflito entre eles. As flutuações e o tipo aqui tratado de não-coincidências assemelham-se, portanto, a lapsos, embora não o sejam. Caracterizam-se, pois, de certo modo, como momentos de dispersão, como momentos em que a irrupção do outro não se faz notar e produz descontinuidades no dizer (pela escrita ou pela relação escrita/audição). Seriam, assim, “negociações não bem-sucedidas”, já que, de algum modo, embora a tensão entre a ordem e a descontinuidade tenha se mostrado, o controle da deriva pelo *eu* não se efetivou.

No entanto, a despeito de tais diferenças, é possível ver que as instabilidades da linguagem, ao mesmo tempo, indiciam pontos de deriva e pontos de ancoragem do dizer. Ou seja, pontos nos quais, no discurso e no sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de dispersão e a possibilidade da ancoragem se fazem mostrar. Trata-se de pontos nos quais interdiscurso e inconsciente atuam no sentido de fazer o discurso e o

sujeito perderem-se de si mesmos (como nas flutuações e nas não-coincidências), mas ao mesmo tempo, de pontos em que os mecanismos de organização do discurso e do sujeito podem, também, mostrar sua força (como nas hesitações e nas rasuras).

Em síntese, trata-se, em ambas as situações, dos efeitos do embate, mostrados no discurso, entre o instável e o estável da linguagem. Da linguagem porque, no discurso, o instável está constitutivamente na descontinuidade da sobreposição de dizeres da infinitude interdiscursiva, nos mecanismos do inconsciente e – por que não? – na própria (opacidade da) língua, já que seu uso real é discursivamente orientado. De modo similar, já que, fundamentalmente em embate com o instável, é também da linguagem o estável, na medida em que, também constitutivamente, ele é o elemento regulador da infinitude interdiscursiva e dos mecanismos inconscientes, bem como da amarração da cadeia linguística da superfície discursiva, de tal modo que ela mostre como dominada por um *eu* que a produz de acordo com preceitos reguladores, de natureza linguístico-discursiva.

Passos futuros

Considero o que expus nesta sistematização crítica como uma primeira formulação, explícita, do produto de 20 anos de uma trajetória de investigação. No momento, essa formulação se caracteriza, para mim, como a base de aprofundamentos, tanto teóricos quanto metodológicos, que pretendo fazer das reflexões que aqui mostrei. Serão aprofundamentos sustentados em dados de crianças, especialmente dados de hesitações na (sua) fala e de rasuras na (sua) escrita.

Projeto, como fruto desses futuros aprofundamentos, diferentes formas de organização e de divulgação de seus resultados, sob forma, por exemplo: de publicações em artigos e livros; de cursos de graduação, de pós-graduação e de extensão; de exposições orais em eventos; e de fomento de reflexões no interior do grupo de pesquisa que coordeno, o GPEL. Essa organização e divulgação de futuros resultados pode ser dar, ainda, em situações e contextos que, no presente, não alcanço projetar.

No entanto, uma trajetória de investigação pode ser (ou de fato é) similar a como compreendi um importante fundamento da linguagem: como uma tensão, constitutiva e constante, entre o estável e o instável. Projetar corresponderia a buscar sistematizar, organizar, estruturar, “domar” a latente possibilidade da descontinuidade. É, pois, da ordem do estável, mesmo que como prospecção. Mas, se o fluxo de minha futura trajetória se desenvolver como o foi até o presente momento, ou seja, nem sempre linear, ela também deverá/poderá sucumbir ao instável. Especialmente porque, também o instável, mesmo como prospecção, deverá/poderá atuar com igual força em seu devir. Posso, como aconteceu nestes 20 anos, “lidar preferencialmente com o insólito”, sucumbir a injunções profissionais, sofrer percalços cujos efeitos venham a se materializar “em descobertas (e redescobertas) de objetos de investigação, mudanças de objetos e/ou de concepção teórico-metodológica de investigação, mudanças de grupos de

sujeitos, dentre outras.”. Mas, a exemplo do que foram os últimos 20 anos, esses percalços também deverão/poderão ser constitutivos do devir da trajetória.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. Lingüística e psicopedagogia. In: SCOZ, B. J. L. *et al* (Org.) **Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 186-216.

_____. Ritmi dell'oralità e ritmi della scrittura. In: ORSOLINI, M.; PONTECORVO, C. **La costruzione del testo scritto nei bambini**. Rome: La Nuova Italia, 1991a.

_____. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre a segmentação na escrita inicial. **Revista da Abralín**, Campinas, v. 11, p. 203-217, 1991b.

ADOLPHS, R.; SCHUL, R.; TRANEL, D. Intact recognition of facial emotion in Parkinson's disease. **Neuropsychology**, Washington, v. 12, n. 1, p. 253-258, 1998.

ANDRÉ, C. *et al*. **PERCEVAL: PERCeption EVALuation Auditive & Visuelle** (Versão 5.0.30) [Programa de computador]. Disponível em: <http://aune.lpl.univ-aix.fr/~lpldev/perceval/>. Acesso em 31 jan. 2009.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAGUNYÁ, J.; SANGORRÍN, J. Disartrias. In: PENA, C. J. **Manual de Fonoaudiologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 113-128.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. **Revista Brasileira de Neurologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BARIK, H. C. On defining juncture pauses: a note on Boomer's "Hesitation and grammatical encoding". **Language and Speech**, London, v. 11, p. 156-159, 1968.

BATISTA, C. G. Concordância e fidedignidade na observação. **Psicologia**, São Paulo, v. 3, n.2, p. 39-49, 1977.

BENKE, T.; BOSCH, S.; ANDREE, B. A study of emotional processing in Parkinson's disease. **Brain and Cognition**, New York, v. 38, n. 1, p. 36-52, 1998.

BERTI, L. C. PERCEFAL: instrumento de percepção de fala. In: **Perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia**. I Simpósio Internacional do Grupo de Pesquisa "Avaliação da fala e da linguagem". Marília: 2011 [Desenvolvimento de material didático e instrucional].

BLONDER, L. X.; GUR, R. E.; GUR, R. C. The effects of right and left hemiparkinsonism on prosody. **Brain and language**, Amsterdam, v. 36, n. 2, p. 193-207, 1989.

BOERSMAN, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer (Version 5.0.30) Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em 01 nov. 2009.

BOOMER, D. S. Hesitation and grammatical encoding. **Language and speech**, London, v. 8, p. 148-158, 1965.

BOUHUYS, A. L.; MEULEN, W. R. E. H. M. V. D. Speech timing measures of severity, psychomotor retardation, and agitation in endogenously depressed patients. **Journal of Communication Disorders**, New York, v. 17, n. 4, p. 277-288, 1984.

CAEKEBEKE, J. F. V. *et al.* The interpretation of dysprosody in patients with Parkinson's disease. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 54, n. 2, p. 145-148, 1991.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p. 137-151, 1992.

CAMILLO, M. **Hesitações em deslizamentos do dizer de sujeitos parkinsonianos e não-parkinsonianos: um estudo comparativo**. 2011. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. 2011.

CANTER, G. J. Speech characteristics of patients with Parkinson's disease: I. intensity, pitch and duration. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, Rockville, v. 28, p. 221-229, 1963.

_____; VAN LANCKER, D. R. Disturbances of the temporal organization of speech following bilateral thalamic surgery in a patient with Parkinson's disease. **Journal of Communication Disorders**, New York v. 18, n. 5, p. 329-349, 1985.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra**. 2007. 132f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2007.

CHACON, L. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Relação entre aspectos motores e cognitivos nas dificuldades de linguagem de parkinsonianos. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 141-152, 2002.

_____. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 15n. 2, p. 369-383, 2013.

_____; BERTI, L. C. Ocorrências de coda silábica simples na escrita infantil. In: MATZENAUER, C. L. B.; MORESCO, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C. (Orgs.). **Estudos da linguagem**: VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Pelotas: EduCat, 2008. p. 273-289.

_____; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas (SP), v. 39, p. 51-70, 2000.

_____; VAZ, S. Relações entre aquisição da percepção auditiva e aprendizagem da ortografia: consoantes soantes em questão. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, p. 695-719, 2013.

_____; VILLEGA, C. C. S. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 81-96, 2012.

CLEMER, E. J. Psycholinguistic aspects of pauses and temporal patterns in schizophrenic speech. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 9, n. 2, p. 161-185, 1980.

CORRÊA, M. L. G. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. **Leitura: teoria e prática**, Campinas, v. 24, p. 52-65, 1994.

_____. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.135-166.

_____. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COUDRY, M. I. H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 99-129, jan./jun., 2002.

CRITCHLEY, E. M. R. Speech disorders of Parkinsonism: a review. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 44, n. 9, p.751-758, 1981.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

DARKINS, A. D.; FROMKIN, V. A.; BENSON, D. F. A characterization of the prosodic loss in Parkinson's Disease. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 34, n. 2, p. 315-327, 1988.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E.; BROWN, J. R. Clusters of deviant speech dimensions in the disarthrias. **Journal of Speech and Hearing Research**, New York, v. 12, n. 3, p. 462-469, 1969.

DE ANGELIS, E. C. **Doença de Parkinson: efetividade da fonoterapia na comunicação oral e deglutição**. 1995. 66f. Dissertação (mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1995.

DIAS, C. E. B. **Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório Fapesp, Processo 04/02349-1, 2005.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FERREIRA, F. V.; CIELO, C. A.; TREVISAN, M. E. Medidas vocais acústicas na doença de Parkinson: estudo de casos. **Revista Cefac**, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 889-898, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FUJIMURA, O. E; ERICKSON, D. Acoustic phonetics. In: HARDCASTLE, W.; LAVER, J. (Orgs.). **The Handbook of Phonetic Sciences**. London: Blackwell Publishers, 1997. p. 65-115.

GASPARINI, G.; DIAFÉRIA, G.; BEHLAU, M. Queixa vocal e análise perceptivo-auditiva de pacientes com doença de Parkinson. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 72-76, jan./jun., 2003.

GELAMO, R. P. **Organização prosódica e interpretação de canções**: a frase entonacional em quatro diferentes interpretações de *Na batucada da vida*. 2006. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2006.

GOLDMAN-EISLER, F. The determinants of the rate of speech output and their mutual relations. **Journal of Psychosomatic Research**, London, v. 1, n. 2, p. 137-143, 1956.

_____. Speech production and the predictability of words in context. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, London, v. 10, p. 96-106, 1958a.

_____. The predictability of words in context and the length of pauses in speech. **Language and Speech**, London, v. 1, p. 226-231, 1958b.

_____. A comparative study of two hesitation phenomena. **Language and Speech**, London, v. 4, n. 1, p. 18-26, 1961.

GROWDON, J. H., CORKIN, S.; ROSEN, T. J. Distinctive aspects of cognitive dysfunction in Parkinson's disease. In: STREIFLER, M.B. *et al* (Org.). **Parkinson's Disease: Anatomy, Pathology, and Therapy**. New York: Raven Press, 1990. p. 365-376.

HAMMEN, V. L.; YORKSTON, K. M.; MINIFIE, F. D. Effects of temporal alterations on speech intelligibility in Parkinsonian Dysarthria. **Journal of Speech and Hearing Research**, Rockville, v. 37, p. 244-253, 1994.

HAYASHI, R. *et al*. Event-related potentials, reaction time, and cognitive state in Parkinson's disease. In: NARABAYASHI, H. *et al*. **Parkinson's disease: From basic research to treatment**. New York: Raven Press, 1993. p. 429-433.

HENDERSON, A.; GOLDMAN-EISLER, F.; SKARBEEK, A. Temporal patterns of cognitive activity and breath control in speech. **Language and Speech**, London, v. 8, p. 236-242, 1965.

_____; _____. Sequential temporal patterns in spontaneous speech. **Language and Speech**, London, v. 9, p. 207-216, 1966.

HIRD, K.; KIRSNER, K. Dysprosody following acquired neurogenic impairment. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 45, n. 1, p. 46-60, 1993.

HOFMAN, S. Aspects of language in Parkinsonism. **Advances in Neurology**, New York, v. 53, p. 327-333, 1990.

_____; STREIFLER, M. Disorders of verbal expression in Parkinsonism. **Advances in Neurology**, New York, v. 40, p. 385-393, 1984.

HOLDEN, M. H.; MACGINITIE, W. H. Children's conceptions of word boundaries in speech and print. **Journal of Educational Psychology**, Philadelphia, v. 3, p. 551-557, 1972.

ILES, J. *et al.* Language production in Parkinson's disease: acoustic and linguistic considerations. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 33, n. 1, p. 146-160, 1988.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e Comunicação**. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 34-62.

JERNUDD, B. H.; THUAN, E. Control of language though correction in speaking. **International Society of Language**, Amsterdam, v. 44, p. 71-97, 1983.

JONES, D. L. *et al.* Impairment in bilateral alternating movements in Parkinson's disease? **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 55, p. 503-506, 1992.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual interativa. In: KOCH, I. G. V.; _____. **Gramática do português falado: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 27-36.

KENT, R. D. Prosodic disturbance and neurologic lesion. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 15, p. 259-291, 1982.

KOCH, I. G. V. *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do Português falado: a ordem**. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1990. p.144-84.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAY, C. H.; PAIVIO, A. The effects of task difficulty and anxiety on hesitations in speech. **Canadian Journal of Behavioural Science**, Ottawa, v. 1, p. 25-37, 1969.

LE DORZE, G. *et al.* The effects of speech and language therapy for a case of dysarthria associated with Parkinson's disease. **European Journal of Disorders of Communication**, London, v. 27, n. 4, p. 313-324, 1992.

LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 41-69, 2002.

LEVIN, H.; SILVERMAN, I. Hesitation phenomena in children's speech. **Language and speech**, London, v. 8, n. 2, p. 67-85, 1965.

_____; _____; FORD, B. L. Hesitation in children's speech during explanation and description. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, New York, v. 6, p. 560-564, 1967.

LUDLOW, C. L.; CONNOR, N. P.; BASSICH, C. J. Speech timing in Parkinson's and Huntington's disease. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 32, p. 195-214, 1987.

LURIA, A. R. Aphasia reconsidered. **Cortex**, New York, v. 8, n. 1, p. 34-40, 1972.

_____. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOTSKY, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EdUsp, 1988. p. 143-189.

MAHL, G. F. Exploring emotional states by content analysis. In: POOL, I. S. **Trends in content analysis**. Urbana: University of Illinois Press, 1959. p. 89-130.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETTI, D. (Org.). **Estudos de língua falada**. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999a. p. 15-46.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999b. p. 159-194.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C. C. A. S. (Org.) **Gramática do português falado: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.47-70.

MARSHALL, R. C.; TOMPKINS, C. A. Verbal self-correction behaviors of fluent and nonfluent aphasic subjects. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 15, p. 292-306, 1982.

MAYEUX, R. *et al.* Depression, intellectual impairments, and Parkinson Disease. **Neurology**, Minneapolis, v. 31, p. 645-650, 1981.

MCNAMARA, P. *et al.* Speech monitoring skills in Alzheimer's disease, Parkinson's disease and normal aging. **Brain and Language**, Amsterdam, v. 42, p. 38-51, 1992.

MESCHONNIC, H. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Paris: Verdier, 1982.

METTER, E. J.; HANSON, W. R. Clinical and acoustical variability in hypokinetic dysarthria. **Journal of Communication Disorders**, New York, v. 19, p. 347-366, 1986.

MILLER, G. A.; NICELY, P. E. An analysis of perceptual confusions among some English consonants. **Journal of the Acoustical Society of America**, New York, v. 27, p. 338-52, 1955.

MONRAD-KRON, G. H. The third element of speech: prosody in the neuro-psychiatric clinic. **Journal of Mental Science**, London, v. 103, p. 326-332, 1957.

MURDOCH, B. E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem**: uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

NASCIMENTO, J. C. **Fenômeno hesitativo na linguagem**: um olhar para a doença de Parkinson. 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. 2005.

_____. **Uma perspectiva discursiva sobre a hesitação**. 2010. 128 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. 2010.

_____; CHACON, L. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n.1, p. 59-76, 2006.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.

NOOTEBOOM, S. G. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: FRONKIM, V. A. **Errors in linguistic performance**: slips of the tongue, ear, pen and hand. Londres: Academic Press, 1980. p. 87-95.

OLIVEIRA, E. C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. 2003. 178f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2003.

OWEN, A. M. *et al.* Fronto-striatal cognitive deficits at different stages of Parkinson's disease. **Brain**, London, v. 115, p. 1727-1751, 1992.

PANG, S. *et al.* The auditory P300 correlates with specific cognitive deficits in Parkinson's disease. **Journal of Neural Transmission**, New York, v. 2, p. 249-264, 1990.

PATER, J.; STAGER, C.; WERKER, J. F. The perceptual acquisition of phonological contrasts. **Language**, Washington, v. 80, p. 361-379, 2004.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990a.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990b. p. 61-161.

_____. **Semântica e discurso**. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 163-252.

PICKETT, E. R. *et al.* Selective speech motor, syntax and cognitive deficits associated with bilateral damage to the putamen and the head of the caudate nucleus: a case study. **Neuropsychologia**, New York, v. 36, n. 2, p.173-188, 1998.

PITCAIRN, T. K. *et al.* Impressions of parkinsonian patients from their recorded voices. **British Journal of Disorders of Communication**, London, v. 25, n. 1, p. 85-92, 1990.

POPE, B. *et al.* Anxiety and depression in speech. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Washington, v. 35, n. 1, p. 128-133, 1970.

PRESTON, J. M.; GARDNER, R. C. Dimensions of oral and written language fluency. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, New York, v. 6, p. 936-945, 1967.

PRETTI, D.; URBANO, H. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1998.

QUIRK, R. *et al.* Prosody and punctuation. In: _____. **A comprehensive grammar of the English language**. London/New York: Longman, 1985. p. 1442-1446.

RAGSDALE, J. D.; SISTERHEN, D. H. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. **Language and Speech**, London, v. 27, p. 235-244, 1984.

RAMIG, L. O. *et al.* Comparison of two forms of intensive speech treatment for Parkinson disease. **Journal of Speech and Hearing Research**, Rockville, v. 38, pp. 1232-1251, 1995.

_____; FOX, C.; SAPIR, S. Parkinson's disease: speech and voice disorders and their treatment with the Lee Silverman Voice Treatment. **Seminars Speech and Language**, New York, v. 25, n. 2, p. 169-180, 2004.

REICH, S. S. Significance of pauses speech perception. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 9, n. 4, p. 379-389, 1980.

REYNOLDS, A.; PAIVIO, A. Cognitive and emotional determinants of speech. **Canadian Journal of Psychology**, Ottawa, v. 22, n. 3, p. 164-17, 1968.

ROBBINS, J. A.; LOGEMANN, J. A.; KIRSHNER, H. S. Swallowing and speech production in Parkinson's disease. **Annals of Neurology**, Madison, v. 19, p. 283-287, 1986.

ROCHESTER, S. R. The significance of pauses in spontaneous speech. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 2, n. 1, p. 51-81, 1973.

ROWE, M. B. Pausing phenomena: influence on the quality of instruction. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 3, n. 3, p. 203-224, 1974.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 29, p.163-184, 1995.

SCHIER, A. C. **Percepção de fala e ortografia na escrita de crianças do ensino fundamental**. 2012. 55f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2012.

_____; BERTI, L. C.; CHACON, L. Desempenho perceptual-auditivo e ortográfico de consoantes fricativas na aquisição da escrita. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 45-51, 2013.

SCOTT, S.; CAIRD, F. Speech therapy for Parkinson's disease. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, London, v. 46, p. 140-144, 1983.

_____; _____. The response of the apparent receptive speech disorder of Parkinson's disease to speech therapy. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 47, p. 302-304, 1984a.

_____; _____. F. Evidence for an apparent sensory speech disorder in Parkinson's disease. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 47, p. 840-843, 1984b.

SERRA, M. P. **Segmentação de palavras: prosódia e convenções ortográficas na elaboração da escrita infantil**. 2007. 102f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

SHEA, B. R. *et al.* Effect of Selegiline on speech performance in Parkinson's disease. **Folia Phoniatria**, Basel, v. 45, p. 40-46, 1993.

SHVACHKIN, N. K. The development of phonemic speech perception in early childhood. In: FERGUSON C.A; SLOBIN D. I. **Studies of child language development**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973. p. 91-127.

SIEGMAN, A. W.; POPE, B. Personality variables associated with productivity and verbal fluency in the initial interview. **Proceedings of the 73rd Annual convention of the American Psychological Association**. Washington D.C., p. 273-274, 1965.

SILVA, A. Músicas infantis e a representação que a criança faz da linguagem/escrita. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 232-244, 2005.

SPENCER, K. A.; ROGERS, M. A. Speech motor programming in hypokinetic and ataxy dysarthria. **Brain and language**, Amsterdam, v. 94, p. 347-366, 2005.

TANNENBAUM, P. H.; WILLIAMS, F.; WOOD, B. S. Hesitation phenomena and related encoding characteristics in speech and typewriting. **Language and speech**, London, v. 10, n. 3, p. 203-215, 1967.

_____; _____. HILLIER, C. S. Word predictability in the environments of hesitations. **Journal of verbal learning and verbal behavior**, New York, v. 4, p. 134-140, 1965.

TASHIRO, K. *et al.* The aetiology of mirror writing: a new hypothesis. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, London, v. 50, n. 12, p. 1572-1578, 1987.

TAYLOR, I. Content and structure in sentence production. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, New York, v. 8, p. 170-175, 1969.

TEULINGS, H. L. *et al.* Parkinsonism reduces coordination of fingers, wrist, and arm in fine motor control. **Experimental Neurology**, New York, v. 146, n. 1, p. 159-170, 1997.

TFOUNI, F. V. O interdito como fundador do discurso. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 127-137, 2006.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 77-96.

_____. Letramento e Autoria: uma proposta para contornar a questão da dicotomia oral/escrito. **Revista da Anpoll**, Campinas, v. 18, p. 127-141, 2005.

_____. Mensagem e poesia: a atualidade de Saussure, Jakobson ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Orgs.) **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EdUfscar, 2008. p. 71-80.

TWEED, J. P.; LANGER, K. G.; MCDOWELL, F. A. The effect of semantic relations on the memory deficit associated with Parkinson's disease. **Journal of Clinical Neuropsychology**, London, v. 4, p. 235-24, 1982.

VIEIRA, R. C. R. **Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações em contexto fonético-fonológico recorrente**. 2009. 105f. Dissertação

(Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. 2009.

VIEIRA, R.; CHACON, L. **Movimentos da hesitação**: deslizamentos do dizer em sujeitos com doença de Parkinson. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

VOLKMANN, J. *et al.* Impairment of temporal organization of speech in basal ganglia diseases. **Brain and language**, Amsterdam, v. 43, p. 386-399, 1992.

VOSS, B. Hesitation phenomena as sources of perceptual errors for non-native speakers. **Language and speech**, London, v. 22, p. 129- 44, 1979.

ZANIBONI, L. F. **Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson**. 2002. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto, 2002.

ZWARG, Y. V. **Hesitações em momentos de avaliações nos enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson**. Relatório PIBIC/CNPq, 2008.